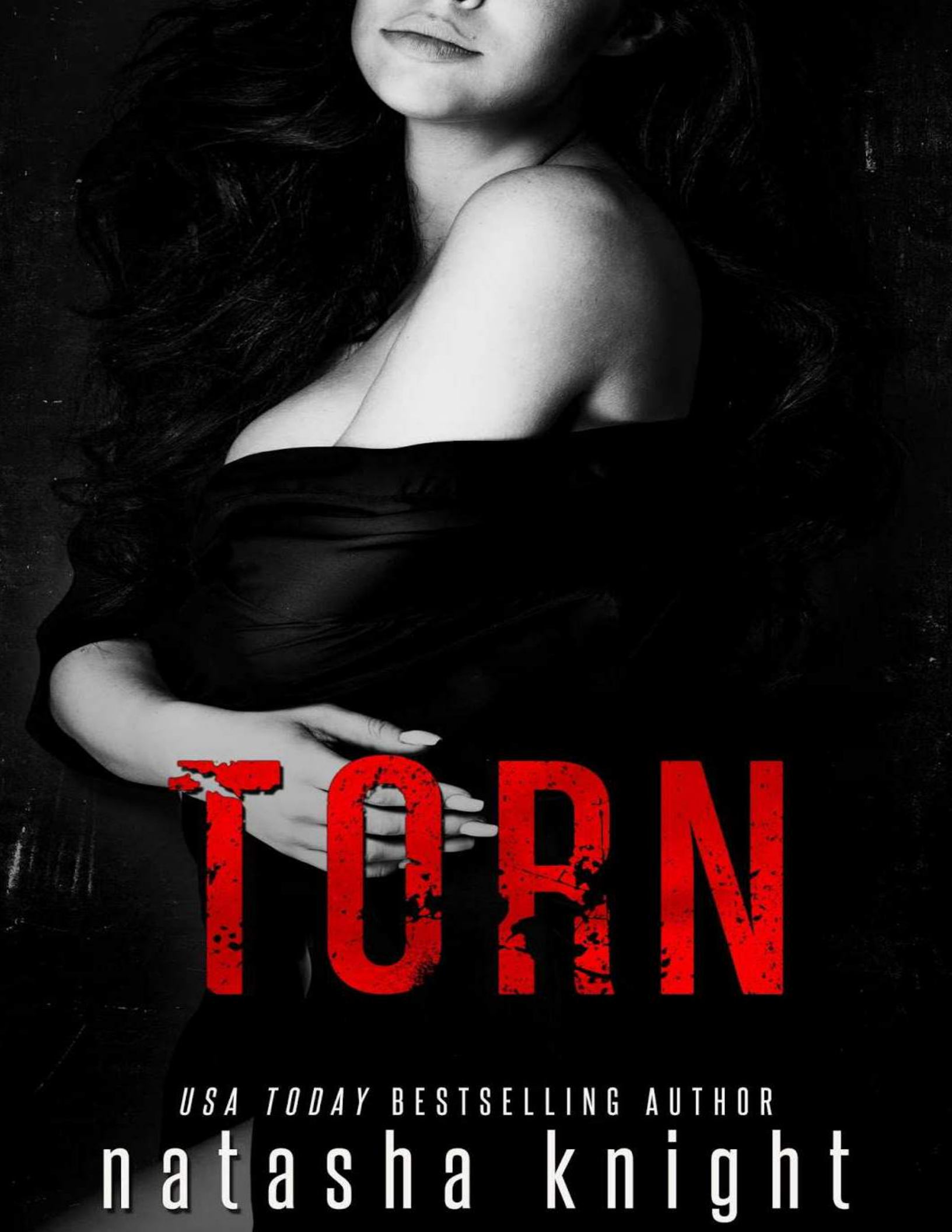

TORN
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
natasha knight

PEGASUS
LANÇAMENTOS

Queens of Shadows



Apresentam

TORN

Natasha Knight

Staff
Pegasus Lançamentos
&
Queens Of Shadows

Tradução: Juuh Alves

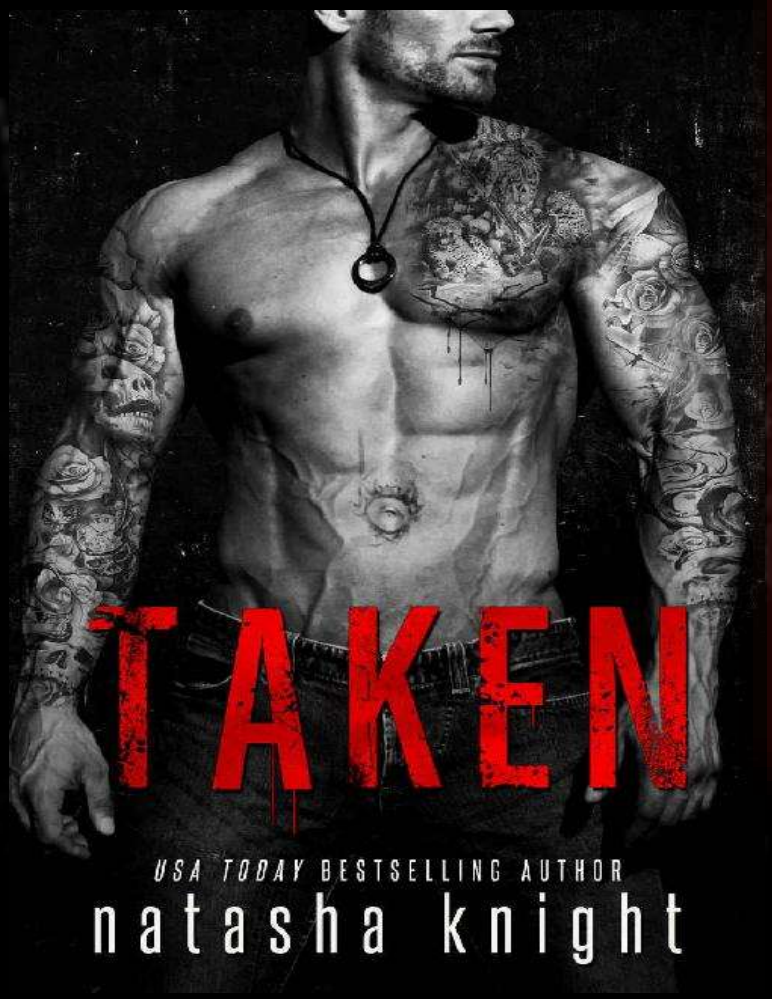
Revisão Inicial: Luiza Nerd

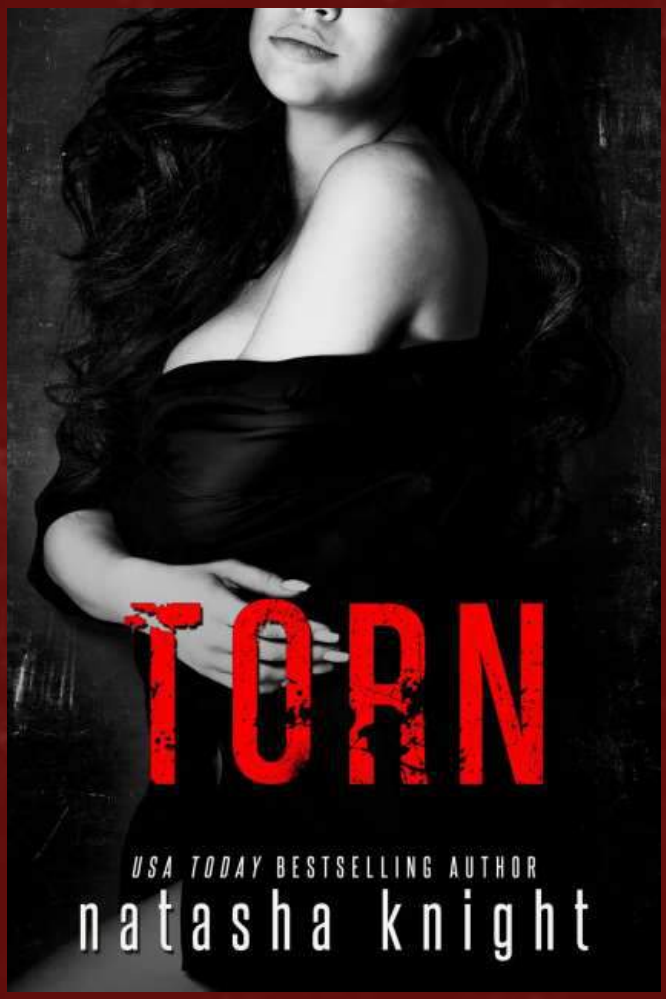
Revisão Final: Kali Nerd, Silvia Helena

Leitura Final: Lilly Draconi

Verificação e Formatação: Shya

Dark Legacy Duet





Tê-la é meu direito.

Quebrá-la é meu dever.

Eu sempre escolheria Helena. Soube no momento em que a vi.

Ela é diferente das outras. Há uma escuridão nela. Algo selvagem, que chama a fera dentro de mim.

Mas ela não é o que eu esperava. Com cada palavra e cada toque, ela me empurra, enterra-se profundamente em minha pele, desafiando as regras e avançando na história.

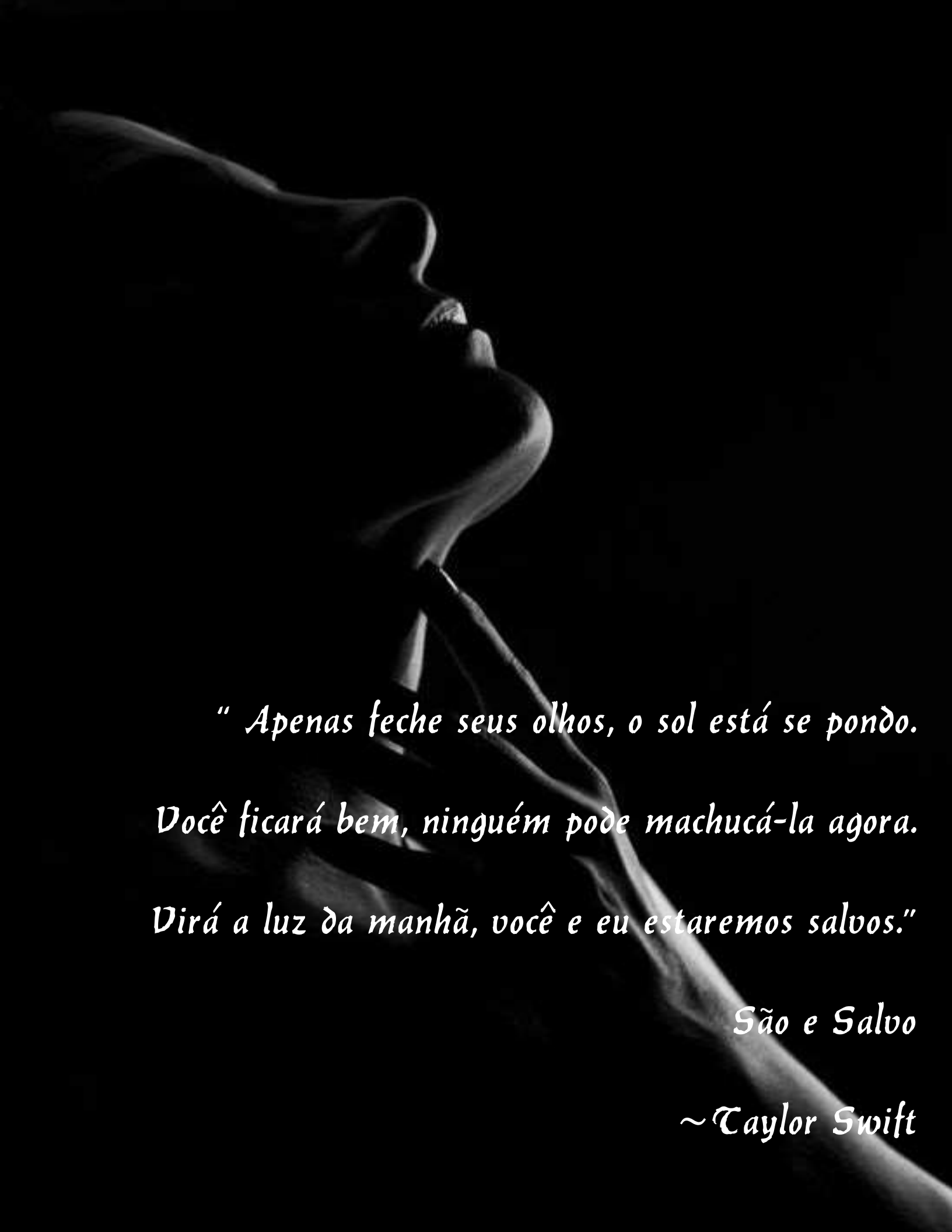
O tempo todo, vejo como meu irmão a observa.

Ele a quer e conforme as regras, ela se tornará sua daqui a um ano.

Exceto que não tenho a intenção de desistir dela.

torn

natasha knight



" Apenas feche seus olhos, o sol está se pondo.

Você ficará bem, ninguém pode machucá-la agora.

Virá a luz da manhã, você e eu estaremos salvos."

São e Salvo

~Taylor Swift

Prólogo

Helena

Não posso abrir meus olhos.

É como um sonho em que você quer acordar e escapar, mas não pode acordar e não há como escapar. A água pinga em algum lugar próximo, talvez atrás de mim. O som ecoa das paredes. O cheiro de decomposição permeia esse lugar e revira meu estômago, tudo em que consigo pensar é que estou de volta à ilha. Devo estar e naquele mausoléu.

Eles me enterraram viva naquele mausoléu.

A cena muda então, me levando de volta para biblioteca, para onde minhas irmãs e eu ficamos naqueles blocos. Onde ele levou seu tempo nos olhando e tomou seu tempo enquanto decidia.

Eu lembro de seus olhos, a escuridão dentro deles. Sinto seu toque, seus dedos em mim, no meu sexo. E lembro da minha excitação. Luto contra a lembrança e isso muda novamente, vejo meus pais.

Minha mãe.

Assim como nossos inimigos, nós Willow somos uma família atormentada por mentiras e enganos.

Primeiro, foram meus pais que me traíram me vendendo como um porco premiado. São palavras de Sebastian, não minhas. Mas dificilmente importa quem as falou.

Então, foi Sebastian. Ele me disse para confiar nele e o fiz. Disse que tinha uma saída e acreditei nele. Mas estava mentindo o tempo todo. E fui uma tola o tempo todo.

1

Helena

Sonho com minha tia naquela noite. Sempre pensei que saberia quando ela morresse, pensei que sentiria isso. Mas ela se foi há semanas e não senti nada.

Mas no meu sonho, ela é jovem e bonita. Está segurando meu rosto em suas mãos e elas são suaves, a pele não é mais velha, parece com a minha. Olhar para o rosto dela é como olhar no espelho.

Ela era eu há setenta anos. Ela era a *Mulher Willow*. Você poderia trocar-nos uma pela outra, ninguém saberia. Sou uma réplica exata da minha tia.

Ela está sorrindo e me observando, tudo que posso fazer é chorar enquanto tento entender. Tento entender isso.

— Você precisa ser forte agora, criança.

— Você se foi e sequer soube.

— Apenas fiquei tanto tempo quanto pude para dar-lhe isto, Helena. — Ela toca o anel virado no meu dedo. O osso é liso e fresco contra a minha pele.

— Você o matou? — Pergunto. — É verdade o que disseram?

— Eles mentem. — Diz ela, virando a cabeça um pouco, olhando para a escuridão, vejo a borda de algo na curva de seu pescoço, uma cicatriz que nunca vi antes. — Nunca esqueça isso.

— O que é isso? — Começo a empurrar a barra solta, similar a um vestido preto para longe. Ela segura minha mão para me impedir.

— Olhe no armário, Helena. Nas tábuas do assoalho.

— O quê?

— O armário no quarto da Mulher Willow, olhe. Você entenderá. — Ela toca meu anel. — Lembre-se, nós temos um pedaço deles. Deixe esse conhecimento ser o seu poder. Deixe isso dar-lhe força. Você acabará com isso, será a última Mulher Willow.

— Eu morrerei?

Ela me abraça e cobre a parte de trás da minha cabeça, está velha e familiar novamente. O barulho nos assusta e ela olha além de mim para o escuro. Pergunto se ela pode ver dentro dessa escuridão. Eu não posso.

— Nosso tempo acabou, criança. Lembre-se que estou com você e o fantasma de cada Mulher Willow também. Você acabará com isso.

— *Eu não quero ser um. Não quero ser um fantasma.*

E antes que possa dizer adeus, antes que possa apertá-la mais uma vez, ela se foi. Desapareceu. E o barulho repentino é alto e faz minha cabeça latejar. Eu tento abrir meus olhos, mas parece que eles estão colados.

— Levante-se. — Diz uma mulher.

Ela deve estar chutando minha cama, porque sou sacudida.

Eu não quero ser um. Não quero ser um fantasma.

— Ethan, levante-a.

É Lucinda, reconheço sua voz.

E um momento depois, um instante antes que possa abrir meus olhos, um pouco de água gelada me encharca, tira minha respiração e me deixa sem ar. Abro meus olhos, esfregando o rosto. Minha cabeça lateja e sinto que quero vomitar.

Quando me sento, uma onda de náusea quase me faz cair. Estou em uma cama, mais como um berço, no meio de um quarto ou o que antes era um quarto, tem cheiro de umidade e mofo, como um lugar fechado por muito tempo. Um lugar danificado pela água, velho e esquecido.

Conto as gotas constantes de água, enquanto meus olhos se ajustam à luz fraca e duas figuras começam a entrar em foco. Lucinda está do outro lado da sala. Ela está usando um longo vestido preto, coberto do pescoço quase até o tornozelo. Mais perto de mim, segurando o balde agora vazio, está Ethan. Sou grata que a luz é fraca, não quero ver o olhar em seus olhos.

— Não está rindo agora, está? — Ele pergunta e esqueço o que Sebastian disse sobre o acidente que o machucou, porque agora, Ethan Scafoni me assusta.

— Onde estou? — Pergunto, olhando ao redor.

Ao longo de uma das quatro paredes há uma janela com tábuas, é noite ou estamos em um porão. Não há nenhuma claridade ou uma única rachadura que deixe entrar a mais fraca luz. Em outra, há uma enorme porta de madeira pesada. Eu sei que estamos em algum tipo de porão devido ao cheiro. Escuro e úmido, o cheiro é esmagador.

— O que você fez comigo? — Minha cabeça está latejando e quando vou tocá-la, percebo que estou nua. — Onde está Sebastian?

— Você ainda o quer, depois do que ele fez com você? Como ele mentiu?

— Onde ele está?

—Que garota estúpida.

— Onde estou, Lucinda?

Abraço meus braços ao meu redor, tentando não mostrar meu pânico, estou tremendo. Está tão frio aqui, tão oposto ao calor do sol na ilha.

— Você não está longe da ilha, não se preocupe. Veremos quanto tempo meu enteado precisa para encontrá-la.

— Você me enganou, mentiu para mim.

— Eu disse que estava lhe ajudando.

— O que você quer comigo?

— Não é o que *eu* quero. Fiz um acordo com Sebastian, mas não gosto dos termos dele, então, estou ajustando-os.

— O que quer dizer? Que acordo?

— Ethan, vá pegar minha bengala. — Diz ela, mantendo os olhos em mim.

Seu sorriso é perverso, quando ele abaixa o balde e sai do quarto, a pesada porta rangendo atrás dele. Lucinda se aproxima de mim.

— Sebastian afirma querer proteger seu irmão, mas ele a escolheu sobre ele, então garantirei que meu filho receba o que lhe é devido antes de eu cumprir os termos de Sebastian.

— Sobre o que você está falando? Quais termos?

— Estou levando Ethan embora, como ele quer.

— O quê?

— Mas primeiro, ele terá sua vez. Você não me vencerá, *Mulher Willow.*

Ethan retorna. Ele entrega a bengala para Lucinda.

— Você sabe que esta é uma das bengalas que usei para disciplinar Sebastian?

Eu não respondo, mas a observo enquanto ela anda ao redor da cama.

— Era mais fácil quando ele era mais jovem, mas à medida que envelhecia, se tornava cada vez mais desafiador. Seu pai permitiu, no entanto, mas se ele não se submetesse a mim, Joshua o faria.

— Você aprenderá, *Mulher Willow.* — Ethan fala por trás dela.

Desvio meus olhos para ele apenas momentaneamente, ainda seguindo Lucinda enquanto ela percorre o comprimento da bengala pela palma da mão.

— Não foi até que seu pai morreu que ele me atacou.

— Atacou? Você bateu nele.

Ela para se inclina em minha direção.

— Disciplinando, garota. Disciplinando. Como fiz com sua tia.

— Você é nojenta.

Seu lábio se curva.

— Você quer ver o que é nojento? — Ela pergunta.

Eu não respondo, ela começa a abrir os botões de cima de seu vestido e vira as costas para mim. Ela empurra o vestido de um ombro e ofego com as cicatrizes profundas lá. Como minha tia.

— Isto é o que os homens Scafoni fazem com suas mulheres. E você ainda pede que ele venha em seu socorro.

— Sebastian não fez isso com você.

— Não, ele não fez. Mas teve sua vez. — Ela se vira para me encarar novamente, abotoa o vestido de volta. — Agora fique de joelhos em suas mãos, *Mulher Willow*.

Balanço minha cabeça, olhando da bengala para Ethan.

— E se você me machucar, Sebastian irá matá-la.

— Ethan. — Ela chama.

Ethan se aproxima de nós.

— Pegue-a.

Mas nisso, ele hesita, olha para mim e depois para ela, confuso.

— Ele disse que não posso tocá-la novamente.

Sebastian. Ele está falando sobre Sebastian.

Lucinda olha para ele com raiva nos olhos.

— Pegue-a, Ethan.

Ele está balançando a cabeça, medo em seus olhos.

— Ele disse que não. Disse que não posso tocá-la.

— E eu digo que você pode. Ela é sua também, você tem o direito. Tome o que é seu.

— Não, Ethan. Ele vai ficará irritado com você. — Digo, desesperada para ganhar tempo.

Mas no instante em que falo, sinto a dor aguda da bengala no meio do meu corpo. Eu me dobro apertando minha barriga, a linha quente ao meu toque.

— Sua puta estúpida. Acha que colocará meu filho contra mim? — Ela ataca novamente, pousando um golpe no meu lado. Afasto-me dela, tento proteger meu rosto, minha barriga e ela usa isso para sua vantagem, acertando três golpes em meus ombros e me fazendo gritar. Ela segura um punhado do meu cabelo e puxa minha cabeça para trás. Seu rosto está a um centímetro do meu quando ela cospe seu pedido. — Deite-se e se segure ou juro que vou quebrar suas costas.

Ela me empurra para frente e não duvido que faça o que diz. Deito-me no colchão decrépito e agarro as beiradas da cama enquanto ela chove bengaladas após bengaladas em minhas costas, bunda e coxas, cada uma mais forte que a anterior, até ter certeza de que desmaiarei de dor.

Sinto o calor de urina entre as minhas pernas. Perdi o controle da minha bexiga e ela ainda está me batendo, acho que morrerei. Deus, eu quero morrer. Estou mole quando ela para. Meus braços pendem dos lados da cama, o chão está sujo contra meus dedos e me lembro do anjo sobre o mausoléu.

O vigia.

Lembro-me de como as mãos dele estavam entalhadas na pedra, cravadas no chão sem sequer se segurar, derrotadas e ao mesmo tempo vigilantes. Mas eu não sou esculpida em pedra.

Estou apenas derrotada. Não tenho mais nada.

Seus sapatos clicam quando ela atravessa a sala e a ouço sussurrar, dando uma ordem para Ethan. Ele vem em minha direção e me afasto, mas mal posso me mover. Para onde eu iria? Ele fica do lado da cama e posso sentir seus olhos em mim, uma nova onda de medo transforma o sangue em minhas veias em gelo.

Não. Por favor, não isso. Isso não.

O espancamento posso aguentar, mas isso?

Eu o ouço desabotoar a calça.

Deus. Isso não está acontecendo. Isso não pode acontecer. *Por favor, Deus não o deixe fazer isso. Não deixe que ele me estupre.*

Por favor.

Por favor.

Por favor.

Sinto nojo e vômito me bate então, meio na cama e meio fora dela. Espero para sentir suas mãos em mim, esperando que ele me toque.

E então o ouço. Ouço seus grunhidos e sinto o peso de seu joelho na cama.

— Eu não a tocarei. — Diz ele.

Eu tento me arrastar para longe.

— Sebastian disse para não a tocar.

Eu não o olho. Enterro meu rosto no colchão e depois de mais alguns minutos sinto o primeiro surto de gozo nas minhas costas. Ouço os sons que ele faz enquanto bombeia seu pau com a mão, cobrindo meu cabelo, minhas costas e minha bunda, mas tomando cuidando para não me tocar, não com o joelho e nem com qualquer parte de si mesmo.

Quando ele termina, tropeça para trás. Abro os olhos e olho para ele me olhando, observando sua obra. Ele fecha a calça e sai pela porta, dessa vez, ouço a fechadura girar e fico ali, no meu próprio vômito. Na minha própria urina. Coberta de porra.

2

Helena

Eu não sei quanto tempo estava ali. Adormeço e quando acordo, estou dolorida e com frio. Viro minha cabeça e limpo meu rosto. Odor de vômito e urina, junto com o cheiro de água parada, permeia este lugar esquecido e tudo que ouço é aquele gotejamento constante.

Isso me deixará louca. Minha boca está seca, estou com muita sede. Levo muito tempo para me levantar e caminho com dificuldade até à porta. Puxo a maçaneta enferrujada para abri-la, mas sei que está trancada. Eu os ouvi trancarem.

Chamo uma vez, duas vezes, minha voz rouca e fraca, mas não ouço nada de volta. Nada além de água ao meu redor. A lâmpada acende e apaga, um novo pânico me alcança. Porque ficar ali no escuro é demais. Não posso pensar sobre isso.

Caminho até à janela com tábuas e estendo a mão para tocar a madeira, tento colocar minhas unhas nas bordas, mas está solidamente

no lugar e sei que estou no subsolo. E se isso já foi uma janela, está abaixo da terra agora. Olho ao redor, procurando algo para abri a fechadura, qualquer coisa. Mas não encontro nada, nada que possa usar pelo menos.

É aqui que morrerei? Enterrada viva neste lugar esquecido?

Um arrepio me faz abraçar meus braços. Estou com tanta sede, que considero beber de uma pequena poça de água suja em um canto que vazou de uma rachadura na parede, mas quando me curvo para tocá-la, é viscosa. Limpo a mão na parede, volto para a cama e me sento. Ainda está molhada dele ou de mim. Posso sentir seu gozo em mim, endurecido, seco e nojento. Mas pelo menos não me tocou. Sente muito medo de Sebastian para me tocar.

Deito de lado e fecho meus olhos, traçando a linha levantada em meu abdômen, sem me atrever a tocar as costas. Dói até mesmo me abraçar.

Penso no que Sebastian disse, sobre como ele me observava dormir. Como disse que durmo mais melhor quando ele envolve um braço em mim, me abraçando. Gostaria que ele estivesse aqui agora, gostaria que me encontrasse agora. Entrasse pela porta e me levasse de volta para a ilha. Limpasse e me deitasse em sua cama, me envolvendo em seus braços, mantendo-me segura.

Durmo com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Minha sede é o que me acorda na próxima vez. É tão poderosa que dói. Meu estômago dói de fome e me pergunto há quanto tempo estou aqui. Pergunto-me se

morrerei aqui antes que Sebastian me encontre, se ele está mesmo procurando por mim. Tento me sentar, mas dói demais.

Pelo menos a luz ainda está acesa. Tento dormir, quero que minha tia Helena venha até mim em meus sonhos. Para me ajudar a sair daqui. O anel em meu dedo queima.

Ossos Scafoni.

Não quero os ossos Scafoni. Quero-o fora de mim, desejo que saia agora. Em um pânico estranho, me sento, estremecendo com a dor e puxo, puxo e puxo. Mas está preso e não se move. Por que o deixaram quando pegaram todo o restante?

Eu deito novamente e na próxima vez que acordo, está escuro como breu. A luz não está mais piscando, está apagada agora. O peso de cem toneladas de terra parece me enterrar e se não tomar cuidado, sufocarei. Abraço a mim mesma e tento dormir, irei enlouquecer nesse escuro. Entro e saio da consciência, não sei quanto tempo dura. Não sei por quanto tempo fico deitada assim, cada vez mais fraca, com a garganta queimando. Não tenho certeza se meus olhos estão abertos ou fechados, é tão escuro e estou com medo. Estou tão assustada.

Morrerei aqui embaixo. Eles me enterraram viva. Tia Helena não respondeu a essa pergunta quando a fiz. Talvez ela soubesse.

Meus olhos queimam, mas não caem lágrimas, não sobrou nada e durmo novamente, me encolho e durmo sem nunca acordar

completamente, tenho certeza de que estou sonhando quando a ouço. Ouça-a.

— Aqui!

Eu tento piscar. Gotas de água. Meu Deus, aquele pingar constante de água. É como o tique-taque de um relógio, contando até o final.

— Helena? — Uma voz profunda chama.

Eu rolo da minha barriga para o lado. Meus olhos parecem crocantes, secos. Toco meus lábios e eles estão rachados.

— Helena? — É mais urgente desta vez e quero abrir meus olhos, para dizer que estou aqui.

Mas então a porta bate, a madeira se despedaçando. Estou assustada e gritaria se pudesse. Gemo quando uma lanterna brilha no meu rosto e não consigo abrir meus olhos. Depois de todo esse escuro, é muito brilhante.

— Ela está aqui! — É Sebastian. — Helena?

Não posso levantar a cabeça e não posso manter meus olhos abertos. Quero chorar, mas não há mais nada em mim. Sinto como se tivesse secado.

— Porra. — É Gregory e minha mente volta para o barco, para como o homem acendeu um cigarro depois de me deixar cair no piso. Depois de

me empurrar para o lado com a ponta do sapato, como se fosse um pedaço de lixo, algo que você não quer tocar.

Mas não era ele. Não era Gregory. Sei a forma como suas mãos se sentem e conheço seu cheiro. E sei que ele não faria isso comigo. Eu sei.

Não comigo?

— Puta merda. — Diz Sebastian.

Algo leve como uma pena toca minhas costas, meu lado.

— Helena, você pode me ouvir? — Ele está agachado perto de mim, tocando meu rosto. Sinto seus dedos no meu pescoço, está checando meu pulso. Estou tão longe.

— Nós precisamos tirá-la daqui. Levá-la a um médico.

Eu o sinto então. Eu o sinto me levantar, sinto seus braços em mim e minha cabeça descansa contra seu peito, me agarro a ele, me envolvo ao redor dele com o último pouquinho de força que tenho.

E quando abro os olhos para fendas minúsculas, encontro Gregory nos observando. Olhando-me.

3

Sebastian

Helena está dormindo há três dias. Tenho um médico e uma enfermeira na ilha e estou vigiando-a. Estava tão desidratada, que se tivéssemos chegado até horas depois, ela não teria conseguido.

Eles a deixaram lá embaixo, no subsolo daquele nível esquecido do nosso prédio. Tão lindamente restaurado como os andares superiores são, esse espaço é o oposto. Inabitável. Eu sequer sabia que Lucinda tinha uma chave para o lugar onde trancou Helena.

Seu corpo estava gelado e ela mal conseguia abrir os olhos. Coberta de vômito, urina e algo que não quero pensar, ela ficou lá por quatro dias sem água ou comida.

Foi espancada sem piedade e ficou naquele buraco negro. Todas as vezes que penso nisso, quero matar Lucinda. Quero envolver minhas mãos em sua garganta e apertar até que os olhos saiam de sua cabeça. Quero sufocá-la e ver como a vida é drenada dela.

Estou de pé na janela, olhando para água, para o cais onde falta um barco. O sol está se pondo no horizonte, mas não posso apreciar sua beleza. Ainda estou ansioso. E não consigo tirar a imagem de Helena deitada naquele lugar da minha cabeça. Não consigo apagar da minha cabeça a sensação de senti-la envolvendo seus braços em mim, agarrando-se a mim, arranhando-me.

Com todos os dedos das mãos e dos pés contabilizados.

Ela brincou sobre isso. Bem, não era uma brincadeira.

Volto a olhar para ela. Está deitada na minha cama parecendo menor do que antes, perdida sob o edredom grosso. Tudo em que consigo pensar, é que ela poderia ter morrido. Sou um idiota por não ter visto a extensão do ódio de Lucinda.

Indo para ela com minha oferta, querendo poupar Ethan da dor e confusão de descobrir que ele não é quem pensa que é, saiu pela culatra. E isso poderia ter custado a vida de Helena.

Um movimento sob os pesados cobertores prende minha respiração. Eu vou até ela, quando ela solta um pequeno gemido. Foi fortemente sedada, enquanto a reidratavam, a alimentavam através de um tubo e limpavam suas feridas. Eu não queria que ela acordasse para sentir a dor que sentiu antes naquele lugar.

Essas marcas levarão tempo para cicatrizar e sei que haverá cicatrizes. Lucinda rasgou sua pele desta vez. Muitas vezes. Em comparação com essa surra, ela foi gentil naquela primeira vez.

Helena abre os olhos e exalo. Ela olha para o teto e vejo o momento em que o reconhecimento retorna e ela se sobressalta, seus olhos se arregalam quando se levanta encolhida e segurando o edredom.

Ela olha para mim por um momento, é como se não me reconhecesse. Como se tivesse medo de mim. O silêncio paira pesado entre nós e seguro a respiração. Acho que ela também está. Seus olhos vão para o curativo em meu braço e vejo sua confusão.

— Sebastian? — Ela pergunta. Seus ombros caem e sua testa se franze.

— Você está segura, Helena.

Ela parece que não acreditar em mim. Estremece, levanta os joelhos e abraça o cobertor.

— Onde eles estão?

— Eles não estão aqui. — Eu respondo, eu sei que ela quer dizer Lucinda e Ethan, preciso perguntar a ela algo, mas não quero. Não sei se posso me conter. — Lucinda e Ethan não estão na ilha. Você está segura.

Dou um passo em direção a ela, mas paro quando seus olhos se arregalam novamente.

— Eu não a machucarei. — Digo, levantando minhas mãos, recusando-me a estremecer com a dor no meu ombro.

— Eu sei. — Diz ela. Ela olha ao redor do quarto. Meu quarto. — Quanto tempo fiquei naquele lugar?

— Quatro dias.

Eu vejo suas juntas ficarem brancas enquanto ela fecha os dedos no cobertor.

— Você está de volta à ilha há três.

— Sete dias no total?

Concordo.

— Pedi ao médico para mantê-la sedada.

— Por quê?

Eu vou até ela e me sento na beirada da cama.

— Nós precisávamos que você se hidratasse e se alimentasse. E com o que ela fez, Helena... eu não queria que você se machucasse. Sinto muito.

Ela me observa por um longo tempo e ouço minhas próprias palavras.

— Por que você sente muito? — Ela pergunta, seu tom diferente agora.

— Essa é uma pergunta estranha.

— É estranha?

— Sinto muito por deixar isso acontecer. Sinto muito por não estar lá para mantê-la a salvo dela. Deles.

— Minha tia está morta e você sabia o tempo todo.

Eu respiro fundo. Concordo.

— Por que você escondeu isso de mim? Por que me deixou continuar e me deu esperança de que poderia conversar com ela.

Não tenho desculpa.

— Por quê, Sebastian?

— Quando descobri, foi no começo. Quando chegou aqui. — Eu paro, me forço a manter meu olhar no dela porque sou culpado. Nesta situação eu sou culpado. — E não me importei, Helena. Eu não me importei.

Ela aperta as palmas de suas mãos nos olhos, depois os esfrega e quando as afasta, a pele ao redor dos olhos está molhada.

— Eu me importo agora. — Digo. — E sinto muito. Estava errado em não contar a você.

Ela me observa, move a cabeça tão levemente que quase não vejo e volta sua atenção para aquele anel estranho que ainda está em seu dedo.

— É osso. — Diz quando olha para cima para me encontrar vendo-a rodá-lo.

— Osso? — Pergunto.

— Osso humano. Osso Scafoni.

Eu olho de perto, encontro as cavidades oculares vazias do crânio, sinto um arrepio ao longo da minha espinha.

— O dedo perdido. — Diz ela.

Seu rosto é ilegível, a cabeça levemente inclinada para o lado, me observando.

— Como você sabe? — Pergunto.

— Ela me disse.

— Ela disse?

Ela acena com a cabeça.

— Quem disse?

— Isso não importa agora. Lucinda também me contou coisas.

— Tenho certeza que ela fez.

— Ela disse que você escolheu isso. Disse que você poderia ter parado a qualquer momento, que ainda pode.

Eu não quero responder a esta pergunta, então faço outra em vez disso.

— Eu preciso saber uma coisa, Helena.

Ela cruza os braços sobre o peito e espera.

— Eu preciso saber se Ethan... se ele a machucou.

— Ele não colocou um dedo em mim, como você disse. Sabia que você ficaria irritado se o fizesse, em vez disso ele... — O rosto dela se enruga e novamente, ela enxuga as lágrimas e sei que está se esforçando para não chorar. — Deus, eu preciso de um banho.

Ela empurra os cobertores para longe, mas a impeço antes que tente sair da cama.

— Está tudo bem. — Digo. — Você está limpa, eu a limpei. Está tudo bem, Helena.

Ela se afasta de mim.

— Nada está bem, Sebastian. Ela me bateu e ordenou que ele estuprasse, a única coisa que o impediu de fazer isso, foi o medo de você. Medo de sua ira. E tão grata quanto sou por isso, não entendo por que ele tem tanto medo de você. O que você fez? O que mais é capaz de fazer?

Eu me levanto, dou alguns passos para longe, passo a mão pelo cabelo antes de voltar para ela.

— Por que ele tem tanto medo de você?

— Não importa. O que importa, é que não a tocou.

— Porque apenas você pode ditar quem me toca, certo?

— Helena...

— Certo?

Eu permaneço em silêncio enquanto ela fica furiosa.

— É verdade o que ela disse? Que você pode parar isso agora?

Sinto meus olhos estreitos, sinto o aperto do meu rosto.

— Não é tão simples assim.

Ela balança a cabeça.

— Sim ou não. Parece bem simples para mim.

— Lucinda é uma mentirosa.

— E você, não é?

Eu balanço minha cabeça, me afasto.

— Disse para confiar em você e eu o fiz. — Ela começa. — Não acreditei quando ela disse que você estava me alimentando aos poucos e me apaixonei por isso. Tudo isso. — Ela para, morde o lábio. — Eu me apaixonei por você.

Eu vou até ela, pego-a pelos braços.

— Helena...

Ela me empurra para longe.

— Não me toque.

— Lucinda fará qualquer coisa para me machucar e para machucar você. Para nos ferir.

— Que *nós*?

— Não deixe que ela ganhe.

— Ela não mentiu...

— Você não entende, Helena. Há coisas que você não sabe.

— Que coisas? Que coisas preciso saber para resgatá-lo? Isso pode me fazê-lo perdoar? Você é a razão pela qual minha tia morreu. Você é a razão pela qual estou aqui. Você é a razão que cada vez que me movo, cada parte de mim dói. Você é a razão pela qual quase morri. Você. É tudo você!

— Sua tia estava velha. — É uma coisa estúpida para dizer. Sei disso.

— Oh! — Ela empurra as cobertas, balança as pernas para o lado da cama. Para. Aperta os olhos e agarra a borda da mesa de cabeceira.

— Fique na cama, você está muito fraca.

Leva um minuto, mas ela abre os olhos e se força a ficar de pé. Vou até ela, seguro seus braços e a seguro quando seus joelhos se dobram.

— Volte para cama, Helena.

— Você me drogou? Estou drogada?

— Sim, seu corpo precisa se curar.

Ela senta na beirada da cama e encolhe os ombros.

— Não me toque. Não quero suas mãos em mim.

Eu ouço suas palavras, mas não me deixo sentir.

Ela cobre o rosto e esfrega os olhos. Quando olha, o olhar acusador queima em mim.

— Você está certo. Ela estava velha e aguentou até esta colheita, porque de alguma forma, sabia que seria eu. E quando chegou a hora, não disse adeus e você continuou mentindo para mim.

Ela fica de pé novamente, dá um passo, tropeça.

— Volte para cama, Helena.

— Não quero ficar em sua cama.

Ela dá outro passo e desta vez, suas pernas cedem. Eu a seguro logo antes de seus joelhos baterem no carpete.

— Volte para maldita cama.

Eu a coloco nela e a seguro quando tenta se levantar.

— Fique na cama ou a farei ficar. — Aviso.

— Eu não duvido que o fará. Sobre o que mais está mentindo? O que mais existe?

— Eu quase a perdi, Helena. — Dou um passo para trás, ouvindo minhas próprias palavras.

— Você nunca me teve, Sebastian.

Suas palavras me atingiram como um soco no estômago. Eu a observo, esfrego a nuca e a vejo engolir um soluço.

— Você está cansada. Precisa dormir para poder pensar com clareza. — Digo.

Caminho até a porta.

— Quero ir para casa.

— Não.

— Deixe-me ir para casa. Quero ir para casa!

Eu me viro para ela, dou um passo em sua direção.

— Casa? — Explodo. Não quero que minha voz saia assim. — Que casa?

Ela recua como se tivesse batido nela. Eu me forço a parar, me manter longe antes de sacudi-la para fazê-la entender.

— Acabe com isso. Você pode acabar com isso! — Ela grita.

— Lucinda é uma mentirosa, Helena.

— Você é o mentiroso, Sebastian!

— Não é tão simples quanto isso.

— Apenas deixe-me ir!

Eu bato meu punho na parede.

— Não!

Helena se assusta, seus olhos se arregalam. Vejo o medo dentro deles. Ela tem medo de mim.

— Por que não? Por que não me deixa ir? Por que quer me manter, quando não quero ser sua?

Sinto meu maxilar flexionar. Sinto o peso cimentando no meu estômago.

— Você não quer dizer isso.

— Oh, eu quero dizer isso.

— Está cansada, precisa descansar. Enviarei a enfermeira para lhe dar um sedativo.

— Não preciso de um maldito sedativo.

Ela empurra os cobertores para longe novamente e desta vez, quando sai da cama, envolvo um braço ao redor de sua cintura e a forço a se deitar.

— Enfermeira. — Chamo, minha voz alta novamente.

— Deixe-me ir!

— Não me empurre, Helena. Agora não.

— Agora não é um bom momento para você?

Ela luta e tenho que ter cuidado para não a machucar.

— Precisa descansar. Melhorar. Depois podemos conversar.

— Eu terminei de falar. Quero ir embora.

— Você não pode ir embora,

— Por favor!

— Não me faça amarrá-la.

— Você é bom nisso, não é?

— Existem coisas que você não entende. Precisa confiar em mim...

— Confiar em você? — Ela ri e para de se debater. — Não confio em você. Nunca mais confiarei em você.

A enfermeira entra e pega uma agulha da bandeja médica na penteadeira. Helena olha para ela, observa-a preparar a injeção.

Vira-se para mim.

— Apenas quero ir para casa. — Diz, sua voz mais suave, implorando, lágrimas enchendo os olhos.

Sento-me na beirada da cama e a puxo para meu colo, embalando-a contra mim. Ela começa a chorar.

— Eu sinto muito, Helena. Sinto muito que isso tenha acontecido com você.

A enfermeira se aproxima de nós.

— Não quero isso. — Diz Helena, olhando para seringa. — Eu não quero nada.

Ela se contorce no meu colo, tentando se soltar. Meus braços a prendem a mim, a mantêm perto. Os olhos de Helena estão arregalados e balança a cabeça freneticamente enquanto aceno para enfermeira.

— Eu não quero nada. Por favor!

— Fique parada agora. É apenas para ajudar a dormir.

— Não quero dormir.

Mas é muito tarde. Mantenho o braço imóvel enquanto a enfermeira empurra a agulha e isso funciona rápido. Helena já está cochilando antes que o tubo da seringa esteja completamente vazio.

— Eu não quero dormir. — Ela tenta novamente.

Eu me levanto a carregando, deito e cubro. A enfermeira sai, fechando a porta atrás dela.

— Você se sentirá melhor quando acordar.

— Eu não irei.

— Sim, irá. É apenas por mais um pouco. — Digo, afastando o cabelo do rosto enquanto ela luta para manter os olhos abertos. — Apenas um pouco.

Caminho até a porta.

— Sebastian? — Ela chama, me parando.

Eu seguro a maçaneta.

— Eu ainda sou a *Mulher Willow*? — Ela está de lado, os olhos meio abertos.

— O que mais você seria?

4

Helena

Minha boca parece algodão. Está muito quente, empurro os cobertores de cima de mim e viro meu rosto, mas quando o faço, sinto o cheiro dele. Sinto o cheiro de Sebastian no travesseiro. Nos lençóis.

E me lembro.

Abro meus olhos e está escuro. Não como naquela sala subterrânea, mas é noite.

E não estou sozinha. O luar brilha através da janela, iluminando a forma encostada na parede me observando. Demoro alguns minutos para abrir totalmente os olhos, para me concentrar. Tento ficar sentada, mas é preciso esforço. Sinto que estou me movendo em câmera lenta quando olho para a mesa de cabeceira, para o copo lá.

Água. Preciso de água.

Mas estou tendo problemas para fazer meu braço funcionar como deveria e consigo inclinar o copo, derramando o conteúdo. Eu o vejo sair da mesa de cabeceira e cair no tapete sem som.

Ele se move, a sombra. Desloca da parede.

Olho para ele e quando se aproxima, me encolho. Quando está perto o suficiente e seu rosto está iluminado, vejo que é Gregory.

Ele pega o copo, vai até o banheiro e volta um momento depois com ele cheio. Senta-se na beirada da cama, coloca nos meus lábios e eu bebo, nunca tirando meus olhos dele. Quando o copo está vazio, o coloca na mesa de cabeceira, mas continua olhando para mim.

— Era você? — Pergunto.

— Era eu o quê?

— No barco. Era você?

Acho que ele estreita os olhos, mas não posso ter certeza porque está muito escuro.

— Você acha que tive alguma parte nisso?

— Você teve?

Ele bufa, levanta da cama e se inclina contra a parede novamente.

— E se eu quisesse sequestrá-la, você ainda estaria lá.

Não sei se acredito nele. Ele é muito casual, relaxado. Como se não fizesse parte dessa coisa toda, mas faz. Como se estivesse assistindo do lado de fora. Esperando.

— O que você está fazendo aqui? — Pergunto.

Ele encolhe os ombros.

— Não tenho certeza, honestamente.

— Onde está Sebastian?

Ele coloca a mão no queixo e esfrega.

— Quer que o chame para você?

Não posso dizer se está sendo sarcástico, mas balanço minha cabeça que não.

— Hum. — Ele caminha em minha direção e puxo os cobertores para cima. — Não sei o que você disse a ele, mas aceite meu conselho e não o diga novamente.

— Por que seguiria seu conselho?

— Porque as coisas estão mudando, *Mulher Willow*.

Eu engulo e acho que ele vê minha ansiedade por seu aviso.

— Você, eu e Sebastian, somos apenas nós agora. E as coisas estão mudando.

Estremeço com suas palavras. Com a ameaça velada.

— Eu não entendo.

— Você prestou atenção no mausoléu?

— Sobre o que está falando?

Ele bufa, sorri.

— Você tem uma memória curta. — Afasta-se da parede e caminha até às porta. — Boa noite, *Mulher Willow*. Durma bem.

5

Sebastian

Continuo com a enfermeira por mais duas semanas e checo Helena esporadicamente naqueles dias, dando-lhe espaço. Ela não fala comigo. Sequer olha para mim. Pelo menos está comendo regularmente agora e é capaz de andar, se vestir e tomar banho sem ajuda.

Gregory está sentado à minha frente no pátio. Estamos tomando uísque e enquanto ele olha para noite escura, o estudo, meu meio-irmão mais novo, suas palavras daquela noite em meu escritório, que ele quer um pedaço de Helena, ainda remoendo diariamente em meus pensamentos.

Compartilhamos uma semelhança em características, olhos escuros, cabelos escuros e o corte de nossa mandíbula. Ele é da mesma altura que eu, construído aproximadamente. Nós pensamos da mesma maneira também. Nós dois somos calculistas.

A diferença entre nós, é que Gregory sempre foi o último na hierarquia. E eu sempre fui o primeiro. Pergunto-me se o acidente com Ethan não tivesse acontecido, se Ethan seria como Gregory.

— Você queimará um buraco no lado da minha cabeça, irmão. — Diz Gregory, virando-se para mim.

Eu sorrio, termino meu uísque e sirvo mais. Não espero que ele deixe as coisas irem quando se trata de Helena. Não espero que se afaste da tradição da *Mulher Willow*. Dela.

E posso entender sua motivação. Ele empurra o copo para mim e sirvo também para ele, depois sento e bebo um gole do líquido em chamas.

— Há uma saída. — Diz ele, sem olhar para mim. — Você sabe, uma saída.

Eu sei do que ele está falando. Uma saída para Helena. Um jeito dela continuar sendo minha sem romper a tradição. Como as coisas precisam ser.

— Não. — Digo.

Ele olha para mim.

— Prossiga você mesmo.

— Ela é minha.

Ele me enfrenta.

— Eu não quero levá-la embora. Apenas quero um gosto.

Eu bebo outro gole, nunca tirando meus olhos dos dele.

— Nós fizemos isso antes. Não é um grande negócio. — Diz ele.

— É diferente agora.

— Eu não sou seu inimigo, Sebastian.

Ele não é, apesar de tudo?

O ar é tão denso que você pode cortá-lo com uma faca. Preciso ser cuidadoso. Com Ethan fora, Gregory precisará ser gerenciado. Sempre soube que ele seria o maior problema, não soube?

— Nós fazemos do meu jeito. — Finalmente digo.

É ele quem permanece em silêncio agora.

— Eu faço as regras. Nós fazemos tudo do meu jeito. — Digo.

Ele acena uma vez. Levanta seu copo.

— Seu jeito.

Eu toco meu copo com o dele.

— O que vocês estão brindando?

Nós dois voltamos para encontrar Helena parada na porta, os pés descalços metade dentro e metade do lado de fora. Ela está usando um

vestido rosa na altura do joelho que está um pouco largo. Mesmo que esteja comendo, ainda está mais magra do que quando chegou aqui. Seus mamilos duros pela noite fria estão pressionados contra o algodão macio. Ela está nua por baixo.

— Meu irmão e eu chegamos a um entendimento. — Respondo.

Ela observa nós dois, como se não confiasse em nenhum.

— Estou com fome. — Diz ela, em vez de questionar o meu comentário.

— Isso é bom.

Empurro a cadeira ao lado da minha com o pé. Está à minha esquerda e em frente a Gregory. Ela se senta e sinalizo para empregada que está esperando nas proximidades.

— O que você gostaria de comer? — Pergunto a Helena.

Ela olha para empregada.

— Não importa. Qualquer coisa está bem.

A empregada olha para mim e quando dou um aceno de cabeça, ela desaparece.

— Elas precisam pedir permissão para respirar? — Helena pergunta.

Eu sorrio.

— Você está em boa forma. Estou feliz em ver isso.

— Onde estão Ethan e Lucinda agora?

— Eles não a machucarão novamente.

— Perguntei onde estão.

— Bem, se Lucinda for inteligente, está bem escondida. — Diz Gregory.

— Nós a encontraremos. — Eu digo.

— E então o quê? — Ela pergunta.

— Deixe-me preocupar com isso.

— Você não o trará para cá, certo? — Pergunta.

— Eu lidarei com eles, Helena. Não precisa se preocupar.

Ela considera, dá um meio aceno e vira para Gregory.

— Você disse a ele o que eu acho? — Ela pergunta a ele.

— Sobre? — Gregory pergunta.

Ela me enfrenta.

— Lucinda me disse que estava me enviando para casa. Deu-me a carta e disse que você estava escondendo-a. Ela disse que Remy estava esperando por mim no barco. Entregou-me o passaporte e me disse para ir, organizou um vôo, o que era uma mentira, obviamente.

— Ah, ela mente? — Pergunto.

— Vocês todos mentem. É uma característica da família Scafoni. — Ela responde.

— Algo que temos em comum com os Willow. — Digo.

— Apenas alguns Willow.

— Eu senti falta disso, sabe? — Digo.

— O quê? Deixar-me irritada? — Ela pergunta.

Dou-lhe um sorriso.

— Remy obviamente não estava no barco, era Ethan. Mas havia um segundo homem, foi ele quem me agarrou. Colocou o pano de clorofórmio na minha boca. — Olha para Gregory. — E lembro que acendeu um cigarro pouco antes de eu desmaiar.

— Eu já disse a você, Helena, não tive nada a ver com isso. — Diz Gregory. — E se quisesse sequestrá-la, ainda estaria lá. E sei do que minha mãe é capaz. Eu vi o que ela fez com você. Acredite ou não, não quero isso.

Olho para o meu irmão. Observo-o e quero saber o que ela está pensando. E se acredita nele. Bem, se eu acredito. Somos interrompidos pela empregada que traz o jantar de Helena, um prato simples de massa com tomates frescos, azeite e uma pitada de queijo parmesão.

— Obrigada. — Diz, pegando sua faca e garfo. Ela parece diferente, mais forte de alguma forma.

Aproximo-me e pego a colher, tiro a faca da mão dela e coloco a colher no lugar. Ela olha para nossas mãos. Levanto-me para me mover para trás da cadeira dela. Olha cautelosamente para mim e fecho minha outra mão sobre a dela.

Gregory termina sua bebida e empurra a cadeira para trás.

— Sinto muito.

Nenhum de nós olha para cima quando ele se retira para dentro da casa. Os olhos de Helena estão em seu prato enquanto movo suas mãos, enchendo o garfo com o espaguete e rolando-o contra a colher.

— Assim. — Digo, virando-a, segurando o garfo para ela.

Ela mantém seu olhar no meu por um momento e esse gesto, se ela aceitar, significará mais do que essa garfada. Helena abre a boca e sinto uma sensação de alívio. É estranho e não o que espero sentir.

Deixo-a mover as mãos debaixo da minha e preparo outra garfada para ela. Ela abre quando ofereço e come mais uma vez e depois disso.

— É o suficiente. — Ela diz uma vez que comeu metade da comida no prato. Pega o guardanapo e limpa a boca. — Obrigada.

Coloco os talheres na diagonal em seu prato e minhas mãos em seus ombros, esfrego-os, depois os movo para seus braços. Ela não se afasta.

— Você quis dizer realmente aquilo quando estávamos em Verona? — Ela pergunta.

Eu a puxo de pé e a viro para mim. Toco sua bochecha e seguro seu rosto.

— Cada palavra.

Eu a beijo. É suave o gosto de seus lábios. Como se fosse a nossa primeira vez. Envolvo um braço em sua cintura e a seguro pela nunca, aprofundando o beijo, deslizo minha mão para baixo para segurar seu traseiro. Ela ainda está sensível lá, posso dizer quando respira fundo.

Mas quando me afasto, ela balança a cabeça, envolve as mãos em meu pescoço, cravando as unhas nos meus ombros. Dói, o lugar que Lucinda atirou em mim ainda sensível. Consegui desviá-la de seu objetivo o suficiente para que a bala não causasse nenhum dano real, mas ainda levaria tempo para curar. Foi a lâmpada que ela bateu contra minha cabeça que me derrubou.

Mas não me importo com nada disso, não agora, empurro o prato de macarrão meio comido para o lado e a levanto sobre a mesa, puxo seu vestido, sentindo falta da sensação de sua pele, do seu cheiro. Precisando ficar perto dela. Dentro dela.

Ela olha para baixo, leva as mãos ao meu cinto e abre, o deixa pendurado lá enquanto trabalha para abrir os botões do meu jeans. Desliza uma mão para dentro e me olha. Seguro um punhado de seus cabelos quando ela envolve a mão em meu pau e a beijo, ela o aperta quando levanto a cabeça.

— Duro. — Ela diz contra meus lábios, suas pernas envolvendo minha cintura enquanto a empurro para trás, ainda a beijando, empurrando minha calça e cueca para baixo com uma mão.

Eu puxo-a para frente para que sua bunda fique na borda da mesa e olho para ela. Ela raspou sua boceta e sinto falta do triângulo de pelos que gostava de segurar e puxar, mas também gosto disso. Gosto de ver a abertura de seu sexo e inclino minha cabeça para baixo e beijo-a.

Eu a perdi. Porra, senti falta dela.

— Foda-me, Sebastian. Faça com força. Preciso que seja duro.

Eu também preciso disso. Agora. Esta noite. Assim. Com uma mão em sua coxa, abro suas pernas, segurando seus cabelos e observando-a quando empurro totalmente, duro como ela quer. Duro a ponto de machucar. Mas tanto quanto quero bombear, afasto os dedos e seguro sua coxa.

— Duro. Por favor!

Ela agarra a gola da minha camisa, soltando um grito quando faço novamente.

— Helena. — Grunho. Ela tem uma mão no meu cabelo agora e está puxando. — Não conseguirei parar.

Empurro novamente, forçando o ar de seus pulmões.

— Não me importo, preciso de você. Preciso de você assim. Preciso de nós assim.

Seguro seu pulso que está puxando meu cabelo e o coloco na mesa, coloco mais do meu peso sobre ela e a olho, meu rosto a centímetros do dela enquanto a fodo. E quando ela levanta sua boca para beijar a minha, morder meu lábio, a empurro para trás, porque agora preciso olhá-la, vê-la embaixo de mim assim, tê-la aqui novamente, onde ninguém pode machucá-la.

Ninguém além de mim.

Fecho minha mão em sua garganta ao pensar nisso.

— Por que você quer isso assim? — Ainda estou transando com ela, ainda empurrando profundamente e com força. — Por quê?

— Faça-me gozar. Por favor, faça-me gozar.

— Por quê?

— Porque é você e eu, é assim que somos. Por favor, Sebastian, preciso disso. Você. Assim. — Puxa-me mais perto dela, enterra o rosto no meu ombro. — Preciso esquecer tudo.

Aperto as pernas dela com as duas mãos e as empurro abertas. Ela está molhada, apertada e gemendo enquanto a fodo profundo, mais fundo do que antes e quando sinto seu espasmo ao meu redor, quando a ouço gritar e gozar, também gozo, meu corpo fica mole enquanto esvazio dentro dela, dando tudo que tenho, cada grama de mim.

6

Sebastian

Ela adormece facilmente na minha cama. Observo-a enrolada em mim, pequena, suave e segura. Olho para o relógio, apenas duas da manhã. Com ela, não vou dormir esta noite. Não consigo nesta noite.

Empurrando as cobertas para trás, saio da cama com cuidado para não a perturbar. Visto meu jeans e um suéter. As noites estão esfriando, a queda da temperatura está se aproximando rapidamente. Saio do quarto, desço a escada e pego meus sapatos que estão ao lado da porta. Pego um conjunto de chaves e saio da casa, indo para a beirada da água.

A areia está fresca sob meus pés descalços e paro para ouvir o som da água batendo na praia. Quão calmo é. Quão confortavelmente previsível. É sempre o mesmo, não importa o quê. Não importa o caos na ilha ou na minha cabeça. E esta noite, há o caos.

Eu a tenho de volta e ela está segura.

Depois que Lucinda atirou em mim, acordei na cama, meu braço foi costurado onde a bala o esfolou, uma ferida na carne. Pergunto-me se não tivesse segurado seu pulso e ela tivesse atingido seu intento, se me mataria. Pergunto-me se esta era sua intenção ou se a raiva nublou seu julgamento.

Pergunto-me sobre suas reuniões com Joseph Gallo e com David Vitelli. Eu me pergunto qual deles me traiu. Eles precisam ser punidos e chegarei a isso.

Mas não esta noite. Esta noite é para outra coisa. Helena está de volta e dormindo na minha cama. Está segura.

Lucinda e Ethan se foram, por enquanto.

Caminho até à água, deixo correr pelos meus dedos. Passo a mão pelo meu cabelo imaginando o que aconteceu comigo no último mês. Desde que ela entrou na minha vida.

Não. Não é assim que se diz.

Ela não veio de bom grado. Eu a roubei de sua vida e a forcei a entrar na minha. Ela tem todo o direito de me odiar, mas não o faz. Apega-se a mim. E não posso tirá-la da minha cabeça, fora da minha pele. Não me canso de tocá-la, não consigo me aproximar o suficiente dela, nem mesmo quando estou enterrado dentro dela.

Olho para o céu, escuro o suficiente esta noite que não posso ver estrelas. É uma lua nova.

Negro.

Hoje é meu vigésimo nono aniversário.

Quando a próxima onda atinge meus tornozelos, molha a barra da minha calça jeans. Eu dou um passo para trás. A areia gruda nos meus pés molhados. Hora de me mexer. Hora de sair da ilha. Apenas por uma noite.

Gregory cuidará de Helena.

Caminho para um dos dois barcos, subo a bordo e ligo o motor. Parece mais alto à noite e dou uma olhada na casa, na minha janela escura. Ela está escondida, sã e salva. Estará aqui quando eu voltar.

7

Helena

Acordo sozinha na manhã seguinte e o lado de Sebastian da cama está frio. Já passa das dez. Normalmente não durmo até tão tarde, nunca fiz em casa, pelo menos, mas aqui, o tempo é tudo que tenho.

Empurrando as cobertas, levanto-me, tomo banho e vou ao meu quarto para me vestir. Estou surpresa quando desço e não vejo ninguém. Ambos os irmãos já devem ter comido.

Sirvo uma xícara de café, acrescento creme e pego uma torrada. Levo para a piscina que brilha como cem diamantes no sol. Sento-me na beirada e deixo meus pés na água fria enquanto como minha torrada e bebo meu café.

Não há ninguém por perto, nem um jardineiro, nem nenhuma das empregadas que trabalham na cozinha, arrumam ou limpam depois das refeições. A ilha está tranquila. Mais silenciosa que o habitual. É quase assustador e me pergunto se não estou sozinha.

Quando termino minha torrada e café, levanto-me e dou a volta, vejo que um dos barcos está faltando. Volto para dentro, olho a cozinha.

Vazia, nem uma única panela no fogão, nada assando. Não há louça suja na pia esperando para ser lavada. Vou até o escritório de Sebastian e bato na porta. Quando não há resposta, tento o trinco, mas está trancado.

— Sebastian?

Nada. Passos atrás de mim me assustam. Sei que não é Sebastian. Posso dizer quando ele entra em um lugar. Viro e mesmo sabendo quem é, os pelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiam quando encontro Gregory se aproximando. Pergunto-me onde estava. Está vestindo jeans e uma camiseta, mas está descalço e seu cabelo está arrepiado.

— Ele se foi. — Diz, indo para a escada, mal olhando para mim.

— Foi-se?

Ele concorda. Subindo dois degraus.

— Onde?

Ele se vira para mim.

— Não voltará até amanhã.

— Amanhã? Ele não disse nada para mim.

Gregory encolhe os ombros.

— Talvez não quisesse estragar o clima romântico de sua noite.

Eu me sinto corar. Ele nos ouviu? Viu? Assistiu antes. Um canto de sua boca se curva para cima e dá um breve suspiro, como se dissesse que é tão fácil foder comigo.

— Tenho trabalho para fazer hoje, então você está por conta própria. — Diz, antes de subir a escada e desaparecer, eu acho, no seu quarto.

Olho mais uma vez para porta do escritório fechada e subo para o meu próprio quarto, me sento na beirada da cama.

Tenho trabalho para fazer hoje, então você está por conta própria.

O que ele achava? Que gostaria de sair com ele?

Levo apenas alguns minutos para vestir um biquíni, o mais modesto que posso encontrar dos doze que Sebastian encomendou para mim. Pego uma toalha e volto para baixo.

Nadarei um pouco para limpar a cabeça. Não me exercito desde que cheguei aqui e será bom. Antes de sair, pego uma garrafa de água na geladeira da cozinha. Coloco minha toalha em uma das espreguiçadeiras e prendo o cabelo em um coque, com força para que não me atrapalhe. Então mergulho.

Aquele primeiro momento em que fico totalmente submersa é sempre o meu favorito, quando minha cabeça fica embaixo, a água é fria e refrescante, e o único som que ouço é aquele borbulhar.

Dou braçadas largas, permanecendo abaixo da superfície o maior tempo possível, alcançando o outro lado antes de sair para respirar e mergulhar de volta.

Isso para mim é uma fuga. Era o mesmo em casa, indo para cidade até o centro de recreação com sua piscina, coberta no inverno e no lago nos meses de verão. Pergunto-me se posso nadar no mar aqui.

Depois de muitas voltas, saio à superfície, sem fôlego e agarro a parede. Apoio meu queixo nos meus antebraços e olho para o mar. Não sei nadar nos canais de Veneza, mas posso nadar ali. Estamos longe o suficiente.

Saio da piscina, a água deslizando sobre meu corpo enquanto balanço uma perna para fora, depois a outra. Viro para encontrar minha toalha e congelo.

Gregory está sentado na cadeira ao lado daquela onde estão minhas coisas, cotovelos nas coxas, dedos entrelaçados e queixo descansando ali. Ele está me observando. Seu cabelo está molhado e trocou de roupa, então suponho que tomou banho.

— Você é uma nadadora forte.

Tenho que passar por ele para pegar minha toalha e faço rapidamente, mas ele a pega e puxa para trás antes que eu me aproxime.

— Posso ter a toalha, por favor?

Ele deixa o seu olhar abertamente me percorrer e olho para baixo também. O traje é um lindo tom de coral profundo e mesmo sendo o mais modesto, ainda é como usar minha calcinha na frente dele.

Ele segura a toalha. Eu pego, deixo cair e a envolvo ao meu redor.

— Por que você está aqui? Pensei que tivesse trabalho a fazer.

Ele se inclina para trás e olha para mim.

— Gosto de vê-la.

Eu não espero e me viro para ir, porque não sei o que fazer ou dizer. Mas ele agarra meu pulso.

— Sente-se.

— Não.

Ele puxa.

— Sente-se comigo.

— Deixe-me ir. — Eu digo, olhando para onde ele me segurava.

— Eu não mordo, Helena.

Encontro seus olhos. Escuros, não tão escuros quanto os de Sebastian. Ele tem manchas de turquesa neles.

— Apenas por um minuto. — Diz ele.

Ele deve sentir minha vontade de escapar. Sento-me na beirada da cadeira ao lado da sua e abraço minha toalha perto. Olho rigidamente à frente. Ele relaxa, coloca as mãos atrás da cabeça e até de costas para ele, posso senti-lo me observando.

— Eu estava lá quando ele a encontrou, sabe.

Olho de volta para ele.

— Eu sei.

— Você estava bem distante.

— Vi você lá. — Lembro disso claramente. Não sei porquê. — Onde eu estava? — Pergunto, percebendo que não sei. Nunca perguntei.

— No nosso prédio, aquele onde conheceu Joseph Gallo, o idiota. — Seu rosto endurece um pouco com a menção do nome do advogado e isso me deixa curiosa.

— Mas eu estive lá. É lindo.

— Acima do solo, sim. A sala onde ele ficava foi inundada muitas vezes e não pode mais ser usada para armazenamento. Você teve sorte, na verdade.

— Sorte? Não acho que tive sorte.

— Quando chove muito, aquele lugar se transforma em uma piscina.

Encontro seus olhos, que estão sérios.

— Ela sabia disso?

— Claro que ela sabia.

— Poderia ter me afogado? — Estremeço com o pensamento de ficar presa, quando a água invadisse.

— Foi inundado apenas duas vezes.

Ainda. Uma vez é tudo que era preciso.

— Não entendo seus relacionamentos. Quer dizer, ela é sua mãe.

Ele olha para longe momentaneamente. Quando se vira para mim, ainda é ilegível.

— A maternidade nunca foi nada além de uma obrigação para Lucinda. Ela deu filhos ao meu pai, como era exigido dela. Isso é tudo.

— Mas Ethan, ela o ama.

— Não confunda controle com amor. — Diz ele olhando para mim novamente. — Ethan é facilmente manipulado.

— O que aconteceu com ele?

— Essa é uma história para Sebastian contar.

Lembro de como Ethan tem medo de Sebastian. Como não me tocou, mesmo arriscando a ira de sua mãe.

— Sebastian o machucou? — Pergunto.

Gregory me observa.

— Você é uma coisinha curiosa, *Mulher Willow*. — Diz ele, levantando-se.

— Ele o fez? —Também me levanto. — Isso é algum jogo, Gregory?

Ele para e percebo que é a primeira vez que falo o nome dele.

— Uma manipulação? — Adiciono.

Ele se vira para mim, dá um passo em minha direção. Inclino para longe, olho para baixo, apertando a toalha contra meu corpo.

— Uma manipulação? — Ele pergunta.

Quando finalmente volto meu olhar para o dele, sua cabeça está inclinada para o lado, os olhos estreitos.

Encolho os ombros, limpo a garganta e passo ao redor dele, mas quando o faço, segura meu braço.

— Responda-me, *Mulher Willow*.

— Eu não sou *sua Mulher Willow*. Não tenho que fazer o que *você* diz.

Pergunto-me se isso queima. Quero machucá-lo. Não sei porquê, mas quero. Ele força. Acho que quer me machucar também. Tento esconder o fato de que o faz, mas ele vê e sorri.

— Responda-me, *Mulher Willow*.

— Você é filho de sua mãe.

— Eu sou. — Diz casualmente. — Mas você não me conhece e não conhece meu irmão. Não é como pensa.

Ele me solta então e não sou eu quem vai embora, mas ele enquanto um arrepio corre ao longo da minha espinha.



Gregory fica fora de vista pelo resto da tarde. Tomo um banho e me visto, caminho para o andar de baixo, porque me recuso a me esconder no meu quarto e ando pela ilha, me mantendo nos cômodos que tenho permissão, até ficar com fome.

Vou para cozinha para encontrar comida e novamente, está vazia. Pela primeira vez desde que cheguei, faço meu próprio sanduíche e como na pequena mesa da cozinha. Quando termino, lavo o prato e vou ao meu quarto quando percebo que a porta do escritório de Sebastian está entreaberta.

Sorrio, aliviada por não ter que ficar sozinha com seu irmão por mais tempo e me dirijo a ela, mas quando a abro, está vazia. Ele estava aqui? Está de volta? Teria me procurado, tenho certeza disso. Além disso,

Gregory disse que não voltaria até amanhã. Mesmo que não goste dele, não tem motivos para mentir sobre isso.

Eu entro e fecho a porta atrás de mim. Posso sentir o cheiro de Sebastian aqui, sua loção pós-barba permanece no couro e na madeira.

Não há um telefone em cima de sua mesa e me pergunto se há uma linha telefônica aqui ou se eles apenas usam seus telefones celulares. Sua mesa está limpa, separada por um laptop e uma pilha de papéis presos por um assustador peso de papel em forma de caveira no canto.

Depois de olhar para porta, abro a tampa do laptop. Sei que é estúpido, tenho certeza que precisarei de uma senha para acessá-lo e eu o faço. Não me incomodo em tentar adivinhar, mas em vez disso, fecho-o, inclinando-me para trás na cadeira, esticando as pernas, tentando não olhar para os olhos ocos do crânio que parecem me observar.

Meu joelho bate em algo áspero e puxo de volta. Alcanço debaixo da mesa, inclinando-me para ver o que é. Embora esteja escuro, posso ver uma prateleira improvisada. Há algo nela e coloco meus dedos tocando o metal frio e liso. Demoro um minuto para perceber o que é, levo até a minha mão se enrolar no cano.

Com um suspiro, me afasto, rolando o banco para trás um pouco. Olho para porta novamente, respiro calmamente. Por que ele tem uma arma? Por que precisa de uma arma?

Alcanço novamente e me forço a segurá-la, retirá-la. Coloco no meu colo. Apenas vi armas na TV. É estranho ver isso assim, sentir o peso no meu colo. Saber o dano que isso pode causar.

Eu a coloco de volta em seu esconderijo, nervosa com a descoberta e me levanto. Não quero mais ficar ali. Ando de volta e fecho a porta atrás de mim, volto para o meu quarto e fico lá até às nove da noite, quando a fome e o tédio me levam para fora.

O cheiro de madeira queimada vem do pátio e vejo a parte de trás da cabeça de Gregory. Ele está sentado sozinho olhando o fogo crepitar enquanto toma sua bebida. Há uma cadeira vazia ao lado dele.

Caminho em silêncio até à cozinha e faço meu segundo sanduíche do dia. Pretendo levá-lo de volta para meu quarto, mas quando entro na sala, ele chama meu nome.

— Helena.

Ele não se vira, mas deve ter me ouvido, tão quieta quanto estava tentando ser. Considero ignorá-lo e voltar correndo para o andar de cima, mas não posso passar os próximos anos da minha vida no quarto. Terei que aprender a estar com ele. Então saio e me sento ao lado dele. Coloco meu prato no colo e pego meu sanduíche de queijo e alface, chato, mas é o que eu gosto e dou uma mordida crocante. Mastigo enquanto olho o fogo.

Gregory se levanta, pega um segundo copo e me serve um uísque. Eu dou outra mordida.

— Apenas você e eu na ilha, Helena. — Diz ele.

Olho para ele, engulo.

— Isso assusta você? — Pergunta.

— Deveria?

Ele encolhe os ombros, toma um gole do uísque e se vira para o fogo.

— Todo mundo saiu da ilha hoje.

— Por quê? O que é hoje? E por que você está aqui?

— Bem, estou aqui porque você está aqui e porque hoje é o aniversário de Sebastian.

— Seu aniversário? — Nem sei que mês é, meu tempo é dividido em dias, manhãs, tardes, noites e noites.

Gregory acena com a cabeça, vira para mim e olha para meu sanduíche.

— Parece delicioso. — Diz ele sarcasticamente, erguendo as sobrancelhas.

— Sim. — Dou uma mordida enorme e mastigo a alface, penso o que é sobre esse dia que é tão importante.

É o dia em que sua mãe se suicidou.

Pergunto se ela escolheu o dia de propósito. Não consigo imaginar que isso não machucou Sebastian. Meu palpite é que ela estava de luto pelo filho perdido.

— Por que você não come carne? — Gregory pergunta.

— Tive um cordeiro de estimação uma vez.

— Ah. — Ele sorri e é genuíno. — Mamãe querida a fez comê-lo?

Meu sorriso desaparece e acho que posso engasgar com a comida na boca.

— Hã. Estou certo. — Ele diz.

O fogo crepita e um tronco rola do triângulo cuidadosamente empilhado. Ele alcança o tronco e o empurra de volta para as chamas.

— Como você sabia? —Pergunto.

— Apenas um palpite, considerando.

— Considerando o quê?

— Considerando que cabe às mulheres da família Willow desistir de suas próprias filhas. É uma linha matriarcal.

Ele tem razão.

— Nunca pensei sobre isso. — Como o resto do meu sanduíche e pego o uísque. Tomo um gole. Queima, mas gosto da sensação. — Nós dois temos uma mãe querida, acho.

Ele se vira para mim.

— E quando for você, fará isso? Colocará suas filhas naqueles blocos?

Eu o observo e acho que esta é a primeira vez que vejo o homem genuíno, por trás da fachada arrogante e imbecil.

— E se fosse você, o faria? Escolheria uma de nós? — Respondo à pergunta dele.

Ele olha para longe, leva um minuto antes de se virar para mim para responder.

— Eu não sei. Sim. Provavelmente.

— Não. Eu não o faria. — Digo sem uma única dúvida.

— Nem mesmo se for isso ou perder tudo? Sua família seria exterminada.

— Financeiramente. Exterminada financeiramente.

— Com certeza, mas pense nisso. Digamos que fosse Ethan. Digamos que ele tivesse nascido primeiro e sua mãe recusasse, você acha que Lucinda se afastaria e deixaria? Não faria o pagamento, pegaria de volta a

casa Willow e então tudo? — Ele se inclina em minha direção. — Ou você acha que ela seria mais cruel do que isso?

Eu tremo apenas de pensar.

— Eu não farei isso com minhas filhas.

Bem, se eu tiver alguma.

Empurro esse pensamento para longe.

— Acho que veremos quando chegar a hora. — Diz ele, inclinando-se em sua cadeira e voltando seu olhar para o fogo.

— Por que você fica aqui? Quer dizer, aqui está na sombra de seus irmãos. Você é jovem e educado, verdade?

Ele balança a cabeça, os olhos ainda no fogo.

— Você tem dinheiro. Por que não sai? Para fazer alguma coisa. Qualquer coisa. O que você quiser.

Ele se vira para mim.

— Como você sabe que isso não é o que quero?

— Você quer dizer que está esperando sua vez com a *Mulher Willow*?

— Eu não tenho certeza se ela está tão pouco disposta.

Eu engulo, sinto algo no estômago, algo inquietante. E quando ele fala em seguida, sua voz está cheia de triunfo.

— Há algo de intrigante em ter uma pessoa, Helena. Alguém como você.

Eu procuro seus olhos, tento entendê-lo. Ele é mais direto do que eu esperava, mas sei que gosta de foder comigo também e sei que é fácil para ele.

— Eu vejo você. — Continua ele. — Eu a observo com ele. Vejo seu rosto. Vejo como olha para o meu irmão mesmo quando ele é seu carcereiro. Também vejo como ele a mantém. — Ele faz uma pausa, respira fundo, os olhos nunca deixando os meus. — E sabe de uma coisa? Eu quero isso também.

Estremeço com suas palavras e não sei o que dizer. Não sei se deveria me levantar, correr e me trancar no quarto de Sebastian. Não sei se devo dizer que ele está doente. Porque não acho que está apenas fodendo comigo, não agora.

— Você tem ciúmes do seu irmão?

Ele balança a cabeça.

— Não ciúme. Não me queixo a ele. Apenas quero um pedaço disso.

Minha mente vai para Alexa 2.0 e a analogia do bolo de aniversário de Sebastian.

— Como um bolo de aniversário? — Não sei porque digo isso.

Gregory sorri amplamente.

— Como se fosse tão simples como um bolo de aniversário, Helena.

Ele termina sua bebida e se levanta.

— O fogo morrerá sozinho, fique aqui o quanto quiser. Vou para o andar de cima.

Ele não espera que diga algo e não tenho certeza do que diria. O que poderia dizer. Muitas pessoas não são honestas assim e estou surpresa comigo mesma quando desejo mais.

8

Helena

Desde aqueles dias que fiquei presa no quarto escuro, quando durmo sozinha, durmo com as luzes acesas. E não durmo bem. É como se eu acordasse a cada hora, para ter certeza de que não estava de volta àquele lugar.

Quando estou na cama de Sebastian, é um pouco mais fácil, mas não é o mesmo que estar em seus braços.

— Helena. — Eu me agito. — Helena, acorde.

Alguém está me sacudindo.

— Acorde.

Eu pisco meus olhos abertos, olho contra a luz. É Gregory. Ele está na cama.

— O que foi? — Sento, olho para baixo para puxar o cobertor sobre a camiseta que estou usando. A camiseta de Sebastian. — Que horas são?

— Quatro da manhã.

Esfrego meu rosto, olho para ele e para as janelas, mas as cortinas estão fechadas e não consigo ver.

— Nós precisamos ir.

— O quê? Onde?

— É Sebastian.

Estou de repente alerta.

— O que aconteceu?

— Ele está mal. Não quero deixa-la sozinha na ilha. Prometi que não iria deixá-la.

— Prometeu?

— Prometi a meu irmão. Vista-se. Depressa.

Ele empurra as cobertas, olhos caindo para a camiseta que estou usando e para minhas pernas nuas. Lembro de quando ele me deu sua camisa naquele dia. Lembro do que Sebastian disse. Que não queria o cheiro de seu irmão em mim.

Eu fico de pé, tropeço para meu quarto, visto um jeans e suéter que ainda estão pendurados no braço da cadeira. Escovo meus dentes rapidamente e passo uma escova pelo meu cabelo, quando termino, Gregory está me esperando impaciente na porta.

Ele me deixa sair primeiro e descemos a escada. Uma vez que estamos fora, praticamente preciso correr para acompanhar seus passos longos e urgentes. Quando me leva até o barco, paro, lembrando da última vez. Olho para ele e ele deve saber o que estou pensando.

— Eu não a machucarei, Helena. A alternativa é ficar aqui sozinha. Não posso deixá-la fazer isso.

— Para onde vamos?

— Um dos cassinos. Ele reservou um quarto lá para jogar e beber. Gallo estava lá. Acabou de me ligar, acha que é uma boa ideia ir buscá-lo.

— Joseph Gallo?

Ele concorda.

— Vamos lá. Direi mais no caminho. Não quero deixar meu irmão lá assim.

Eu deixo ele me ajudar no barco e um momento depois, estamos indo velozmente em frente e estou abraçando meu corpo. Na nossa velocidade, o ar está gelado na água.

— Você não gosta de Joseph Gallo.

— Não. Ele é tão escorregadio quanto uma cobra.

— Por que Sebastian confia nele?

— Ele não o faz.

— Mas por que ele me tem... por que nós fomos lá para assinar aquele livro ridículo?

— As coisas precisam ser feitas de uma certa maneira com a *Mulher Willow.* Existem regras.

— Regras?

— Tudo está conectado. Vinculado à herança.

— O que você quer dizer?

— É complicado.

Eu coço a cabeça, tento entender. Tenho tantas perguntas, mas ele não vai respondê-las. As luzes de Veneza propriamente ditas surgem quinze minutos depois. A cidade ainda está zumbindo à noite e Gregory desacelera o barco quando nos aproximamos de um dos prédios antigos no Grande Canal.

Ele puxa habilmente para a escada que desaparece na água. Portões altos estão abertos e quando os dois homens vestidos formalmente segurando lanternas reconhecem Gregory, eles sorriem e dão boas-vindas a ele. Ele entrega as chaves para um dos homens e desce.

— Tenha cuidado, a escada é escorregadia. — Diz ele, estendendo a mão.

Eu olho para ele. A palma da mão está levantada, oferecida a mim. Encontro seu olhar e depois de um momento, coloco minha mão na dele e me ajuda, sei que no instante em que estamos dentro, que apenas nos permitem entrar porque conhecem Gregory, porque somos os únicos vestidos como estamos.

O cassino é maior dentro do que aparece do lado de fora e isso não é como qualquer coisa que já vi antes.

Música suave toca ao fundo e garçons andam por aí vestidos como os dois do lado de fora, levando bandejas de bebidas para os homens e mulheres elegantemente vestidos nas mesas.

Eu vejo Joseph Gallo ao mesmo tempo que Gregory. Ele está em uma mesa de pôquer, onde um grupo se reuniu para assistir ao jogo. Ele dá a Gregory um aceno de saudação, encontra meu olhar por um instante e depois se afasta para nos deixar ver Sebastian.

Sebastian está vestindo um smoking. Está tão esticado sobre os grossos músculos de seus braços que me pergunto como isso o contém, como os pontos não rasgam.

Ele está absorvido no jogo e em sua mão tem um copo de uísque. Daqui posso ver a garrafa meio vazia ao lado dele, enquanto sinaliza para o marcador dar a ele outro cartão.

Gallo se dirige para nós, sussurra no ouvido de Gregory.

Gregory faz uma pergunta em italiano, depois que Gallo responde, ele lhe entrega um cartão-chave. Gregory pega meu braço e nós caminhamos para Sebastian.

Eu não jogo pôquer, mas com a explosão de uma conversa furiosa que surge de Sebastian quando outro jogador coloca suas cartas, sei que ele acabou de perder.

Gregory coloca a mão no ombro de Sebastian.

— Irmão. — Diz ele.

Sebastian se vira, mas antes que olhe para Gregory, seus olhos pousam em mim. Ele está surpreso, então satisfeito, então quando seu olhar cai para onde Gregory está me segurando, irritado.

— Helena. — Sua voz é rouca e ele meio que se levanta, mas precisa agarrar a borda da mesa para se firmar. Gregory coloca pressão em seu ombro e Sebastian estremece, respira fundo. Lembro-me do curativo que vi em seu braço quando acordei pela primeira vez. Nunca perguntei a ele sobre isso.

— Meu irmão acabou aqui. — Gregory diz ao marcador.

— Eu não terminei. — Sebastian diz ao marcador, mas seus olhos estão fixos em mim.

Gregory o ignora, me libera para coletar as fichas ainda na mesa.

— Vamos. — Diz Gregory.

— Eu disse que não terminei. — Diz Sebastian, desta vez, virando-se para encarar Gregory enquanto ele se ergue em toda sua altura.

Instável como está, ele é algo para ver. Os dois juntos, nariz com nariz, são algo para ver. Eu dou um passo para trás e Gregory deve ter o instinto de um guepardo porque estende a mão para me segurar novamente.

Os instintos de Sebastian estão embotados pelo álcool, mas ele segue o movimento com os olhos, em seguida, os arrasta de volta para olhar Gregory e por um momento, tenho certeza que haverá uma briga. Uma batalha entre esses dois Golias.

Gregory deve saber disso, porque me puxa para frente.

— Leve-a. — Diz ele.

Sebastian quase grunhe e quando a pressão da mão de Gregory é removida do meu braço esquerdo, Sebastian a substitui à minha direita. Seus olhos, porém, nunca deixam o de seu irmão.

Gregory tira a chave do bolso e olha para os dois lados.

— Qual andar? — Ele pergunta, andando na frente de nós até o elevador e apertando o botão para ligar antes que o atendente tenha uma chance.

— Por que não o levamos de volta para ilha? — Pergunto quando as portas do elevador se abrem e vejo nosso reflexo no espelho na parede de trás. Eu, pequena e fora do lugar entre eles, esses homens altos amplos, bonitos com suas mandíbulas esculpidas, cabelos escuros e olhos mais escuros.

A violência que vem deles é tão palpável que quase crepita.

— Porque não quero pescar meu irmão bêbado fora do canal, quero, irmão? — Ele pergunta, inclinando-se para o rosto de Sebastian.

— Foda-se, Greg. — Diz Sebastian.

Gregory balança a cabeça e se vira para o homem sorrindo desajeitadamente dentro do elevador.

— Dê o fora. — Diz ele, praticamente puxando o homem para fora. — Nós podemos empurrar o nosso próprio botão de merda. — Ele murmura essa parte em voz baixa. — Andar? — Ele pergunta a Sebastian.

— Quatro. — Sebastian se vira para mim quando entramos e depois se volta para o irmão. — O que você está fazendo aqui? — Ele pergunta. — Porque ela está aqui?

— Você não queria que a deixasse sozinha na ilha, lembra?

— Não preciso de uma babá... — Eu começo.

— Por que você está aqui? — Sebastian pergunta a Gregory novamente.

— Porque Gallo mencionou que as coisas saíram do controle.

— Gallo pode ir se foder.

— O que ele fez? — Pergunto a Gregory.

— Eu estou bem aqui. — Diz Sebastian, inclinando-se para perto. — Você me pergunta. Não a ele.

Olho para Sebastian.

— Você está machucando meu braço.

Ele desloca o olhar para ele, acena e me libera.

— O que você fez? — Pergunto-lhe.

As portas se abrem e Sebastian sai murmurando alguma coisa. Nós o seguimos e observamos enquanto revira seus bolsos para o que suponho ser sua chave.

— Ele começou uma briga. O outro cara foi removido apenas porque nos conhecem aqui.

— Uma briga? Por quê?

— Porque esta noite fodi com ele.

Gregory empurra à frente de Sebastian e desliza o cartão na fenda da porta. O bloqueio clica e uma luz pisca em verde. Ele abre a porta e nós entramos.

Sebastian imediatamente tira a jaqueta do smoking e joga na cama. Ele tira a gravata borboleta e abre os botões de cima e de seus pulsos, depois puxa a camisa por cima da cabeça. Esfrega o ponto em seu braço que Gregory estava apertando, gira seu ombro uma vez, duas vezes. Tenho um olhar mais atento e vejo dúzias de pontos irritados.

— O que aconteceu? — Estendo a mão para tocar um.

Ele olha para mim.

— Nada.

Afasta-se e vai ao banheiro. Ouço a água correr.

— O que aconteceu? — Pergunto ao Gregory.

— Na noite em que você foi levada, Lucinda atirou nele.

— O quê?

— Ele está bem. Precisamos lidar com isso agora.

Gregory pega o telefone, pede café no quarto.

Vou em direção ao banheiro, mas Sebastian sai antes de ir atrás dele. Está limpando o rosto com uma toalha que descarta um momento depois.

Ele para quando me vê e parece um pouco mais sóbrio, embora ainda não sóbrio o suficiente. Olho para ele e está diferente esta noite. Como se estivesse fugindo de algum demônio e não tenho certeza se está ganhando.

Antes que possa falar, se vira para Gregory, segue em direção a ele.

— Por que você a trouxe aqui?

— Já respondi isso.

— Você contou a ela também?

Gregory não olha para mim e por um momento, me pergunto se dirá a Sebastian que estava no mausoléu ou se manterá esse segredo. E percebo que estou com um pouco de medo de que conte, porque esta noite não é a noite em que quero lidar com um Sebastian furioso.

Uma batida na porta nos salva e Gregory passa por Sebastian para abri-la. Assina a nota e pega a bandeja de café de serviço de prata.

Sebastian senta em uma das duas poltronas e toma o café que Gregory lhe entrega. Olha para mim enquanto bebe e me afundo em uma cadeira na beirada da cama. Recuso o café que Gregory me oferece.

— Você pode ir. — Ele diz a Gregory, sem tirar os olhos de mim, abaixando sua xícara vazia momentos depois.

— Não vou a lugar nenhum.

Sebastian desviou o olhar para o irmão e depois, depois de um longo e calculado minuto, volta para mim.

— Venha aqui, Helena.

Eu levanto, vou para ele. Abre os joelhos e aponta para ficar entre eles.

— Tire a roupa.

Meu batimento cardíaco acelera e olho para trás para Gregory, que está encostado na parede, observando. Seus braços estão cruzados sobre o peito e seu olhar é intenso em seu irmão.

— Não. — Digo para Sebastian. — Não na frente de seu irmão.

— Meu irmão quer sua própria *Mulher Willow*. Você sabia disso? — Ele se inclina para trás, inclinando um pouco a cadeira. — E está de olho na minha.

Olho de volta para Gregory, que não se moveu.

— Agora, tire a roupa. — Diz Sebastian.

Eu volto para ele.

— Sebastian...

Ele bate a palma da sua mão na mesa, fazendo eu e a xícara de café pular.

— Agora, Helena!

Olho para trás mais uma vez enquanto minhas mãos tremem em direção à barra do suéter.

— Olhos em mim. Você não precisa olhar para ele.

Engulo e faço o que ele diz. Puxo meu suéter por cima da minha cabeça. Sebastian balança a cabeça e o joga no chão, tiro meus sapatos enquanto abro o jeans. Empurro para baixo e saio, o coloco de lado também, então estou de pé com um sutiã preto e calcinha combinando.

— Eu não acho...

— Você não está aqui para pensar. Tire. Tudo fora.

São necessárias duas tentativas para abrir o sutiã e vislumbro o reflexo de Gregory na janela. Ainda não se moveu. Está assistindo. Quer assistir. Sebastian está certo. Gregory quer sua própria *Mulher Willow*.

Ele me quer.

Prendo dois dedos no cós da calcinha, puxo-a para baixo e saio dela.

Sebastian acena em aprovação. Deixa seu olhar me percorrer. Ele para na minha boceta e estende a mão, toca a pele lisa.

— Eu gosto disso.

Agarra meus quadris e me puxa para mais perto, levanta uma perna, coloca meu pé em sua coxa e abaixa a cabeça para lamber a fenda do meu sexo. Um longo, lento e calculado show de propriedade que faz minha respiração falhar.

— Você está molhada. — Diz ele, inclinando-se para trás. — Acho que ter meu irmão assistindo a deixa molhada.

Sinto o rubor em meu rosto quando Sebastian se levanta e agarra meus quadris. Olha para mim e vejo o desejo em seus olhos. Estendo minhas mãos, coloco-as no peito dele, depois até o rosto. Quando fico na ponta dos pés para beijá-lo, ele pega um punhado de cabelo e começa a enrolá-lo no punho. Força minha cabeça para trás, então não posso beijá-lo, mas tenho que olhar.

— Você o quer? — Pergunta.

Eu procuro seus olhos, balanço rapidamente a cabeça.

Ele ri.

— Mentirosa.

Ele me gira e nos move dois passos, me inclina, segurando meus quadris.

Estendo a mão para agarrar a beirada da cama enquanto ele bate na minha parte interna das coxas. Abro as pernas, o ouço abrir seu jeans e olho para Gregory, seus olhos estão escuros nos observando.

— Sim. Assim. — Sebastian diz. — Olhe para ele enquanto a fodo.

Eu me afasto, mas ele me pega e me força de volta à posição.

— Pare. — Eu tento.

Ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para trás, me fazendo olhar para Gregory. Sinto os dedos da outra mão dele me abrirem.

— Você está pingando, Helena.

Eu me movo, agarro seu antebraço, tento afastá-lo, mas ele me empurra para frente, força meu rosto na cama e desliza seu pau em mim. Meu corpo se abre para ele, mas no primeiro instante, sempre me tira o fôlego e solto um gemido.

Ele solta meu cabelo e suas mãos grandes se fecham sobre meus quadris, abrindo-me mais. Olho de volta e ele move o olhar para o meu quando sai, em seguida, empurra, a força me fazendo grunhir e não posso desviar o olhar quando ele faz isso novamente, então mais uma vez.

Sinto uma lágrima deslizar do meu olho, sobre a ponte do meu nariz e cair na cama.

Sebastian também vê e para, afasta-se e me vira de costas. Puxa-me para a beirada da cama, empurra dentro de mim e envolvo minhas pernas em sua cintura. Ele se inclina sobre mim, abrindo meus braços, segurando-os assim, seu rosto a um centímetro do meu.

Levanto minha cabeça e o beijo. É um beijo suave este primeiro, mas o próximo é mais profundo e o sinto mover dentro de mim, lento e profundo, ele para de beijar-me para me virar novamente, desta vez com meus cotovelos e joelhos na cama e quando coloca um dedo dentro da minha bunda, tudo que posso fazer é sentir.

Coloco minha bochecha para baixo e pisco suavemente, minha boca se abre quando tento respirar e Gregory ainda está nos observando. Ele está olhando, seus olhos são negros e sua mandíbula está flexionada. Sua ereção empurra a calça, eu arqueio minhas costas e empurro contra Sebastian, levantando-me um pouco, preparando-me para ser fodida, realmente fodida.

Querendo isso.

Querendo isso assim.

Sebastian move o dedo e me agarra por dentro e com a outra mão, está me segurando no lugar e me fodendo com força, me punindo com cada impulso, me punindo por estar excitada. Por querer isso.

Por querer gozar enquanto seu irmão assiste.

E quando o faço, sinto o êxtase e fecho meus olhos, sinto Sebastian atrás de mim, dentro de mim e ele incha, seus impulsos são curtos e duros até que se acalma e seu pau está bombeando dentro de mim, esvaziando dentro e quero mais dele, tudo dele, preciso que me preencha e me mantenha assim.

Preciso que ele me mantenha.

9

Sebastian

Eu vejo meu irmão sair e ouço a porta se fechar atrás dele. Helena rola para o lado dela, desloca o olhar da porta para mim.

— Isso foi cruel.

Olho para ela.

— Deixá-lo nos ver foder foi cruel? Ele vai superar isso.

Deslizo meu olhar sobre ela antes de ir ao banheiro para ligar o chuveiro.

— Venha aqui, Helena.

Ela obedece. É doce quando é obediente.

Abro a porta do chuveiro. É grande o suficiente para dois e fico atrás dela. Ela fecha os olhos e abaixa a cabeça sob o fluxo. Arrasto meu olhar para pegar a toalhinha e o sabonete.

Ela é tão bonita, elegante e úmida, magra, mas não flácida, magra com músculos. Não protesta quando começo a lavar, o orgasmo e a água me deixam um pouco sóbrio.

A coisa é, neste dia, é difícil ficar bêbado e mais difícil não ficar bêbado. As contusões que Lucinda deixou desapareceram, apenas alguns pontos ainda amarelados permanecendo.

— Quase pronta para novas marcas? — Ela pergunta sarcasticamente quando a viro para me encarar.

— Eu não farei o que ela fez com você. Não a machucarei assim. Você sabe disso.

— Por que não me contou sobre hoje?

Abaixo minha cabeça sob a água e ela pega a toalha de mim, passando nos meus ombros.

— Por que não me contou sobre isso? — Ela pergunta, seus dedos gentis nos pontos que precisam sair em breve.

— Você não estava exatamente tagarela no início quando a encontrei, lembra?

— Você quer dizer depois que me manteve sedada por duas semanas?

Eu me viro para ela, coloco a toalha de lado, seguro seus braços.

— Estou cansado, Helena.

A água espirra em seu rosto enquanto me observa, dá um aceno de cabeça. Eu desligo as torneiras e pego uma toalha, envolvo-a nela antes de me secar e enrolar uma ao redor dos meus quadris. Ela pega uma segunda e esfrega um pouco da umidade do cabelo.

— Conte-me sobre hoje. — Diz ela, uma vez que entramos no quarto.

Eu puxo as cobertas na cama e ela entra. Sigo e apago as luzes.

— O que meu irmão lhe disse?

— Que é seu aniversário. — Ela faz uma pausa e espero.

Porque sei que não é tudo.

— Eu sei que você tinha um irmão gêmeo, sei que ele morreu e sei sobre sua mãe.

Eu bufo, rolo de costas e olho para o teto. Uma lancha corre e alguém grita do lado de fora.

— Ele não deixou nada de fora, não é?

— É minha culpa. Eu fui ao mausoléu.

Eu me viro para encontrá-la me observando, seu rosto nas sombras, seus olhos brilhando.

— Sinto muito que você esteja sofrendo, Sebastian.

Eu volto para o teto.

— Sem desculpas. Por que você quebrou uma regra?

— Você vai me punir?

— Não.

Fica quieto por muito tempo, mas nenhum de nós dorme.

— A igreja recusou-se a realizar uma missa para ela. Suicídio.

— Você acredita em Deus?

— Costumava. Agora acredito em fantasmas.

— É por isso que você não quis entrar na igreja? No dia que fomos ao escritório de Joseph Gallo?

— Sim. — Viro-me para ela novamente, passo meus dedos por sua bochecha. — Eu não tenho muitas lembranças dela, é mais um sentimento. Era gentil, suave e amorosa. Era o oposto de tudo o que somos. E de certo modo, não pertencia à nossa família, ao meu pai. Ela nunca conseguiria. Era muito frágil.

Eu penso em Helena agora. Ela é frágil também.

— Ela parecia maravilhosa.

— Ela era. — Viro para o meu lado, puxo-a para mim. Está quieta novamente e fecho meus olhos.

— Sebastian? — Ela pergunta quando penso que terminamos. — Seu irmão. Onde ele foi?

— Por que você se importa com ele?

— Estou apenas preocupada.

— Não fique ele está bem e precisa aprender o lugar dele.

— Ele veio aqui para ajudá-lo.

— Ele a trouxe aqui para foder comigo. Para foder com você.

— Como é isso? Porque pelo que vi, ele correu para chegar aqui para que você não estivesse sozinho.

Eu levanto a mão e acendo a luz. Helena pisca e leva um minuto para os olhos dela entrarem em foco. Fico sobre ela, mantendo a maior parte do meu peso nos meus antebraços. Quero ver o rosto dela, seus olhos. Não quero perder nada.

— Não deixe Gregory enganar você. Não o conhece.

— Engraçado, foi o que ele disse sobre você.

— Cuidado, Helena.

— Apenas quero saber onde você acha que ele foi. Foi cruel o que fez.

— O *que* fizemos. — Empurro os joelhos dela com os meus. Estou ficando duro novamente. — Você gostou de tê-lo assistindo. Como a outra vez na piscina. Gostou de tê-lo tocando-a.

Eu seguro os lados de sua cabeça, a abraço com meus antebraços para que ela não possa se mexer enquanto empurro. Ela faz um som e sei que está dolorida, mas não me importo.

— Diga, Helena. Conte-me.

Ela está cravando as unhas nas minhas costas e isso dói.

— Eu quero você, não ele. — Diz ela.

— Isso é verdade? — Empurro forte e ela grunhe. — Ou você quer nós dois?

Ela pisca, tenta desviar a cabeça e meu próximo impulso é puni-la.

— Diga.

Ela balança a cabeça e passo meus dedos em seus cabelos molhados e aperto.

— Diga.

— Estou apenas preocupada com ele.

— Meu irmão está bem. E se conheço Gregory, ele está fodendo alguma prostituta agora mesmo. — Alcanço para baixo, agarro sua perna,

dobro seu joelho para que possa ir mais fundo. — Você é minha, Helena. Não é dele. Não de mais ninguém.

Ela está escorregadia e me sinto engrossar dentro dela quando meus impulsos ficam mais rápido, combinando com sua respiração ofegante.

Ela arrasta as unhas nas minhas costas, fecha os olhos e está rasgando a pele. Eu sorrio, bato levemente no rosto dela quando ela fecha os olhos.

— Olhos abertos. Em mim. Sempre em mim quando gozar, entendeu? Apenas olha para mim quando goza.

Ela balança a cabeça e nós dois estamos respirando mais forte agora, uma gota de suor cai da minha testa em seu rosto, me inclino mais perto, a beijo e chupo o lábio inferior, os olhos ainda abertos, ainda fixos.

— Eu gosto de você assim, Helena. Gosto de tê-la assim.

— Eu vou gozar. — Ela sussurra e a observo, a sinto e quando as paredes de sua boceta pulsam ao redor do meu pau, gozo também, esvaziando dentro dela, marcando-a com minha semente, marcando-a por dentro e ao mesmo tempo, uma palavra se repete em minha cabeça de novo, de novo e de novo.

Minha.

10

Helena

Na manhã seguinte, nós estamos tomando café da manhã no pequeno terraço em nosso quarto. É cedo, mas a cidade já está agitada.

— Você vai me levar lá? Sempre quis ver isso.

— Está invadido por turistas. Vou levá-la quando estiver mais tranquilo.

— Não me importo com os turistas. — Eu mordo um croissant.

Sebastian passa a mão pelo cabelo ainda molhado e serve uma segunda xícara de café.

— Eu a levarei. Apenas não agora.

Quero perguntar por quê, mas tenho outras perguntas hoje.

— Certo.

Termino meu suco e coloco o copo para baixo.

— Por que Lucinda fez o que fez? Sequestrar-me e me deixar como me deixou? Não entendo. Por que não apenas esperar o ano acabar, para fazer o que ela queria? Quando chegasse a vez de Ethan.

— Porque Ethan nunca terá a vez dele.

Estou momentaneamente atordoada e em silêncio.

— Eu não entendo. Não é essa a regra? — Pergunto.

— Ethan não é filho do meu pai.

— O quê?

— O que eu disse. Por isso fui a Verona e tive a confirmação final. Não queria usá-lo se não precisasse, Ethan é mais frágil do que você pensa. Já disse isso.

— O que aconteceu com ele? — Lembro de como sentia medo de Sebastian. Como não me tocou por medo dele.

— Depois das sessões de disciplina de Lucinda, eu costumava pegar a canoa. Uma que era minha. Sempre saí sozinho para lidar com isso, não queria que ela visse o que fazia comigo. Como me impactava. Não queria ver ninguém e não queria que ninguém me visse.

Ele leva um minuto e espero.

— Bem, as surras pioraram depois que meu pai morreu. Não que ele fez muito para impedi-las quando estava vivo, mas pioraram. Quando tinha dezesseis anos, houve uma particularmente ruim. Ainda tenho cicatrizes daquela. Estava envergonhado e a essa altura, chateado demais. Então convidei Ethan para ir no barco comigo.

Ele balança a cabeça, passa a mão pelo cabelo e olha como se estivesse vivendo o momento novamente. Como se estivesse de volta naquele barco.

— Ethan nem sempre foi um merda. Quer dizer, era a maior parte do tempo, mas nem sempre. Lucinda o mimava, adorava, levou-o a acreditar que era um rei. Mas não era e depois da morte do meu pai, assim que atingisse a maioridade, ela sabia que eu assumiria a família. Sabia que sua rédea estava se soltando rapidamente. Às vezes, me pergunto se ela não queria me matar de imediato. Mas essa é uma outra história.

Há outra pausa mais longa.

— E de qualquer forma, Ethan se juntou a mim. Não gosto de pensar qual era minha intenção.

Ele se levanta, entra no quarto e fica de costas para mim. Eu me levanto também e vou até ele. Acho que sei onde esta história vai.

— Você era uma criança, Sebastian.

— Não, Helena. Ele era criança. Eu tinha dezesseis anos, idade suficiente para saber.

Ele se senta na beirada da cama.

— Você não precisa me dizer o resto.

— Eu quero. Nunca contei a história e deveria. Eu possuo-a.

Sento ao lado dele, observando-o.

— Ethan não era um nadador forte, acho que sentia medo da água, mas nunca poderia admitir isso. Então, quando estávamos lá, longe demais da ilha para alguém nos ver, inclinei a canoa.

Ele olha para seu colo por um minuto antes de olhar de volta para mim.

— Eu fiquei olhando-o lutar, ele afundar e tentar chegar até mim. — Ele balança a cabeça e olha para o chão. — Vi seus olhos se fecharem quando parou de lutar. Com o tempo o puxei, ele ficou muito tempo sem oxigênio. O dano foi irreversível.

— Oh Deus.

Ele se levanta e balança a cabeça.

— Não, Helena, não há deus. Nenhum Deus permitiria que essas coisas acontecessem. Não para Ethan, não para você, não para minha mãe e nem para todas as *Mulheres Willow* que vieram antes.

Vou até ele, toco seu rosto e faço ele me olhar.

— Você tinha dezesseis anos e foi abusado.

— Eu sabia o que estava fazendo. Sabia exatamente o que estava fazendo. Ethan era inocente. — Ele desvia o olhar novamente. — Então agora você sabe porque ele tem tanto medo de mim. Sabe do que sou capaz. Acho que uma parte dele, uma parte do subconsciente sabe. Lembra.

Ele se afasta, se endireita, respira fundo e um momento depois, é o mesmo novamente. Como se tivesse empurrado essa outra parte para dentro de uma caixa, fechado e trancado a tampa.

— Mas ainda há Gregory para lidar. Ele é sangue e tem direito a você.



Sebastian está sombrio quando voltamos para ilha. O outro barco já está ancorado e me pergunto onde está Gregory. E se o que Sebastian disse é verdade, ele foi encontrar alguém para foder na noite passada. Não sei porque isso me incomoda.

Eu vou para meu quarto para trocar de roupa e lembro do meu sonho com tia Helena. Não sei se foi um sonho, na verdade e me pergunto como esqueci, mas agora, estou no meu armário olhando para as tábuas do assoalho e lembrando o que ela disse.

Eu me ajoelho e começo a procurar a prancha solta, sabendo que é um tiro no escuro. Estamos falando de mais de setenta anos atrás. Leva-me três voltas ao redor do lugar antes de encontrá-la. É na parte mais escura do armário e tenho que empurrar todas as roupas para o lado oposto do rack antes de ver os arranhões ao longo da borda curta de uma das placas.

Tento cravar minha unha, mas apenas acabo dobrando-a para trás. Levanto e olho ao redor. Preciso de algo fino, mas forte para ficar sob isso. Vou ao banheiro e encontro um pente. É a coisa mais próxima que tenho, mas não é bom o suficiente. Não sei onde está meu canivete.

Não há nada que possa usar no meu quarto, acho que ele manteve todos os objetos afiados longe. Mas lembro-me de quando estive no quarto de Lucinda, ela tinha um abridor de cartas em sua mesa. Saio para o corredor e uma vez que tenho certeza que ninguém está por perto, entro em seu quarto abandonado.

Uma violenta onda de raiva me assola e levo um minuto para me controlar. Quero machucá-la. Quero machucá-la como fez comigo, como fez com Sebastian. O quarto dela está uma bagunça, acho que ninguém limpou desde que ela se foi.

Corro para a escrivaninha e quando não vejo o abridor de cartas no topo, abro as gavetas para procurá-lo. Encontro-o na última gaveta, coloco sob a manga para o caso de me deparar com alguém no corredor, suspiro aliviada quando volto ao meu quarto.

De joelhos no armário, coloco o abridor de cartas entre as tabuas e com um pequeno empurrão, a levanto. Sinto o cheiro e meu estômago se revira com o leve cheiro de decadência que sopra para fora. Empurro o pensamento que vem para mim de lado e olho dentro do buraco, encontro um pequeno caderno enrolado apertado, espremido no espaço pequeno.

Puxo para fora, certificando-me de que não há mais nada, em seguida, recoloco a placa do piso. Eu me levanto, coloco as roupas sobre o cabide e volto para o quarto. Depois de colocar o abridor de cartas de Lucinda na gaveta do criado mudo, sento-me na cama e abro o caderno. Folheio, descubro que algumas páginas foram arrancadas. Pergunto se ela fez isso ou se foi outra pessoa. Uma rápida olhada me diz que as entradas são fragmentos, fragmentos de pensamento.

Inverno

Cain me deu este caderno como um presente de aniversário de três meses. Como se fôssemos um casal. Como se eu quisesse estar aqui. Além disso, sei que ele me fará pagar mais tarde. Sempre faz.

Parece que estou aqui há mais de três meses. E se romper meu tempo com os irmãos, estou perto de terminar. Tenho mais nove meses antes de Cain me entregar a seu irmão, Jasper.

Não sei como sobreviverei a estes meses, porque Cain tem uma crueldade nele, sente prazer em me machucar.

Jasper é diferente. Não sei sobre o mais novo ainda, mas Jasper é diferente.

Caim acha que seus irmãos o obedecerão cegamente, farão como ele diz. Não sabe que Jasper já me teve. Eu deixei. Deixei porque ele era terno.

Isto é doente, eu sei. Quando leio isso novamente, quero rasgar essas palavras em pedaços, mas ele era terno, à sua maneira.

Não posso pensar no tempo em anos, vou morrer se fizer e me recuso a morrer nas mãos deles.

Viro a página, vejo mais entradas. Nenhuma delas é datada, apenas a estação mudou, mas se o tempo dela aqui for como o meu, não sabia a data, o dia, o ano ou qualquer outra coisa. Ela sabia que era manhã, tarde e noite.

Eu viro para próxima página, onde a caligrafia é mais irregular e rabiscada, não seu roteiro bonito.

Inverno / Quase Primavera

Ele me deixou no poste todo o dia depois das chicotadas. Ainda estou congelando, ainda tremendo. Mal posso escrever.

E o pior foi que ele fez Jasper fazer isso.

Eu não sei se posso perdoar Jasper, mas qual é a alternativa? E se ele não fizesse ou se fosse gentil, Cain ameaçou rasgar minhas costas.

Mas nós fomos estúpidos. Descuidados. Não é a vez de Jasper comigo, ainda sou de Caim. Isso é o que este açoitamento foi, para nos ensinar, a ambos.

Eu matarei o bastardo. Vou matá-lo.

Dói tanto desta vez e a pomada que Jasper deixou aqui faz a pele queimar. Deveria ter chorado. Porque se tivesse chorado, talvez estivesse satisfeito e o açoitamento terminasse mais cedo.

Mas há uma saída, Jasper me disse que há uma saída. Que terei que me submeter, no entanto, isso me assusta.

Essa passagem para abruptamente deixando-me curiosa. Folheio várias páginas para ver se há mais, mas não consigo encontrar detalhes e tenho que colocar o livro de lado por alguns minutos, porque muitas das entradas são como esta.

Espancamentos.

Dor.

Ódio.

Eu vou para frente, até que uma mancha escura no canto de uma folha me chamar a atenção.

Primavera

Faremos isso hoje à noite. Jasper tem os ferros e Benjamin, o irmão mais novo dos Scafoni, dará testemunho.

E provavelmente me segure.

Estou assustada. Doerá muito, mas a alternativa, tenho certeza, é a morte.

Caim está mais e mais furioso a cada dia e suas punições deixam marcas permanentes agora.

Hoje à noite, à meia-noite, encontrarei Jasper no mausoléu. Deus, odeio esse lugar. É assombrado, juro.

E os fantasmas me prejudicam.

Ele me mostrou a porta secreta que leva ao quarto embaixo. Estou com frio pensando nisso. Mas ele estará lá esperando por mim e depois desta noite, estarei segura. Cain não terá escolha a não ser me entregar a Jasper quando eu usar sua marca.

Estou apavorada.

Seis dias depois

Eu sei que são seis dias porque comecei a contar na parte de trás da cabeceira.

Suportei a cerimônia de marcação. Benjamin assinou o contrato como testemunha. E de acordo com as regras da família Scafoni sobre as Mulheres Willow, eu pertenço a Jasper agora.

Regras.

É doentio. Esta família está doente. Essas regras, eu juro, foram postas em prática para garantir sua crueldade e garantir nosso sofrimento.

Parte desta página está faltando, arrancada. E a próxima entrada é apenas algumas linhas:

Esta manhã, acordei com a notícia de que Jasper deixou a ilha.

Benjamin não me conta nada.

Eu me pergunto se ele está vivo. E se Caim não o machucou ou pior, por sua traição.

E estou perdida.

Ela não descreve o que aconteceu. Nunca diz o que eles fizeram, mas lembro do meu sonho com ela. Lembro da borda da marca na parte de trás do pescoço dela e como tentou cobri-la. É isso que era? Uma marca de propriedade?

Eu suportei a cerimônia de marcação.

O pensamento de gado sendo marcado atravessa minha mente.

É o que as *Mulheres Willow* são. Propriedade. Vivendo e respirando propriedade.

Gado.

Eu me ajoelho na cama, toco atrás da pesada cabeceira de madeira. Posso sentir sulcos, as linhas que ela entalhou na madeira para marcar os dias.

Saindo da cama, empurro um pouco para frente. Deve pesar uma tonelada, mas posso ver os arranhões que tia Helena deixou. Isso me faz sentir como se ela estivesse aqui novamente. Aqui comigo. Como se não estivesse sozinha.

Empurrando a cama de volta ao lugar, retomo meu assento e pego o caderno para ler a passagem novamente.

Há uma sala secreta sob o mausoléu? Tenho que ir lá, procurar por isso. Tenho que descobrir o que eles fizeram para libertá-la de Caim.

Eu leio mais algumas entradas e, em seguida, chego a esta:

Verão

Eles fizeram isso.

Eu não pude escrever o plano aqui porque acho que Caim leu meu diário. Como poderia ter pensado, por um único momento, que não iria? Essa foi uma estupidez. É exatamente a razão pela qual ele me deu.

Mas eles fizeram isso e não importa! Ele está morto. Caim está morto.

Eu ouvi os irmãos do meu quarto. Ouviu-os entrar, ouvi a luta e os gritos abafados de Caim. Não demorou muito.

Entrei em seu quarto depois que eles foram embora. Parecia que estava apenas dormindo, mas não tinha fôlego e sua cor já estava ficando branca, fiquei de pé ao lado dele e sorri de verdade pela primeira vez desde que fui trazida para esta ilha.

E então fiz algo terrível.

Peguei a adaga que ele mantém na mesa de cabeceira. Sei sobre isso porque ele segurou na minha garganta o suficiente. Ele gostava disso quando me tinha. Gostava de me assustar. Isso fazia o desgraçado doente gozar.

Bem, esta noite, peguei sua faca, coloquei a mão dele na mesa de cabeceira e cortei o dedo, não me importei que tivesse sangue em mim. Eles vão me acusar de matá-lo de qualquer maneira. Não me importo.

Levei-o de volta para meu quarto, retirei a pele como se descascasse uma batata e lavei no vaso sanitário, levei aqueles ossos ensopados e úmidos para o meu esconderijo e os escondi.

E nem me importo com o que farão comigo. Não me importo porque agora, tenho um pedaço deles.

Esta é a minha vitória, mesmo que não seja livre, porque o meu tempo aqui não acabou. Não por um longo tempo.

É a última passagem do livro, embora cerca de um terço ainda seja páginas vazias.

Coloco o caderno no chão e esfrego meu rosto. Sinto-me um pouco doente. Pergunto-me se poderia fazer isso, se poderia cortar o dedo de Sebastian, se poderia machucá-lo.

Não acho que poderia.

E não quero.

Os homens Scafoni de gerações passadas eram mais cruéis que os de hoje? Irmão colocado contra irmão, é o que isso faz. O fato de que o direito de um irmão possa ser desafiado por outro, apenas isso prepara o terreno para uma família se virar sozinha.

E se pensar em Lucinda e o que ela fez com Sebastian, o que Sebastian fez com Ethan, é brutal. Depois, há a competição entre Gregory e Sebastian.

Esta família é doente.

Eles estão podres e apodrecendo por dentro.

E não entendo porque não sou repelida por eles. Não tenho repulsa deles. Por que sou atraída por eles.

Em vez de esconder o livro no chão, coloco-o entre o colchão e a caixa, depois me deito. Estou cansada. Entre os eventos da noite passada e isso, estou exausta.

Eu deito de lado por um tempo apenas observando a brisa soprar suavemente as cortinas. E quando fecho meus olhos, eu sonho. Sonho com minha tia Helena, exceto que não tenho certeza se é ela ou eu. Estou vendo através dos olhos dela, abrindo a porta entre o meu quarto e o de Sebastian.

Gregory não me vê quando entro para vê-lo segurando um travesseiro no rosto de Sebastian.

Ele não me ouve quando me aproximo. Não há som, na verdade, nem mesmo quando puxa o travesseiro para longe e vejo que não é Sebastian, mas sim outra pessoa, outro homem que se parece com eles.

Caim?

Estou confusa quando vejo Gregory sair. E tenho que forçar minhas pernas relutantes a me levarem para mais perto, mais perto. Sinto minha boca esticar em um sorriso largo, mas estou doente. Sinto-me doente.

A pele da minha mão, quando alcanço a gaveta do criado mudo, é como pergaminho, manchada e velha, as unhas amareladas roídas e irregulares.

Abro a gaveta e dentro está meu canivete. Eu o pego, mas é como se estivesse resistindo a mim mesma, como se meu braço estivesse lutando contra si mesmo, mas o puxão é muito grande e estou muito fraca, quando a outra mão, esta minha, pega a mão do morto e leva para a mesa de cabeceira, lágrimas caem naquela mão morta, mesmo quando os dedos estão esticados para fora.

O canivete é aberto e me afasto dele, me viro para o homem na cama e quando o vejo, quando vejo Sebastian, grito.

Eu grito, grito, grito até que sou acordada, sacudida na minha própria cama, o quarto escuro, escuro como breu. A brisa fresca de mais cedo agora gelando, congelando.

Eu acendo a lâmpada e esfrego meu rosto.

Foi um sonho. Apenas um sonho.

11

Sebastian

— Poderia me dizer que aconteceu na noite passada?

Eu empurro outro tronco na lareira antes de me virar para responder ao meu irmão. O outono está se aproximando rapidamente e gosto dessas temperaturas mais baixas.

Eu me endireito e me volto para ele. Tomo meu tempo olhando-o. Conheço Gregory desde que era um bebê. Sempre gostei mais dele do que de Ethan, mas provavelmente porque Lucinda gostava mais dele do que de mim.

Mas não *conheço* meu irmão.

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa. — Digo, virando-me e servindo um uísque.

— Você não teve o suficiente? — Greg pergunta quando levanto a garrafa, perguntando se ele quer uma dose.

— Nunca é o suficiente, irmão. Sirvo você ou não?

— Sim.

Eu lhe entrego seu copo e ficamos de pé, com os olhos fixos, a tensão grossa o suficiente para cortar.

— Ontem à noite garanti que você soubesse que ela é minha.

— Você tentará me tirar da foto também? Como fez com Ethan?

Eu ouço a acusação na última parte dessa observação e sinto meus olhos se estreitarem. Eu nunca contei a ninguém os detalhes do que aconteceu com Ethan. Ninguém sabe, apenas Helena. Ninguém viu. Lucinda me acusou, mas não havia provas.

Mas Gregory? Ele nunca perguntou.

E eu sei que tão silencioso quanto é, vê tudo. Sempre vê.

Eu me viro para o fogo, tomo minha bebida.

— Você sabe o que teria acontecido se eu a entregasse para ele.

— Eu não estou dizendo que você fez a coisa errada, mas não sou Ethan ou Lucinda. E você está errado. — Ele se senta em seu lugar à mesa. — Eu não a quero. — Ele termina. — Não é como você pensa.

— Vejo como você olha para ela. — Digo, indo em direção à mesa.

Ele move o olhar para mim enquanto me sento.

— Sim, bem, quando você transa com ela na minha frente, como quer que a olhe? Sou humano, Sebastian. Eu sou um homem. Além disso, fizemos um acordo. E não vou embora da próxima vez.

— Eu estava fora de minha cabeça ontem à noite. — Digo por meio de desculpas por algo, não sei o quê.

— Sem brincadeiras. Mas eu não sou o inimigo.

Eu bebo um longo gole de uísque antes de encontrar seu olhar.

— Obrigado por cuidar dela.

Ele concorda. Ainda está chateado, no entanto. Posso ver isso no seu rosto. Mas nós dois ouvimos o clique de sapatos de dentro da casa e viramos para encontrar Helena saindo de casa. Ela está vestindo jeans skinny e um suéter cinza por cima, tem as mangas puxadas para baixo em suas palmas.

— Está frio. — Diz ela e caminha para ficar de costas para o fogo.

Eu a observo e ela está tomando cuidado para manter os olhos em mim. Gregory, por outro lado, está olhando diretamente para ela, bebendo sua bebida. Pergunto se ele está se lembrando da noite passada.

Ela em suas mãos e joelhos sendo fodida. Seu orgasmo.

— Nós podemos comer dentro se você estiver com frio. — Ofereço.

Ela balança a cabeça.

— Não, está bem. Gosto daqui. Estou surpresa com a rapidez com que esfriou de repente. — Ela se aproxima para se sentar e limpa a garganta antes de rapidamente encontrar os olhos de Greg e piscar.

Gregory se inclina para trás em seu assento, um canto de sua boca curvando-se para cima. Suas palavras repetem na minha cabeça.

Eu não vou embora da próxima vez.

Levanto-me para colocar vinho para todos e o jantar é servido. É provavelmente uma das refeições mais desajeitadamente silenciosas que tivemos desde que Helena está na ilha.

Quando terminamos, também esvaziamos duas garrafas de vinho vermelho, muito dele na taça de Helena. Eu a quero relaxada esta noite para o que precisa acontecer.

Quando a garota vem para limpar, digo a ela que não queremos sobremesa. Falo em italiano, embora Helena não entenda, Gregory sim e ele me dá uma olhada.

Helena estremece, abraçando seu corpo.

— Vamos para dentro. — Digo de pé, puxando seu assento.

Uma vez na sala de estar, sirvo uísque para cada um de nós. Helena olha entre nós dois quando ofereço a ela um copo.

— Eu posso ir para cama. — Diz ela.

— É cedo. Fique.

Ela abre a boca para responder, mas empurro o copo em direção a ela.

— Você ficará.

Ela observa meus olhos, pega cautelosamente o copo e toma um gole.

Gregory está sentado em uma extremidade do sofá, inclinando-se para trás, relaxado. Eu estou do outro lado. Helena fica sem jeito.

— Aqui. — Aponto para o espaço entre nós.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta.

— Oferecendo-lhe um assento.

Ela fica em silêncio.

— Sente-se. — Digo.

Ela se senta.

— Tome sua bebida.

— Eu não gosto disso.

— Beba mesmo assim.

Ela o faz. Bebe tudo e segura seu copo vazio.

— Feliz?

Eu pego, coloco de lado e encolho os ombros.

— Agora posso ir? — Ela pergunta.

— Não.

Nós nos encaramos e eu sei que ela sabe o que está por vir. O que quero que aconteça. E ela está com medo. Estendo a mão, segurando sua nuca e a puxo para me beijar.

Ela empurra meu peito e mantém seus lábios bem fechados. Eu recuo, olho para ela, minha mão ainda em sua nuca, segurando-a pelos cabelos. Bebo meu uísque e viro-a, empurro-a para o meu irmão.

— Você não beija a boca dela.

Gregory acena com a cabeça.

Gostaria de poder ver o rosto dela. Vejo o dele. E ele é tão ilegível quanto sempre.

Ele toma um longo gole de seu uísque antes de pousar o copo e estender a mão onde estava a minha. Ele a puxa para ele e ela empurra de volta, mais forte do que fez comigo. Ele segura o cabelo dela e com a outra mão, abre o botão de cima do jeans.

Ela pega o braço dele, mas ele puxa a cabeça para trás, fecha a boca sobre a garganta e ela solta um som desesperado. Gregory recua, olhos escuros, procurando em seu rosto antes de entregá-la de volta para mim.

— O que você está fazendo? —Ela pergunta, levantando-se.

Eu me levanto também, segurando o cabelo dela com uma mão, abrindo o zíper da calça jeans com a outra e deslizando minha mão para dentro de sua boceta.

Inclino para perto, esfrego uma vez.

— Apenas quero ver se você está molhada. — Sussurro alto o suficiente para o meu irmão ouvir.

Gregory se levanta, vai até o carrinho de bebidas e se serve de uísque antes de retomar o assento, com os joelhos bem abertos, inclinado para trás, o braço estendido sobre o lado do sofá enquanto bebe, nunca tirando os olhos dela.

— Ela está? — Ele pergunta.

Esfrego novamente, vejo seus olhos se arregalarem, vejo o rubor corar suas bochechas. Eu sorrio.

— Oh sim. Você deveria sentir por si mesmo.

Eu puxo minha mão para fora e empurro-a em direção ao meu irmão.

— Sebastian. — Ela começa.

— Calma, *Mulher Willow*.

Ela vira o rosto para mim.

— O que você está fazendo?

— Quieta ou vou amordaçar você e realmente gostaria de poder usar sua boca.

Gregory a segura pela cintura de seus jeans, roubando sua atenção.

Ela solta um pequeno gemido quando ele o puxa e sua calcinha até o meio da coxa. Seus olhos caem para sua boceta nua por um momento, antes de se levantar e se aproximar dela fechando sua grande mão sobre seu sexo.

Sua respiração é curta e quando envolve a outra mão em sua nuca, eu a solto e pego meu próprio copo para terminar minha bebida antes de reabastecê-lo.

Eu os assisto. Observo-o beijando sua têmpora, sua bochecha, a linha de sua mandíbula, tudo, menos sua boca. Eu o vejo esfregar seu clitóris. Observo seu rosto mudar, sua boca se abrindo e observo-a empurrar sua mão.

Coloco meu copo de lado e tiro meu suéter.

Greg vira-a para mim e se inclina para puxar sua calça jeans e calcinha antes de se levantar para tirar o suéter por cima da cabeça, soltar o sutiã e deixá-la nua.

Eu a puxo para mim, beijo-a, seguro sua boceta enquanto Gregory tira sua camisa e beija a parte de trás de seu pescoço, a curva de seu ombro e suas costas.

Eu pego o cabelo dela e levanto, inclino a cabeça para que a orelha fique na minha boca.

— Quando você gozar, apenas goza comigo, entende? E apenas olha para mim.

Ela balança a cabeça, os olhos arregalados.

— Tire meu jeans. — Digo a ela.

Ela o faz, seus dedos se atrapalhando um pouco.

— Agora puxe para fora meu pau.

Ela pega meu pau e puxa para fora, seus olhos famintos fixos nos meus.

— Boa menina. Faça o mesmo com meu irmão.

Ela se vira, é um pouco mais hesitante com ele.

Ele se inclina, afasta o cabelo dela da orelha e cobre a nuca dela.

— Eu não mordo. — Ele sussurra, tomando o lóbulo de sua orelha entre os dentes e sorrindo enquanto ela responde ao que ele acabou de dizer.

Ela ofega, com as mãos no peito dele, tremendo enquanto elas descem para baixo sobre sua barriga para abrir sua calça jeans.

Eu esfrego sua boceta, tomando seu clitóris entre o polegar e o indicador e beijando seu ombro.

— Assim. Você está indo bem. — Eu digo.

Gregory tem um sorriso unilateral no rosto e aguarda pacientemente enquanto ela abaixa o jeans e olha para o pau dele duro. Segura e lambe os lábios.

Coloco uma mão no ombro dela e a empurro de joelhos, ela abre a boca para leva-o para dentro e Gregory coloca uma mão no topo de sua cabeça, como se estivesse a abençoando.

Ele fecha os olhos e exala uma respiração.

Eu me movo para sentar no sofá, pegando meu uísque, bebendo, observando-a chupar seu pau, observando enquanto ele segura a sua nuca e empurra mais fundo.

Ela resiste, empurrando suas coxas. A mão de Gregory aperta o cabelo dela, segurando-a no lugar.

— Calma, irmão. O meu pau foi o primeiro que ela chupou.

— Então, ela é *quase* virgem. — Diz Gregory, saindo de sua boca, sentando no sofá e pegando sua bebida.

Helena continua ajoelhada entre nós.

— Você não a faz gozar a menos que eu diga. — Digo a Gregory. — E você não beija sua boca. Nunca.

— Entendido. — Ele coloca sua bebida para baixo. — Levante-se. — Ele diz a ela.

Helena olha para mim e dou-lhe um aceno de cabeça. Ela fica de pé.

— Agora venha aqui.

Obedientemente, ela vai até ele.

Ele segura seus quadris e a puxa para mais perto, usando os polegares para abrir os lábios de sua boceta molhada. Ele inclina a cabeça e a lambe, ela suspira e agarra seus ombros para permanecer de pé.

Com um puxão, ele a coloca sobre ele, com os joelhos de cada lado das coxas. Ele toma um mamilo em sua boca e ela ainda está segurando em seus ombros observando o topo de sua cabeça, um momento depois ele recua para olhar para mim.

— Foda sua boceta. Eu quero sua bunda.

Eu me levanto, me movo atrás dela e envolvo seu cabelo em meu punho, viro-a para olhar para mim, beijo-a enquanto meu irmão a puxa para baixo e no momento em que ele se encaixa nela eu a roubo, devoro.

— Ela é apertada, irmão. — Diz Greg, sua voz rouca.

— Ela é. Apertada e molhada. — Eu aperto seu mamilo, girando-o entre meus dedos. Quando sua respiração fica presa, aperto. — E se você gozar em seu pau, irei puni-la, entendeu?

Ela balança a cabeça e Greg sorri. Eu desapareço na cozinha, volto um momento depois com a garrafa de azeite e empurro minha calça jeans e cueca.

Gregory agarra seus quadris e fica de joelhos no chão. Eu ajoelho-me atrás dela, ouvindo-a enquanto esfrego azeite em todo meu pau e sei que é preciso tudo o que ela tem para não gozar agora. Posso ouvir na forma como ela respira, nos sons molhados de sua boceta.

— Logo, Helena. — Digo.

Ela vira a cabeça para trás e me beija.

— Eu não posso. Por favor.

Balanço a cabeça.

— Será melhor. — Com isso, fecho minha boca sobre a dela e esfrego azeite sobre sua bunda apertada.

Ela geme e implora novamente.

— Porra, ela vai gozar. — Diz Greg. — Eu sinto.

Eu bato na bunda de Helena com uma mão enquanto empurro um dedo liso em sua bunda.

— Você está pronta para nos tomar, os dois?

Ela acena porque está no limite. Inclina para frente um pouco, me oferecendo sua bunda enquanto agarra os ombros de Greg. Eu pressiono um segundo dedo para espalhar o óleo dentro dela. Olho para meu irmão, dou um aceno de cabeça e sai, quando o faz, empurro e ela grita de dor ou prazer, talvez ambos.

Greg olha para seu rosto, a observa por um momento antes de girar, beijando seu pescoço logo abaixo da orelha enquanto empurro mais fundo, e ela grita novamente, sua bunda apertando meu pau.

— Deixe-me entrar, Helena. Relaxe.

Eu esfrego seu clitóris molhado e um momento depois, ela tem seu primeiro orgasmo, empurro mais forte, ela joga a cabeça no meu ombro e vejo suas unhas cravando nos ombros do meu irmão, seus olhos estão fechados, ela goza com tanta força que não aguentarei por muito tempo.

— Porra.

Entrei totalmente e fico lá por um minuto, aproveitando o aperto de sua bunda antes de sair um pouco enquanto Greg empurra em sua boceta.

Helena está desmoronando, implorando por mais, implorando para pararmos, agarrando-se a Gregory, me alcançando e nós a fodemos forte e rápido, ela nunca está vazia, não até que nós dois explodimos dentro dela, sua boceta e bunda se esticam, tomando os dois, estremecendo com

seu próprio orgasmo até que ela cai para frente sobre o ombro de Gregory, seus braços dos lados, flácidos e inúteis.

12

Helena

Gregory sai primeiro e quando ele o faz, sinto o gozo dele e meu, deslizar para fora de mim. Eu pisco para longe, seu olhar intenso demais. Ele é lindo quando goza. Seus olhos ficam suaves. É a única vez que ficam assim.

Eu o observei apenas por um momento. Sei que Sebastian disse os olhos nele, mas precisei fazê-lo. Sebastian desliza para fora de mim e tenho que segurar Gregory quando ele o faz. Estou tão sensível agora. Tudo está latejando e sei que se me tocarem novamente, vou me romper.

Eu me viro nos braços de Sebastian, encontro seus olhos enquanto ele se levanta e me levanta com ele. Não posso lê-lo. Não posso nunca o ler. Viro meu rosto em seu peito, a pele suave sobre o músculo duro. Eu inalo o cheiro dele, sinto sua força enquanto sem uma palavra, caminha até a escada e começa a subir. Quando abro meus olhos, é para olhar para trás e ver Gregory lá, nos observando.

Seus olhos encontram os meus e se mantem, apenas por um momento, antes que pare de olhar e saia. Tudo que consigo pensar é que ele está sozinho. Mesmo depois disso, ainda está sozinho.

Sebastian me leva para o seu quarto e me deita na cama dele. Eu começo a me levantar.

— Preciso tomar banho.

Ele balança a cabeça e deita ao meu lado.

— Gosto do cheiro de sexo em você. Gosto de saber que meu esperma ainda está dentro de você.

Eu me inclino para beijá-lo, mas ele se afasta.

— Eu sei. — Diz ele.

— Sabe o quê?

— Eu sei que você olhou para trás. Olhou para ele. — Ele vê tudo. — E olhou para ele quando você gozou.

— Eu queria vê-lo gozar. Ele é lindo, parece com você.

E solitário, eu acho.

Acho isso mais e mais.

Sebastian não diz nada e me sento, inclino minhas costas contra a cabeceira da cama e a dor me lembra como ele me tomou. Como os dois o fizeram.

— O que estamos fazendo? — Pergunto-lhe.

Ele olha em meus olhos e eu nos dele.

— Fodendo. — Diz, seu tom mais forte. Ele se levanta e vai ao banheiro. Ouço a água correr e ele volta um momento depois se secando. Continua de pé.

— Não é apenas foder.

— Então o que é?

— Eu não sei. Ele está sozinho, Sebastian.

— Você quer ir até ele?

— Não.

— Bom.

— Mas ele está sozinho.

— Você olhou para ele quando gozou.

Eu não respondo, mas o que vejo em seus olhos reflete minha própria confusão. Como se estivesse de alguma forma despedaçado.

— Por que você olhou para ele?

— Eu queria ver.

Sua testa se franze, ele está tentando entender.

— Puna-me. — Digo.

Ele ainda reflete por muito tempo.

— Puna-me por isso.

Parece pensar sobre isso por um longo tempo, até que finalmente me dá um aceno de cabeça e senta na beirada da cama.

— Venha aqui, Helena.

Eu saio da cama e vou até ele, entre os joelhos. Pega minhas mãos, olha para mim por muito tempo e sinto lágrimas nos olhos. Eu não sei porquê, no entanto.

O que fizemos, ele quis. Eu quis. Mas isso, ele me olhando assim, Sebastian, o mais cruel e mais terno, não entendo meus sentimentos por ele. Não entendo essa confusão de emoções, essa guerra dentro de mim.

— Puna-me. — Digo novamente, lágrimas aquecendo meu rosto.

Ele me puxa sobre seu colo para que meu torso esteja descansando na cama e minhas pernas penduradas em suas coxas. Ele vira as pernas para prender as minhas entre as dele e prende meus dois pulsos em uma das mãos na parte inferior das minhas costas. Então esfrega uma

bochecha, depois a outra e quando bate a palma da mão sobre uma, suspiro e acho que preciso disso.

É uma limpeza. Uma espécie de contrição.

E talvez ele precise disso também.

Ele desce a mão para baixo de novo e de novo, dois tapas em uma bochecha, depois dois na outra, pica mais do que acho que deveria e embora não queira lutar, embora queira segurá-lo, ele ainda tem um aperto com suas pernas para manter as minhas presas e a mão que segura meus pulsos é firme, apenas a um fio de hematomas.

Os tapas são altos. Mais altos que meus gritos, que são mais como gemidos. Estou mordendo meu lábio para segurar e não sei se quando choro é porque dói ou porque preciso, preciso deixar sair as estranhas emoções dentro de mim.

E sei que quando ele me castiga, não é apenas por eu desejar seu irmão, por vê-lo gozar ou por deixar que ele me observe. É porque ele também desejou isto. Porque me entregou para ele.

Quando estou cansada demais para lutar e meus braços e pernas ficam fracos, ele para.

— Suficiente?

Eu concordo. Estou exausta e apenas quero que ele me abrace quando me levanta para me embalar contra ele, viro meu rosto para seu

peito e choro. Choro soluços profundos. Não entendo a razão para eles. Não entendo todas essas emoções confusas.

Quando finalmente paro, me levanto, sento e ele ainda está me observando. Com as mãos nos dois lados do meu rosto, usa os polegares para enxugar minhas lágrimas antes de me beijar. E quando segura minha nuca, seu toque é gentil.

— Você é minha. Mesmo quando ele a fode, você é minha.

Eu concordo.

— Eu sei disso. Eu sei.

Ele está duro, o sinto entre minhas pernas e quando levanta meus quadris e me abaixa sobre ele, tudo que posso fazer é me agarrar, nossos olhos fechados, próximos, tão próximos.

Não é urgente essa foda. É ele me reivindicando, me fodendo onde seu irmão acabou de me foder. Onde seu irmão esteve dentro de mim. Fodendo-me profundo e devagar, quando ele goza, toco seu rosto e apenas olho para ele. Não posso desviar o olhar e não gozo. Apenas o olho e o que estou sentindo é distorcido. Isso não faz sentido.

Quando fica em silêncio me segurando, passo os dedos por seu cabelo.

— Você é lindo. — Eu digo.

Ele dá um pequeno sorriso e quando nós dormimos naquela noite, estamos agarrados um ao outro, nus, o quarto cheirando a sexo, de nós, seu batimento cardíaco suave me embalando para dormir, sua respiração suave no topo da minha cabeça e braços ao meu redor, me envolvendo.



Na manhã seguinte, é quase onze quando acordo. Depois de um banho, desço a escada, tentando tirar a lembrança da noite passada da minha cabeça.

Eu não sei o que sinto. Um pouco embaraçada com tudo isso. Um pouco de ressaca do vinho e do uísque. Muito crua da foda. A surra, não foi uma punição em tudo. Foi um expurgo.

Eu me sinto diferente esta manhã, mas não mais leve. Lembro-me do que Gregory disse quando me trouxeram de volta à ilha. Isto é apenas entre nós agora. Que as coisas estavam mudando.

Não posso pensar em quando Sebastian me entregará a Gregory. Uma vez que pertencer a Gregory, não acho que serei capaz de aguentar Sebastian aqui conosco, porém, não ficar com ele. Não em sua cama e nem em seus braços.

Não faz sentido o que sinto, porque transar com eles na noite passada, eu gostei. Ficamos próximos. Tão perto. E então, Sebastian e eu...

Estou tão confusa e a palavra que continua chegando, aquela palavra para descrever o que estou sentindo, não pode ser isso. Balanço a cabeça. Agora, apenas preciso me concentrar em como passarei a manhã. Como olharei Gregory nos olhos.

Mas no momento em que saio, encontro uma nota endereçada a mim sobre o prato em meu lugar. Eu pego e desdobro.

Helena,

Gregory e eu estamos fora da ilha para um compromisso. Você estará sozinha durante o dia. Nós temos uma festa estanoite, preciso de você pronta às oito horas. O vestido será enviado hoje, mais tarde. Prenda seu cabelo.

S.

Ok. Acho que estou aliviada, pelo menos por enquanto.

Eu tomo café sem pressa, passo a tarde nadando e lendo. Até adormeço à beira da piscina e quando às sete horas chegam, fico um pouco entediada, então subo para me arrumar.

O vestido é lindo, com comprimento até o chão e sem alças, branco com uma saia esvoaçante e fenda longa que atinge um pouco mais alto do que o meio da coxa. No corpete e parte da saia, estão borboletas em vários tons de turquesa e azul marinho, algumas com as asas abertas, algumas descansando, todas lindas.

As sandálias de salto alto que vêm com o vestido, são quase tão confortáveis quanto esperava, mas todo o visual é lindo, até os broches de diamantes e a pulseira que os acompanham.

Pela primeira vez no que parece uma eternidade, me maquiei, deixando os olhos em preto e prendendo meu cabelo em um elegante coque. Pareço diferente do habitual. Mais velha e mais sofisticada.

Desço a escada na esperança de tomar uma bebida para acalmar meus nervos, porque continuo pensando na noite passada. A sala de estar está escura e não acendo nenhuma luz, mas no momento em que toco a garrafa de vodca, alguém limpa garganta atrás de mim.

Minhas costas endurecem e me assusto. Arrepios percorrem minha carne e meus mamilos endurecem na sala repentinamente fria. Antes que possa me mover, Gregory está atrás de mim. Ele pega a garrafa de mim e me serve um copo.

— Gelo?

Balanço a cabeça. Sinto o cheiro da loção pós-barba e ele está tão perto que posso sentir sua respiração na parte de trás do meu pescoço nu. Ele segura o copo para mim.

— Obrigada. — Digo, sentindo seus dedos quentes contra os meus.

Ele me surpreende quando se afasta, de volta ao seu lugar. Eu me viro e permaneço onde estou. Preciso da distância.

Ele deixa seu olhar me percorrer.

— Você parece bem.

— Obrigada.

— Teve um bom dia? — Pergunta, girando o líquido âmbar ao redor do copo.

Eu concordo. Engulo um grande gole e quase engasgo com isso.

Ele deve notar porque ri.

— Eu a deixo nervosa, Helena?

Ele não me chamou de *Mulher Willow*. Isso é bom, certo?

— Não. — Eu digo.

— Tem certeza?

Eu concordo.

— Onde está Sebastian? — Pergunto.

— Venha aqui. — Diz ele, em vez de responder-me e dá uma tapinha no banco ao lado dele.

— Estou bem.

— Venha aqui. — Seu tom tem um comando e eu vou. Sento ao lado dele. — Não se preocupe, não posso tocá-la quando Sebastian não está no mesmo ambiente.

— Isso é algum tipo de acordo que vocês dois fizeram?

— Sim.

— Estou feliz que vocês me consultaram.

— Por que precisamos consultar nossa *Mulher Willow*?

Ah aí está.

— *Minha* Mulher Willow. — A voz de Sebastian explode.

Eu me assusto e ofego. Sebastian está de pé na entrada da sala vestindo um smoking.

— *Sua Mulher* Willow. — Diz Gregory, ficando de pé. Ele não parece irritado, no entanto.

— Não se esqueça disso, irmão.

— Você nunca me deixaria esquecer, irmão.

Eu também me levanto.

— Qual é a festa?

— Uma pequena coisa que Gallo está jogando.

— Joseph Gallo? Por que iremos? Você sequer gosta dele.

— Eu não confio nele. Como não ter nada a ver com isso.

— Então por que iremos?

— Porque ele nos convidou.

— Por que tenho que ir?

— Porque você fica linda no meu braço. Vamos.

Ele estende a mão.

Eu vou para ele. Na porta, ele coloca um agasalho em meus ombros que combina com o vestido.

— Você está bonita.

— Obrigada.

Nós saímos para o barco e está noite, fico dentro enquanto os irmãos saem, Gregory fumando um cigarro. Isso traz de volta lembranças da noite que Lucinda me sequestrou e desvio o olhar.

Mas quando entramos no mesmo local onde Sebastian e eu viemos quando precisei assinar aquele livro estúpido, hesito.

— Onde é a festa?

— Em nossa propriedade. — Sebastian diz, obviamente esperando para me dizer até o último minuto.

— Eu não quero ir lá. — Afasto-me dele.

Gregory faz um barulho e sai do barco na doca.

— Nós dois estamos aqui com você, Helena. Nada acontecerá.

— Por favor. Eu não acho que posso.

Sebastian segura minha mão, segura firme na sua.

— Prometo que não deixarei nada acontecer com você.

— Eu não tenho escolha, não é?

Ele não responde. Não precisa.

Com Gregory de um lado e Sebastian do outro, nos dirigimos ao prédio e me pergunto como Lucinda e Ethan me levaram a isso sem que ninguém visse. É uma caminhada longa desde a doca.

À medida que nos aproximamos, fico mais enjoada e quando subimos a escada, Sebastian precisa me arrastar. As portas se abrem para um espaço lindamente iluminado e música de ópera suave está tocando ao fundo.

A reunião é pequena, talvez quarenta pessoas e uma longa mesa de jantar está arrumada formalmente. Ouro e branco são aparentemente o tema e reconheço a recepcionista que nos recebeu da última vez.

Pegamos três taças de champanhe de um garçom que está passando, quando Joseph Gallo se aproxima de nós. Eu endureço e deslizo minha mão na de Sebastian.

Ele aperta.

— Sebastian. Gregory. — Ele diz, apertando suas mãos, sorrindo largamente. — E Helena. Prazer em vê-la novamente.

Eu não ofereço minha mão.

— Helena, por que não vamos encontrar comida. — Diz Gregory, pegando meu braço.

Eu olho para Sebastian, mas ele está com os olhos fixos em Gallo.

— Venha. — Diz, Gregory.

Deixo-o me levar embora. Viro-me para ele e parece relaxado, pegando um canapé e mastigando-o, substituindo sua taça de champanhe já vazia por algo mais forte.

— O que está acontecendo? — Pergunto.

— Gallo tem a única chave para aquela sala na qual Lucinda a trancou.

— Ele sabia?

— Provavelmente mais que isso. Observe atentamente.

Eu o faço. Posso ver daqui o homem mais velho perder a calma, perturbado talvez pela primeira vez em sua vida. Sebastian está alto, orgulhoso e poderoso, uma força a ser reconhecida.

— Você acha que ele sabe onde Lucinda e Ethan estão?

— Não tenho certeza. — Diz Gregory, dando outra mordida em alguma coisa.

— Como você pode comer agora? — Pergunto, me voltando para ele.

Ele encolhe os ombros.

— Estou com fome.

Uma mulher se aproxima de nós, mais velha, mas muito bonita e elegante, olho para Gregory, que parece revirar os olhos.

— Jacqueline, você está linda, como sempre. — Diz ele, pegando a mão dela e beijando-a.

A mulher sorri, inclina a cabeça e me lança um olhar de lado. Mas não está interessada em mim.

— Eu não o vejo há muito tempo, Gregory. Senti sua falta.

— Eu tenho uma convidada, esta é Helena Willow, dos estados Unidos.

— Oh. Prazer. — Posso ver no rosto dela, que é tudo menos isso. Ela se vira para Gregory e continua com seus olhos em Sebastian e Gallo. Ela

sorri. — Seu irmão parece estar em excepcional forma. Vou cumprimentá-lo, desde que você parece ocupado com sua convidada.

Gregory agarra o braço dela.

— Eu não faria isso, ainda.

Ela olha para ele, confusa por um momento. Ele dá um sorriso para ela.

— Eu a vejo mais tarde esta noite, Jacqueline.

Com isso, a dispensa e me volto para ele.

— Você transa com ela ou algo assim? Não é um pouco velha para você?

— Alguns podem dizer que você é um pouco jovem para mim.

— Eu sou apenas alguns anos mais jovem que você.

— Ela é apenas alguns anos mais velha.

Além disso, não sou *para* você.

Ele se inclina para perto e roça minha bunda.

— Não lembro de você me empurrar quando estava gozando no meu pau na noite passada.

Eu odeio que seu comentário me abale, me deixa envergonhada e perplexa.

— Por que ele bateu em você? — Pergunta, sua expressão mudando, ficando séria.

Fico ruborizada. Novamente.

— As palmadas foram altas. Eu tenho ouvidos. — Diz ele.

— Não é assunto seu.

— Diga-me de qualquer maneira.

Olho para seus olhos escuros, tão semelhantes aos de Sebastian, mas tão diferentes.

— Eu pedi a ele.

— Por quê?

— Porque eu olhei para você quando gozei.

Ele fica quieto, considerando. Acho que não espera que eu fosse tão direta quanto ele.

— Por que você fez?

Balanço minha cabeça, encolho os ombros e olho para o meio de seu peito por um segundo.

— Não sei. Apenas olhei.

— Besteira.

Movo meu olhar para os olhos dele.

— O que você quer que diga?

— A verdade.

— E o que você acha que é?

— Você gosta quando a observo, gosta de me ver e ser fodida por nós dois.

Eu não sei como responder a isso. É a verdade, afinal. Gregory fala a verdade.

— A diferença, é que você dorme na cama dele. — Diz ele.

— Eu sou dele.

— Porque precisa ser ou porque quer ser?

— Ambos.

— E quanto a mim? Como você olha para mim?

Seu olhar se move para algum lugar além de mim e me viro para encontrar Sebastian se aproximando com Gallo. Ele olha para nós dois antes de sinalizar para Gregory que devemos seguir e sou salva de ter que responder.

Sebastian e Gallo vão à frente de nós subindo a escada, Gregory segue com a mão em minhas costas.

Quando chegamos ao escritório de Gallo, ele abre a porta e todos nós entramos. Ele se move atrás de sua mesa e abre uma gaveta, de dentro, tira um CD ou DVD. Sebastian pega e guarda.

— Existem cópias?

— Não.

— Você assistiu?

Gallo olha para mim e balança a cabeça negativamente.

Sebastian chega perto do homem mais velho, pega-o pelo colarinho e o levanta. Considerando tudo o que passei com Sebastian, este é o mais violento que já vi e é surpreendente.

— Eu o jogarei pela porra da janela se descobrir que você teve algo a ver com isso.

— Eu não o fiz, já disse. Fui eu quem disse onde ela estava, lembra?

Ele disse?

— Isso não prova sua inocência.

— Quantas vezes você quer que eu diga? Questionei a garota e ela disse que Lucinda pediu uma cópia da chave para fins de armazenamento. Ela não sabia de nada e sua mãe...

— Madrasta.

— Sua madrasta pode ser persistente. Apenas me incomodei em olhar o vídeo, quando percebi que minha chave não estava.

— Mantém suas chaves com você.

— Não aquela. Não há necessidade, ninguém nunca vai lá.

— Certo.

Sebastian solta o homem mais velho e Gallo tropeça para trás, se endireita e ajusta o colarinho.

— Saia. — Diz Sebastian.

Observamos quando Gallo sai, fechando a porta atrás de si.

— Eu realmente queria ver você jogá-lo pela janela. — Diz Gregory. Ele está sentado em uma das cadeiras, casual, com o tornozelo cruzado sobre o outro joelho.

Sebastian se inclina na frente da mesa, cruza os braços e olha de Gregory para mim.

— Sobre o que vocês dois estavam conversando lá embaixo?

— Nada. — Digo muito rapidamente.

Ele estreita os olhos. Sabe que estou mentindo.

— Eu estava perguntando por que você bateu nela na noite passada.

— O quê? — Sebastian começa não parecendo surpreso. — Você se masturbou pensando nisso, irmão? — Pergunta, dando um passo em direção a Gregory.

— Não houve necessidade. — Diz Greg, de pé e dando um passo em direção ao seu irmão, então ficaram cara a cara. — Eu estava satisfeito.

— Eu deveria *jogá-lo* pela porra da janela. — Sebastian pega a camisa de Gregory.

— Eu gostaria de vê-lo tentar. — A resposta de Gregory coincide com a de Sebastian e os dois viram um círculo.

— O que vocês estão fazendo? — Pergunto, tentando me colocar entre eles. — Tendo algum tipo de concurso de marcação de território?

Nenhum dos dois olha para mim e coloco uma mão em cada um dos seus punhos.

— Vocês precisam marcar seus territórios ou algo assim? — Continuo tentando afastá-los um do outro.

— Nós já estabelecemos territórios. — Diz Sebastian, com os olhos no irmão.

— Eu pensei que sim também. — Diz Gregory. — Mas você continua voltando em nosso acordo.

— Que acordo? — Pergunto.

— Nada.

— Que acordo? — Pergunto novamente.

Por um minuto, acho que eles vão lutar e acho que sim, um deles jogará o outro pela janela. Mas então Gregory diz algo em italiano e Sebastian exala. Ele me dá uma olhada porque, o que quer que Gregory tenha dito, acalmou as coisas.

Eles se soltam e me vejo exalando.

— Que acordo? — Pergunto mais uma vez, um momento depois.

— Você, Helena. — Responde Greg, com os olhos em seu irmão. — Você é o acordo.

13

Sebastian

Eu olho para Helena, em seguida, para meu irmão e nesse momento, eu o odeio. Odeio pelo que ele propôs. Porque existe uma saída, um jeito de Helena ser minha. Para que isso acabe sem quebrar a tradição, sem consequências para a próxima geração de filhos Scafoni.

Mas não estou debatendo isso. Não mesmo. Mesmo se ela concordasse, não permitiria isso.

Meu pau fica duro com o pensamento, no entanto. Essa é a parte mais doentia disso e meu irmão sabe.

— O que ele disse? — Ela tem as mãos nas lapelas do meu terno.

Quando não respondo, mas mantenho meu olhar no meu irmão, ela se vira para ele.

— O que você disse? — Ela pergunta a ele.

O olhar de Gregory está lançando punhais em mim. Ele quer isso? Quer isso para ela?

— Estamos saindo. — Digo a ela, pegando-a pelo braço. Ela tropeça quando a lidero no caminho até a porta.

Ela olha para Gregory assim que saímos no corredor e isso me irrita. Eu paro.

— Você quer voltar? — Pergunto, dando-lhe uma sacudida.

— Não. Cristo. Não posso olhar para ele sem você pensar que o quero?

— Eu o conheço, Helena.

— Vocês são irmãos, Sebastian. Isso significa alguma coisa, porque pelo o que vejo, precisam um do outro.

— Você não tem ideia do que está dizendo.

Nós descemos a escada sem ela tombar e quando estamos fora, ela para.

— Pelo menos deixe-me tirar isso.

Ela se abaixa para tirar as sandálias, como sapatos de vidro. Como se ela fosse a Cinderela.

Quando estamos de volta no barco, ela me para.

— Você não pode deixá-lo lá.

— Ele voltará. Sempre o faz. Não consigo me livrar do filho da puta.

— Sebastian, você não quer dizer isso.

— Como você sabe o que quero dizer? — Pergunto. O olhar em seu rosto está atordoado e passo a mão pelo meu cabelo, respirando profundamente. — Porra. — Balanço a cabeça. — Entre e sente-se. Dê-me um pouco de espaço, preciso esfriar.

Notavelmente, ela faz o que é dito e entra. Provavelmente é o frio tanto quanto qualquer outra coisa. Ela deve ter deixado cair o agasalho quando estávamos no escritório de Gallo.

Antes de Helena, Gregory e eu não brigávamos. Não éramos melhores amigos nem nada, mas nós não brigávamos. Assim não. Essa coisa de *Mulher Willow*, está criando uma barreira entre nós e é como um eco das palavras de Lucinda na noite da colheita.

É a história se repetindo. Isso acontece a cada geração.

Quando finalmente voltamos, Helena sobe e saio para o pátio. Depois de tirar o terno e a gravata borboleta, empilho madeira no fogo e acendo antes de me sentar com meu uísque. Olho para cadeira vazia do meu irmão.

Helena retorna alguns minutos depois usando jeans e um suéter de mangas longas. Ela está descalça e quando se senta, coloca os joelhos embaixo dela.

— Você está bem? — Ela pergunta.

— Você está certa. Somos irmãos e estou deixando essa coisa acontecer entre nós.

— Essa coisa, sou eu.

Eu concordo.

— Bebida. — Ofereço a ela meu copo.

Ela balança a cabeça.

— Acho que ele é apenas solitário, Sebastian. Está sozinho.

— Vocês dois são afetuosos.

— Não é desse jeito. Pensei que ele fosse um idiota no começo. Quer dizer, ele ainda é, na maior parte do tempo. Mas quando conversamos, também acho que ele está sozinho. Não sei, talvez esteja errada.

Ela não está errada. Eu sei disso.

O som de passos que se aproximam rapidamente nos alerta para a chegada dele. Olho para cima para encontrar Gregory com a gravata desfeita, a testa enrugada, segurando o agasalho de Helena. Parece estranho em sua mão, o agasalho de cashmere feminino e bonito.

Eu pego o uísque e sirvo um copo para ele.

Helena se levanta e pega o agasalho de Gregory.

— Subirei e deixarei vocês dois conversarem.

— Fique. — Eu digo.

Meu irmão pega seu copo e senta.

Helena nos observa, senta na lareira com as costas perto do fogo. Suas unhas pequenas são pintadas de rosa claro. Pergunto-me quando ela fez isso.

Demora alguns minutos antes de começarmos a falar. Nós dois estamos olhando para o fogo e não um para o outro, não para Helena. E nenhum de nós menciona o que aconteceu. O que está acontecendo há um tempo agora.

— Você acredita em Gallo? — Gregory pergunta.

— Eu não sei. Faz sentido que Lucinda intimide a menina a lhe dar uma cópia da chave. Apenas me pergunto o que teria acontecido se ele não tivesse percebido que sua chave estava faltando em primeiro lugar. O que teria acontecido se a garota tivesse colocado de volta e ele nunca percebesse.

Eu vejo Helena me observando. Ela sabe do que estou falando.

— Eu não acho que ela queria matá-la. — Diz Gregory. Ele se vira para Helena. — Sinto muito.

— Quem sabe o ela quer. É louca o suficiente e não tinha mais nada a perder. Não depois de tentar atirar em mim.

— Tirar você do caminho antes de compartilhar suas informações e sair com Ethan. Tirar qualquer reclamação que ele tenha pela herança dos Scafoni.

— Isso nunca sairia daqui. Esse foi o ponto. Foi por isso que fui a ela em primeiro lugar.

— Sim, bem. — Começa Gregory, esvaziando o copo. — Lucinda tem história com as *Mulheres Willow*.

Helena estremece.

Eu me viro para Greg, coloco a mão em seu ombro. Esta próxima parte digo em italiano. Não quero que Helena entenda.

— Eu mantenho o que nós concordamos, não quero que você faça a outra alternativa.

Helena se ergue, a testa se enruga de aborrecimento.

Gregory assente e bebemos um segundo copo.

Eu olho para Helena.

— Eu quero assistir. — Digo.

Sua pele enrubesce e seu olhar vai para Gregory, que está olhando para o fogo.

— Mesmas regras. Sem beijar na boca. — Digo a Greg, depois me viro para ela. — E se você gozar, irei puni-la. — Eu sei que não é justo, mas não me importo.

Sua garganta funciona quando ela engole e Gregory toma mais um gole antes de ficar de pé. Helena olha para ele e gosto dessa diferença de tamanho. Ela é tão pequena ao nosso lado. Tão frágil.

Ele estende a mão.

Ela observa por um longo minuto antes de colocar a menor dentro dele e subindo para ficar de pé descalça.

Greg a leva até a longa mesa.

Eu me inclino para trás na cadeira, cruzo um tornozelo sobre o outro joelho.

Ele ruidosamente empurra uma cadeira para fora do caminho e puxa Helena para ficar de pé diante dela. Ele não se incomoda em despi-la, apenas empurra seu suéter para cima, desliza o sutiã sob seus seios e arrasta as unhas sobre eles antes de virá-la, então ela está de frente para mim e a empurra para se inclinar sobre a mesa.

Ele, então, sem cerimônia, desce a calça jeans e a calcinha até os joelhos dela com um dos seus, então ela abre as pernas.

Ela sai de ambos o jeans e calcinha, posiciona-se, ele olha para ela e sei o que vê. Sua bunda perfeita, redonda e cheia, as pernas longas e finas.

Antes de tocá-la, ele tira o terno e joga sobre o braço da cadeira que acabou de empurrar para o lado, depois puxa a gravata e a deixa cair em cima. Desabotoa os botões de cima de sua camisa e tira-a da calça antes de abrir o cinto, deixando-a aberta enquanto empurra seus joelhos mais amplos e se posiciona entre eles, inclina-se por um momento, segurando seus braços e esticando-os para o lado.

Ela vira a bochecha e ele beija o pescoço dela.

— Olhos no meu irmão. — Ele sussurra alto o suficiente para ouvi-lo.

Ela faz o que ele diz e seguro seu olhar azul meia-noite, meu pau duro quando ela lambe os lábios, antecipando. Será muito difícil para ela não gozar.

Gregory se endireita, coloca as mãos na bunda dela e a abre. Ele olha para ela e o imagino olhando sua pequena boceta, sua boceta que pela expressão em seu rosto, já está molhada. Ele corre os dedos sobre seu clitóris e se conheço meu irmão, ele está espalhando seus sucos em seu traseiro.

Helena muda de pé para arquear as costas. Ela está segurando as laterais da mesa.

— Lembre-se, Helena. Que se gozar, será castigada.

Ela faz um som, acena com a cabeça e olha para o lado por um minuto.

— Nós saberemos. — Acrescento, apenas no caso dela achar que não.

Gregory bufa, abre o zíper da calça e agarra seu pau.

Vejo seu rosto enquanto ele esfrega em seus sucos, esfregando-se sobre seu clitóris, sua boceta, seu traseiro e sei o instante em que ele desliza em sua boceta e leva tudo que tenho para não segurar meu próprio pau, bombeá-lo enquanto vejo meu irmão foder minha *Mulher Willow*.

Ele se move devagar a princípio, puxando cada estocada, fazendo-a arquear as costas e gemer toda vez que sai.

Gregory a abre e está observando seu pau desaparecer dentro dela, observando-a se esticar para levá-lo. Ele bombeia assim por alguns minutos, baixo e profundo, antes de deslizar uma mão, fazendo-a gemer quando toca seu clitóris e esfrega enquanto a fode com mais força.

Eu me levanto, abro os botões de cima da minha camisa, ajusto minha calça. Vou até ela, inclino-me, seguro sua nuca e a acaricio.

Sua respiração está irregular, suor se acumula em sua testa e sorrio para ela.

— Lembre-se, querida, não goze.

— Não é justo. — Ela deixa escapar e aperta os olhos fechados quando Greg bate na bunda dela.

Eu me endireito, a visão dele transando com ela, do seu pau esticando-a, uma mão segurando-a aberta, o polegar da mão agora circulando seu traseiro.

— Não a bunda dela. — Eu digo. Isso é meu.

Ele olha para mim, acena com a cabeça, movo meu olhar para o rosto dela novamente, ouço o som familiar que ela faz quando está gozando. Ela está gozando no pau do meu irmão e ele a fode com mais força por isso e em outro momento, ele também goza, empurrando fundo dentro dela, esvaziando dentro dela, enchendo minha *Mulher Willow*.

— Sinto muito. — Ela diz olhando para mim. — Eu sinto muito.

Eu coloco minha mão em sua cabeça, sua bochecha para baixo.

Gregory sai, coloca o pau em sua cueca e fecha a calça. Nós dois assistimos como porra escorre de sua boceta e para baixo de suas coxas e foda-se, estou muito duro.

— Sinto muito. — Ela tenta novamente.

Eu olho para Greg, então para ela.

— O que faremos com você, *Mulher Willow*?

14

Helena

Permaneço como estou, debruçada sobre a mesa, nua da cintura para baixo e quase também da cintura para cima. Sinto porra escorrendo pelas minhas coxas quando eles estão atrás de mim assistindo.

— Não foi realmente justo. —Tento, sem olhar para trás, sabendo que não importa. Ele sabia que eu gozaria.

— Shh. — Sebastian se senta novamente. — Fique aí. — Ele me diz.

Greg pega sua bebida e o segue para se sentar e toma um gole.

— Eu me sinto responsável. — Diz ele para Sebastian.

Ele está de costas para mim, mas quase posso ouvir o sorriso presunçoso em sua voz.

— Não foi justo. — Tento novamente do meu lugar à mesa, a brisa da noite fresca na minha bunda nua.

— A vida não é justa. — Diz Gregory.

— Como você vai me punir?

— Deixarei isso para o meu irmão. — Diz Sebastian.

Gregory se vira para mim com um sorriso no rosto.

— Pensarei em algo especial.

Meu olhar é interrompido pelo comando de Sebastian.

— Vá para o seu quarto, Helena.

Estou surpresa com isso e um pouco desanimada em ser mandada embora como uma criança.

— Vá. Preciso conversar com meu irmão sozinho.

Eu olho para os dois e acho que deveria estar grata por ele me deixar ir. Embora uma olhada em Gregory me diga que meu castigo não será esquecido.

Sem uma palavra, vou embora.

— Helena. — Sebastian diz, me parando quando chego à porta.

Eu viro.

— Esteja pronta para mim quando eu chegar lá.

Eu mordo meu lábio, aceno e subo a escada. Realmente achei que ele não iria me foder está noite, não é? E honestamente, não quero que ele o faça?

A primeira coisa que faço é tomar um banho, tomando meu tempo. Antes de ir para cama, pego o diário de tia Helena debaixo do colchão e releio as últimas passagens.

Quando tiver a chance, voltarei para o mausoléu e verei se consigo encontrar a porta que leva ao quarto abaixo. Não sei o que encontrarei, não sei por que isso importa, mas faz.

Guardo em seu esconderijo e deito de lado, puxando o cobertor sobre mim e fechando os olhos. Não apago as luzes. Não desde que voltei daquela sala escura, não quando estou sozinha.

Quando acordo, é por causa do frio súbito enquanto meu cobertor é tirado de mim.

Abro meus olhos para encontrar Sebastian parado sobre mim. Ele ainda está completamente vestido e olha meu corpo nu.

— Você deixou as luzes acesas de propósito?

— Eu não consigo mais dormir se estiver escuro. Não quando estou sozinha, pelo menos.

Ele balança a cabeça, puxa a camisa por cima da cabeça. Olho para a cicatriz.

— Isso deve ter doído. — Digo.

Ele olha para isso também, depois de volta para mim.

— Não é nada.

Eu me sento.

— O que Gregory disse para você no escritório de Gallo? Ele disse algo em italiano que o fez parar. O que foi isso?

Ele suspira, vira sua atenção para tirar o resto de suas roupas.

— Nada que importe.

— Parecia importar.

— Sim? — Ele pergunta, fechando a mão no meu tornozelo e me puxando para deitar na cama antes de me virar de barriga para baixo e me puxar para ele. — Isso é o que importa agora. — Diz ele.

Eu olho para trás para encontrá-lo ajoelhado entre as minhas pernas ao lado da cama, enquanto envolve seus braços em minhas coxas e força minhas costas a arquearem. Ele me olha assim, aberta e exposta para ele.

— Você limpou o esperma do meu irmão de você?

Eu ruborizo, mas aceno.

— Você gosta de ser fodida por ele enquanto olho? — Ele pergunta, abaixando a cabeça para lamber minha boceta.

Eu mordo meu lábio, aperto o lençol.

— Você gosta?

— Sim.

— Você é uma garota suja, Helena. — Diz ele, me lambendo lentamente, provocando meu clitóris, me fazendo querer.

Ele se levanta, coloca as mãos na minha bunda e me abre, coloca um dedo dentro.

— Isso é meu. — Diz ele enquanto me puxa de joelhos.

Olho para ele. Ele não está olhando para o meu rosto embora.

— Ninguém fode sua bunda além de mim.

— Por que você me compartilha com ele? Isso o incomoda.

— Isso a incomoda?

Eu penso sobre isto.

— Eu não sei. Achei que sim.

— Nós compartilhamos mulheres antes. Fizemos algumas vezes. Foi mais fácil então.

— Mais fácil de compartilhar?

Ele concorda.

— Então não faça isso. Não me compartilhe com ele.

Ele segura meu olhar quando empurra seu pau em mim. É muito rápido e não estou pronta. Dói um pouco.

— Eu gosto de olhar para você quando você o toma.

Ele empurra novamente.

— Você sempre vai me punir depois que me fizer foder com ele? — Porque é isso que ele está fazendo. Está me punindo agora.

— Depois que eu *faço*? Acho que você gosta.

Eu me afasto. Apenas consigo isso porque ele não estava esperando. Saio da cama, fico quase nariz com nariz com ele.

— Não coloque isso em mim. Você me possui, lembra? E disse a ele para me foder.

Eu não sei porque estou tão irritada de repente. Talvez seja porque há verdade em suas palavras? Talvez seja porque quero isso.

Eu gosto de ter os dois. Sim. Mas ao mesmo tempo, Sebastian me compartilhando com seu irmão, deixa um espaço entre nós. Uma barreira. E isso não faz sentido para mim. É o que pensei antes. O que senti. Quando estávamos em Verona e ele conversou comigo. Quando fez amor comigo. Eu não podia aceitar porque o que estava sentindo, o que *estou* sentindo, não posso sentir por ele.

Penso na minha tia Helena, lembro-me do que li em seu diário. Ela estava apaixonada por um também.

Apaixonada por um.

O que há de errado comigo? O que há de errado com nós *Mulheres Willow?*

— Volte para cama, Helena.

— Eu não me senti como uma merda. — Balanço minha cabeça, ainda em meus pensamentos e ando ao redor dele, mas ele segura meu braço e me impede.

— Eu disse para ir para cama. Fique de quatro, bunda para mim.

Eu tento se livrar dele.

— Não estou no clima.

— E de repente, não está no clima? — Ele pergunta, pegando meus dois braços agora e me apoiando na parede. — Você estava no clima mais cedo. — Diz ele, empurrando-me rudemente contra ele.

— Pare.

Ele me levanta, levanta uma coxa em sua cintura e me empala em seu pau. As rosas em relevo no papel de parede pressionam seu padrão nas minhas costas.

— Você estava com vontade de foder meu irmão, mas não eu? — Ele empurra novamente. Tem uma mão ao redor do meu quadril, cravando os dedos na minha pele e com a outra, segura meu pulso na parede acima da minha cabeça enquanto me agarro a ele com o meu braço livre.

— Você disse a ele para me foder. Disse que queria assistir.

— E você gozou, assim como gozará agora. Porque sua boceta está molhada o suficiente. — Seus olhos estão fixos nos meus enquanto ele empurra rápido, duro e profundo.

— Qual é o seu problema? — Pergunto através de respirações curtas enquanto me agarro a ele. — Você quer isso, quer me ver sendo fodida por ele e define uma regra ridícula que não posso gozar. Você até dá permissão para me punir. Afinal, o que isso quer dizer?

— Cale a boca, Helena.

— Não, Sebastian, porque se você me possui, você é dono disso também. Possui o que acontece comigo.

— Eu disse para calar a boca.

Ele tenta beijar minha boca, mas viro meu rosto e ele acaba esmagando sua boca contra minha bochecha.

— Você sabe o que penso? — Eu começo.

Ele solta meu pulso e aperta minha mandíbula em vez disso, me faz olhar para ele.

— O que você pensa?

Eu posso nos ouvir, ouvir os sons molhados da foda, minha resolução desaparecendo. Eu gozarei em breve. A raiva se transforma em tristeza que se instala dentro de mim.

— Eu acho que há algo errado com as *Mulheres Willow*. — Digo baixinho.

Ele afrouxa seu aperto para segurar minha bunda e com seu pau ainda dentro de mim, me leva para cama e me deita. Ele fica na ponta e empurra meus joelhos para dentro de mim, trazendo seu rosto para perto do meu.

— O que há de errado com você *Mulher Willow*? — Ele pergunta.

Estou me agarrando a ele, minhas mãos em seus ombros e pescoço. Cravo as unhas em sua pele, em sua cicatriz. Ele estremece. Sei que isso o machuca, mas também sei que ele está bem.

— Que nós queremos isso. Assim. Que *eu* queira você, ainda. Mesmo depois de tudo, quero você.

Ele beija minha boca e abro para ele, sinto minhas unhas rasgando a pele e sinto o calor do sangue na ponta dos meus dedos.

— Porra, Helena.

— Acho que todos nós temos essa doença. A doença das *Mulheres Willow*.

Ele recua um pouco e envolvo minha mão na parte de trás de sua cabeça e o puxo para mais perto, beijo-o com força, uso meus dentes. Seu pau fica mais grosso dentro de mim.

Ele empurra minhas pernas mais amplas e puxo seu cabelo curto, puxo para machucar porque estou gozando. Estou gozando de novo, ele me sente e está me observando.

Nós dois somos doentes, eu acho. Nossas famílias são doentes.

Ele segura um punhado de meu cabelo e me força a olhar para ele e me ouço gemer, seu pau é tão bom. Monto o orgasmo até o fim e ele ainda está me fodendo, ainda me observando.

— Não importa o quê. — Digo, tomando seus impulsos finais quando ele começa a pulsar dentro de mim, me enchendo, me machucando por dentro e por fora. — Não importa o quê, nós *queremos* os bastardos Scafoni.

15

Helena

Depois do café da manhã, eu tenho a chance de escapar. Sebastian está em seu escritório com a porta fechada e Gregory fora da ilha. Eu levo o abridor de cartas de Lucinda comigo enquanto me dirijo ao mausoléu. Digo a mim mesma que é apenas no caso de precisar abrir uma fechadura.

Eu faço o mesmo caminho da última vez, exceto que hoje, estou vestindo jeans, um suéter e tênis, mesmo que esteja quente, meus braços e pernas estão protegidos.

O mesmo sentimento passa por mim enquanto me aproximo do prédio escuro e cinzento, apenas me permito diminuir meus passos quando encontro o olhar atento do anjo.

Eu mostro o dedo e me endireito enquanto abro o portão e entro.

O frio repentino me faz estremecer. Odeio isso aqui. A lanterna vermelha queima e a maneira como a luz do sol entra, o espaço é quase assustador hoje.

Mas eu não tenho que ficar aqui por muito tempo.

Apenas preciso encontrar aquela porta e descer, o que certamente será ainda mais assustador e descobrir o que eles fizeram com tia Helena. Descobrir o que ela achava que iria libertá-la, mesmo que estivesse apavorada com o que quer que fosse.

À primeira vista, não vejo isso. Leva-me duas voltas completas ao redor do lugar para perceber que há uma pequena abertura entre duas das paredes. É estreito e coberto com teias de aranha.

Puxo meu suéter para baixo em minha mão e as varro, quase pulo quando sinto o que tenho certeza que é uma aranha correndo pelas costas da minha mão. Olho para o espaço escuro, mas isso não pode ser nada. É muito estreito, mal consigo me encaixar. E de jeito nenhum um homem poderia passar por aqui. Nem Sebastian nem Gregory poderiam.

Balanço a cabeça, limpo as teias de aranha do lado de fora para luz do sol. Respiro fundo pelo nariz, percebendo que apenas respiro quando estou lá dentro. É como se você pudesse sentir o cheiro dos mortos.

O anjo ainda está olhando, mas juro que está zombando de mim agora.

É quando percebo o caminho ao redor do mausoléu. É cheio de ervas daninhas, o que explica porque não vi antes.

Eu começo a caminhada ao redor do prédio, estudando as paredes. Não sei por que estou esperando alguma entrada escondida, uma porta secreta ou algo assim porque quase no fundo do prédio há outra entrada, portões como os da frente. Não está escondido em tudo. Há uma corrente pesada e enferrujada que serpenteia pelas barras, mas a fechadura está aberta.

Flocos de ferrugem caem quando o toco, puxo a corrente pelas barras, tentando fazer o mínimo de barulho possível, mas fazendo muito. Estou longe o suficiente da casa e eles não deveriam ouvir, no entanto, não leva muito tempo porque parece que alguém esteve aqui recentemente.

Quando a solto, empurro o portão. Ele range ainda mais alto do que os da entrada principal e a escada de pedra leva à escuridão.

Eu dou um passo para baixo e toco no bolso para o abridor de cartas e continuo dizendo a mim mesma que fantasmas não são reais, embora eu saiba que são.

O anel no meu dedo queima. Juro que está queimando na minha pele.

Talvez seja Cain Scafoni.

Talvez ele queira seu dedo de volta.

O pensamento me dá força e dou outro passo.

O cheiro de decadência é forte aqui. É apenas o de terra e umidade. Não que eu já tenha sentido o cheiro de corpos humanos em decomposição, embora imagine que isso deva ser pior.

Mas não posso ir muito mais longe. Não é prático. Pelo menos é o que eu digo a mim mesma. Precisarei de uma lanterna. É escuro como breu.

Quando me viro, corro de volta pela escada irregular, tropeçando uma vez e esmagando meu joelho contra a pedra implacável, correndo, ignorando a dor, porque de repente é como quando era criança em casa e minhas irmãs e eu ousamos ir até a antiga adega, era fora dos limites para nós e eu era a única corajosa o suficiente para fazê-lo. Lembro-me de voltar correndo uma vez que estava no fim e xingar, quando senti algo tentar agarrar nos meus tornozelos, tentando arrastar-me para a escuridão.

Estremeço com a lembrança.

Tenho certeza de que é minha imaginação, mas é assim que me sinto agora e meu coração está acelerado quando volto para o exterior, no sol e na grama morta.

O mais rápido que posso, empurro o portão, coloco a corrente através dele e corro de volta para o caminho que me levará para longe daqui. Longe desse lugar assombrado, embora saiba que terei que voltar.

Minha respiração está de volta ao normal quando estou perto da casa, mas quando encontro Gregory encostado na parede me observando, meu coração começa a acelerar novamente.

— Eu pensei que tivesse ido embora. — Digo tão casualmente quanto possível, não olhando para ele enquanto tento entrar na casa, porque tenho certeza que ele pode ver a culpa no meu rosto.

Ele agarra meu pulso, me impedindo. Olho para onde ele está olhando e o vejo pegar algumas das teias de aranha ainda agarradas à minha manga.

— Onde você estava, *Mulher Willow*? — Pergunta, olhando para mim, para onde meu jeans deve ter rasgado quando tropecei na escada. Eu não sabia que meu joelho estava sangrando.

Eu limpo minha garganta, tento segurar seu olhar.

— Eu caí. — É verdade.

— Eu vejo isso. Onde você caiu?

— Oh, apenas fora de casa, nos terrenos. Claro, eu estava no terreno. Onde mais? — É uma ilha e preciso calar a boca.

Ele levanta as sobrancelhas.

— É melhor ir me trocar e colocar um curativo no meu joelho.

Ele concorda. Mas não acredita em mim. Eu dou um passo.

— Eu vou ajudar. — Diz ele.

Ele entra em sintonia comigo e paro para olhar para ele.

— O quê?

— Eu ajudo.

— Por quê?

Ele olha para mim, sorri um sorriso que diz que está tramando algo, como se não soubesse e gesticula para eu subir a escada à sua frente.

Eu vou e quando estou no meu quarto, ele fecha a porta e olha para mim.

— Tire a calça para que possamos dar uma olhada nesse joelho.

— Eu sou perfeitamente capaz de...

— Relaxe, Helena, apenas estou brincando com você. Na verdade, vim para lhe dar uma coisa.

— Dar-me algo?

Ele caminha na minha direção.

— Bem, mais como emprestar para você. — Ele coloca a mão no bolso e para minha surpresa, pega um celular. Ele segura isso para mim.

Olho cautelosamente. Tenho certeza que ele ainda está fodendo comigo.

— Para que é isso? — Pergunto.

— Pensei que você gostaria de ligar para casa. Não falou com sua família desde que chegou aqui.

Estou quase salivando com a perspectiva, mas com ele preciso ser cautelosa.

— Mas se você não quiser... — Ele começa a guardar.

— Espere.

Ele olha para mim, me dá um sorriso e levanta uma sobrancelha.

— Qual é o truque?

— Você não é uma pessoa muito confiante, é Helena?

Eu mudo meu peso para um pé e coloco minhas mãos nos meus quadris.

— Eu conheço você, Gregory.

— Você *acha* que me conhece, Helena.

— Qual é o truque? — Repito.

Ele segura o telefone para mim.

— Nenhum truque. Você tem dez minutos. Espere um momento, não quero você ligando para um namorado.

— Eu não tenho namorado e você sabe disso. — Eu pego o aparelho, tomando cuidado para não tocar sua pele. — Por que está fazendo isso?

— Por que não? — Ele pergunta, mas quando acho que vai sair para me dar privacidade, senta na minha cama, estica as pernas, coloca as mãos atrás da cabeça e começa a assobiar um pouco.

Abro minha boca, mas como se ele esperasse o que vou dizer, fala primeiro.

— Mendigos não podem escolher, Helena. — Ele verifica seu relógio. — Nove minutos.

Entro no banheiro e fecho a porta. Não tenho que pensar para quem ligarei.

Não tenho interesse em perder meu tempo ligando para meus pais. Em vez disso, sentada na beirada da banheira, ligo para Amy, minha irmã mais nova. Quase perdi a esperança quando, no quinto toque, pouco antes da chamada chegar ao correio de voz, ela atende.

Meus olhos queimam ao som familiar de sua voz e não posso falar imediatamente. Demora duas vezes para perguntar quem é para eu responder.

— Sou eu, Amy. É Helena.

— Helena?

Lágrimas escorrem pelo meu rosto e estou assentindo como uma idiota. — Sim. Sou eu.

— Helena. Oh meu Deus, Helena! Não achei que ouviria de você. — Ela faz uma pausa. — Não enquanto estivesse... aí.

— Ah, Amy é tão bom apenas ouvir sua voz. Como você está?

Ela faz uma pausa.

— Helena, você sabe sobre... você recebeu minha carta?

— O obituário. Sim. — Aceno para ninguém. — Sim eu sei. Não descobri até duas semanas depois, mas agora sei.

— Eu gostaria de ter ligado.

— Está bem. Tudo bem, Amy. Sou grata que você enviou a carta.

Há um silêncio estranho.

— Como ele está? — Ela finalmente pergunta. — Como eles estão?

— Ele está bem. — Eu deixo o *ele*s fora.

— Eles a estão... machucando?

— Estou bem. Sebastian está bem.

— Eu sei porque eles fizeram isso. Por que mamãe e papai fizeram isso, quero dizer. Eles contaram finalmente, depois que se cansaram de mim. Eu sei de onde o dinheiro está vindo. Sei porque estamos fazendo reparos na casa. Por que meu pai comprou um carro novo.

Ouvindo isso, quero chorar. Isso é o que minha vida vale.

Coisas.

Coisas materiais.

— Eu já fui matriculada em St. Joe.

— Oh, Amy, isso é ótimo. — Meu coração está apertado e otimismo em minha voz é forçado. Ela deve ouvir isso.

— Não, Helena, não é. Você está pagando com... com... seu corpo.

Eu não posso evitar fungar e ela ouve.

— Estou indo embora. Eu não farei parte disso. — Diz ela.

— Poderia facilmente ter sido você, Amy.

— E você teria ficado? Conhecendo a verdade?

— Não. — Não preciso pensar na minha resposta. Eu sei que não.

— Além disso, eu sabia que seria você. No instante em que ele a viu, soube disso. Estava em seus olhos. Era apenas você, Helena.

Por que o que ela está dizendo me faz parar?

Uma batida na minha porta e Gregory coloca a cabeça dentro, bate o relógio e volto ao presente.

— Eu não tenho muito tempo para conversar, Amy.

— Você precisa ir?

Aceno, embora saiba que ela não pode ver.

— Apenas por favor, não faça nada precipitado. Pegue o dinheiro e vá para escola. Você ainda estará longe de casa, deles. É importante. Precisa pensar no seu futuro.

— Eu não posso fazer isso, Helena. Além disso e o seu futuro? O que acontece com você depois? A mesma coisa que aconteceu com tia Libby ou com tia Helena?

— Tia Helena estava bem.

— Ela não estava bem. Na verdade, não.

Eu penso sobre o que Sebastian disse sobre ela, como não estava lá, não no final. Penso sobre o que aconteceu com ela. Sobre o anel no meu dedo.

— O que você fará então, Amy, se não for à escola?

— Viver com integridade. Além disso, não disse que não iria à escola. Simplesmente não será nestes termos. É dinheiro de sangue, Helena, não importa o quão bom você diga que ele é para você. — Eu a ouço fungar e sei que ela está tentando esconder as lágrimas.

Gregory entra agora.

— Tempo.

— Amy. — Eu começo.

Gregory estende a mão.

— Posso ligar para você? — Ela pergunta. — Guardarei o número.

Eu olho para Gregory e percebo a pegada. Ele agora terá acesso à única pessoa que escolhi ligar, a única irmã de quem sou próxima.

E talvez ele decida pegar sua própria *Mulher Willow*.

— Exclua, Amy, bloqueie. Encontrarei outra maneira de ligar para você.

Gregory me observa, sua expressão ilegível. Não com raiva, apenas algo.

— Helena...

Mas ela é cortada porque ele pega o telefone, desliga e coloca no bolso.

— Quem é Amy?

Eu tento pegar o telefone de volta.

— Dê-me isso. — Quero excluir o histórico dele, excluir o número dela. Não que isso importe. Ele sabe quem é Amy e encontrará algum jeito de ter acesso a ela, se é isso que quer.

Ele segura meu braço com facilidade.

— O que você acha que farei com o número exatamente? Ligar para ela? Ligar e chamá-la para um encontro? Talvez você tem medo de que tenha minha própria *Mulher Willow*?

— Ela não é sua e você não pode tocá-la. Eu o matarei se a tocar!

— Matar-me? — Ele faz uma pausa, finge estar ferido. — Apenas estava fazendo uma gentileza. Não cometerei esse erro novamente. — Ele se vira para ir.

— Espere.

Ele para.

— Eu estou grata. Apenas...

Ele se vira para mim.

— Você não fará nada com ela. — Não sei se é uma questão ou uma declaração de fato ou o quê.

— Estou feliz que você conseguiu falar com ela, Helena. — Diz ele, ao invés de responder minha pergunta.

— Posso ligar para ela novamente?

— Veremos. Vá limpar isso.

Com isso, ele sai do meu quarto e fico olhando a porta, confusa com seus motivos e preocupada com minha irmã, não gostando desse novo segredo entre Gregory e eu.

16

Sebastian

— Você está muito alegre. — Digo para Gregory, enquanto ele cava sua segunda porção de macarrão.

— Estou sempre animado. — Diz ele. — Você é o azedume. Deve se acalmar, irmão.

Ele é normalmente tão esperto quanto Lucinda e Helena está mais quieta do que de costume, olhando para meu irmão sempre que ele não a está olhando. Quase posso ver as engrenagens de sua mente trabalhando.

— O que você fez hoje, Helena?

Gregory dá sua última mordida na comida, coloca os utensílios diagonalmente no prato e se recosta, limpando a boca e observando Helena.

— Apenas andei um pouco, nadei e li.

— Como está o seu joelho? — Gregory pergunta.

Helena ofega.

— Está bem.

— O que aconteceu com o seu joelho? — Pergunto.

— Nada. Eu apenas caí e ralei. Parecia pior do que quando você viu. — Diz ela, dirigindo a última parte para Greg.

— Como está sua irmã? — Pergunto.

Helena tosse, engasgando com a comida que estava apenas engolindo e deixa cair o garfo. Ela cobre a boca com o guardanapo. Quando o ataque de tosse passa, empurra a cadeira para trás para pegar o garfo.

— Deixe isso. — Eu digo.

Ela se endireita quando uma empregada vem substituir o garfo por um novo.

Eu levo meu tempo engolindo minha comida. O que esperava desse teste? Achava que ela me contaria? Não, não achava. Talvez esperasse que o fizesse, mas é mais que isso.

Olho para o meu irmão que a está observando. Não gosto de como ele a observa, mas preciso ser cuidadoso. Helena está esperando pela minha reação. Mastigo outro pedaço de comida antes de focar meu olhar nela.

— Essa ligação deve ter sido a parte mais importante do seu dia, mais do que sua caminhada. Isso fugiu da sua mente?

Ela move o olhar para Gregory, em seguida, volta para mim.

— Você sabia?

— Eu pedi ao Gregory para lhe dar o telefone para fazer a ligação. — Respondo.

— Foi um teste? — Ela pergunta.

Encolho os ombros.

— Apenas para mim ou para ele também?

— Oh, foi para mim também, Helena. Não tenha dúvidas. — Diz Gregory.

Helena empurra a cadeira para trás e apoia-se.

— Bem, então acho que devo um agradecimento.

— Sente-se.

— Terminei, não gosto de brincar disso.

Ela passa pela minha cadeira, mas agarro seu pulso e empurro minha cadeira para trás para puxá-la para o meu colo.

Gregory se levanta e desaparece dentro por um momento, presumo dispensando o pessoal. Ele retorna e senta novamente, sorrindo amplamente.

Eu mantenho os pulsos de Helena em minhas mãos atrás dela.

— Quando eu digo sente, você senta. — Digo a ela.

Ela não diz nada, mas se contorce um pouco. Ela não irá se afastar, não até eu permitir. Ela também sabe disso. E sei que de uma maneira fodida, gosta disso. Pergunto se há segurança nisso para ela, se sabe, talvez em um nível subconsciente, que está segura comigo, mesmo quando a castigo.

— O que Amy tinha a dizer? — Pergunto no pescoço dela.

Gregory cruza um tornozelo sobre o outro joelho e bebe o último de seu vinho. Ele dá uma piscada para Helena.

— Por que você não me disse, que estava apenas sendo o garoto de recados de seu irmão? — Ela pergunta a ele.

Eu o vejo irritado com isso.

— Você não perguntou. — Diz ele, com os dentes apertados.

— O que Amy disse? — Pergunto novamente. Vou deixá-los dividir essa outra parte depois. Isso foi parte do objetivo deste teste, afinal.

— Meus pais contaram a ela sobre o dinheiro. Eles a matricularam na escola.

— O que mais?

— Ela está saindo de casa, não aceita o dinheiro.

— Por que não?

— Porque ela tem integridade, Sebastian. — Helena responde, virando a cabeça apenas o suficiente para me ver de lado. — Algo que falta aos irmãos Scafoni. Eu não gosto de brincar com isso.

— Então aprenda a ser honesta. Saiba que sei tudo o que acontece aqui, quer você pense ou não. Você não ficará entre meu irmão e eu.

— Não é minha intenção, nunca foi.

Mas isso está acontecendo. Já existe uma pequena fissura entre nós que temo ser apenas o começo. Eu encontro o olhar de Gregory e sei que com o tempo, se seguirmos as regras, terei que entregá-la a ele. Ela irá pertencer a ele.

O pensamento faz minhas entranhas queimarem e preciso administrar isso, é a única forma.

Trocando seus pulsos em uma das minhas mãos, puxo o zíper de seu vestido para baixo. Ela faz um som, um pequeno gemido, mas permanece como está quando deslizo uma manga, depois a outra para fora dos

ombros e para a dobra dos cotovelos. Então faço o mesmo com as tiras de seu sutiã, em seguida, solto-o, deixando escorregar para expor seus seios.

Os olhos de Gregory se movem momentaneamente para olhá-los antes de voltar para os dela.

— Levante-se. — Digo.

Eu a seguro quando ela faz e aceno para Gregory, que se inclina para frente, desliza as mãos para cima ao longo de suas pernas para segurar sua calcinha e arrastá-la para baixo. Então, mudando o aperto, deixo o vestido e o sutiã caírem no chão antes de sentá-la nua no meu colo novamente.

Gregory olha para ela.

— Abra suas pernas para o meu irmão.

É preciso uma cutucada minha, mas ela faz isso, abrindo-as tão amplas quanto as minhas, apenas as plantas dos pés no chão.

Gregory olha para a fenda de seu sexo enquanto ela se contorce, não o impeço quando ele se inclina para frente, esfrega sua boceta com dois dedos e depois os esfrega na coxa dela.

— Acho que ela gosta disso. — Diz ele.

— Acho que você está certo. Sinto o cheiro de sua excitação daqui. — Digo, inclinando-me perto de sua orelha antes de levantá-la, entregando-a para meu irmão.

Ele segura seus pulsos, mantendo-os ao lado do corpo, beija sua barriga e descendo mais antes de virá-la, entregando-a de volta para mim.

Eu tomo o mamilo na minha boca antes de recuar, arrastando-o entre os meus dentes até que ela geme.

Greg se levanta, empurra os pratos para fora do caminho, fazendo com que um deles se quebre em sua pressa. Ele a levanta, a senta na beirada da mesa e se inclina para perto dela, então ela precisa se inclinar para trás. Ele puxa a camisa sobre a cabeça e agarra as pernas dela, abrindo-as e ficando entre elas.

Eu posso ver que ele quer beijá-la e está tão perto, tão perto.

Mas ele beija seu pescoço, em seguida, abaixa e beija a cavidade da clavícula, o peito, entre os seios e o oval do umbigo. Ele está de joelhos com as mãos em suas coxas, enquanto se inclina para lamber sua boceta provando-a enquanto ela aperta os olhos fechados e se inclina para trás.

Eu assisto a princípio, assisto a luta dela.

Ela coloca as mãos na cabeça dele, tentando empurrá-lo quando se vira para mim.

— Isso é outro teste?

Ela empurra para ele, mas ele agarra seus pulsos e os segura. Ela dá um soco nas mãos, coloca um pé na mesa com a intenção de fugir, mas acaba abrindo mais as pernas.

— Por favor!

— Irmão. — Eu digo, os olhos fixos em seus desesperados movimentos.

Ele se afasta, levanta e limpa a boca. Ele se senta em sua cadeira, abre sua calça jeans, empurra-a para baixo e segura seu pau.

Eu me levanto, pego Helena pelo braço e a puxo para fora da mesa.

— O que você está fazendo? — Ela pergunta em um sussurro.

Eu seguro sua bochecha em uma mão.

— O que *estamos* fazendo? — Pergunta.

Eu tenho que manter o controle disso, dele. Dela. Este é o único caminho. É a única maneira de mantê-la minha.

E por mais que não queira, a viro e a coloco de joelhos diante do meu irmão.

— Chupe-o, Helena.

Ela não recua, mas hesita, o que leva a mão de Gregory na parte de trás de sua cabeça, para ela levá-lo em sua boca.

Eu me ajoelho atrás dela, tiro minha camisa e a calça. Agarrando sua bunda, a abro e quando a sinto, sinto como ela está molhada. Por mais que lute contra isso, ela também quer e parte de mim quer puni-la por isso. Odiá-la por isso. Mas não o faço.

Em vez disso, deslizo em sua boceta molhada e me inclino para frente sobre suas costas.

— Agora você pode gozar, mas tenha certeza que quando meu irmão fizer, você engole cada gota, não desperdice nada. Compreendeu?

Ela balança a cabeça e me endireito olhando para ela, sua linda boceta molhada estendida para mim e sua bunda tão convidativa.

Greg agarra um punhado de cabelos e começa a foder seu rosto e quando o faz, eu imito seus golpes, duro, rápido e profundo, em momentos, ela está gozando, o latejar de sua boceta me leva ao limite e a encho de porra. Enquanto meu irmão esvazia em sua garganta e por um momento, me deixo acreditar que isso pode funcionar.

Nós três.

Assim.

Contanto que ela seja minha para dar.

Minha para compartilhar.

Minha para manter.

Mas quando a felicidade do orgasmo recua, essa fantasia desaparece.

Eu sei em meus ossos, que isso não acabará bem.

Que essa *Mulher Willow* destruirá meu irmão e eu, a ambos.

17

Helena

Eu durmo sozinha aquela noite. Vou para meu quarto, tomo um longo banho e não sei porquê, mas choro um pouco. Eu não entendo porque Sebastian fez o que fez, me testando com essa ligação. Compartilhando.

E estou preocupado com Amy.

Essa coisa toda é fodida e fica cada vez mais e mais fodida.

No final da tarde seguinte, Gregory me procura no meu quarto. Não vi Sebastian o dia todo.

— Venha comigo, *Mulher Willow*.

— Eu não vou a lugar nenhum com você.

— Você não tem escolha.

— O quê, tem outro teste para mim? Você e seu irmão planejaram um na noite passada?

Ele respira fundo e exala.

— Isso não é um teste.

— Sim, bem, eu não exatamente confio em você.

— Isso não é novidade. Vamos.

— Por quê?

— Você deve uma punição, lembra?

Eu sinto meu rosto ficar branco.

— Relaxe, Helena. Não vou machucá-la — Ele se senta na beirada da cama. — Apenas quero companhia, ok?

O jeito que ele olha para mim, há algo em seus olhos que está tão ferido. Muito parecido com um filhote de cachorro perdido, isso me deixa infeliz e fraca.

Por que isso sempre me enfraquece?

Ele continua. Sei que ele lê meu rosto.

— Você passa algumas horas comigo e pode se considerar absolvida. Quase indolor, além de ter que suportar minha companhia.

— Algumas horas fazendo o quê?

— Você verá. Prometo que gostará. — Ele sorri o que quero acreditar que é um sorriso genuíno. — Eu lhe darei cinco minutos. — Diz ele e se afasta. — Use um biquíni. Pode ser um dos últimos dias de clima para nadar.

Ele sai e eu relutantemente visto um biquíni. Coloco um short e uma blusa leve por cima. Pergunto se Sebastian sabe sobre o plano de Gregory para o meu castigo e não sei porquê, mas acredito nele quando diz que isso não é um teste.

Gregory verifica seu relógio quando desço.

— Pontual.

— Sebastian sabe disso?

— Não se preocupe com meu irmão. Vamos lá.

— Onde iremos? — Pergunto enquanto o sigo até o final da praia.

Ele não responde até chegarmos ao nosso destino e eu vejo.

— Passeio de canoa.

Eu paro.

A canoa parece não ter sido usado há anos. Pergunto se está é a que Sebastian levou naquele dia, o que ele inclinou no dia no dia que quase matou Ethan.

Pelo olhar no rosto de Gregory, ele sabe o que estou pensando. Pergunto-me se Sebastian contou a história do que realmente aconteceu naquele dia lá fora.

Eu vejo como ele empurra galhos mortos e deixa-o, observando os músculos de seus braços e costas flexionados enquanto trabalha. Quando ele se vira para mim, ruborizo.

— É seguro? — Pergunto para distraí-lo ou a mim mesma, não tenho certeza de qual.

— Você é uma forte nadadora. — Diz ele, não respondendo a minha pergunta enquanto arrasta para a água.

Ele tira os chinelos e os joga na canoa. Está vestindo short e uma camiseta, entra na água, arrastando-o para trás.

— Gregory, você tem certeza que é seguro?

— Não se preocupe. — Diz ele, olhando para mim. — Eu não irei incliná-la.

Ele sabe sobre Ethan. Deve saber. Está testando se sei ou não? Por que isso importa? Talvez não goste que seu irmão tenha me contado.

Eu suspiro, tiro meus chinelos e sigo para o mar azul-turquesa.

A água é fria em meus pés e tornozelos, lanço meus chinelos dentro também. Uma vez que estamos um pouco mais longe ele para e gesticula para eu entrar.

Relutantemente faço.

Ele nos puxa um pouco mais antes de subir e pegar o remo para nos levar para fora.

— É lindo aqui fora. — Diz ele. — Pacífico.

Isto é. O único som é a brisa e a água batendo calmamente contra a canoa.

— Você vem muito aqui? — Pergunto, soltando uma mão para mergulhar meus dedos na água. Estamos sentados de frente um para o outro, a ilha às minhas costas.

— Na verdade, não.

— Por que nós viemos hoje?

— Há uma pequena enseada onde você pode nadar. Pensei que poderia gostar disso.

Eu o observo. Não acredito que ele esteja apenas fazendo isso por mim. Quando se trata de nós três, Gregory tem uma agenda. Mas novamente, Sebastian também. Não foi ontem a prova disso?

— Sebastian sabe?

— Sim.

— Oh.

Ele fica em silêncio e olho ao redor me sentindo estranha, mas tentando relaxar e apreciar a beleza disso. Além disso, talvez ele tenha sido sincero. Talvez eu precise me ouvir e o que disse a Sebastian, que Gregory é solitário. Isso é tudo.

— Onde você caiu ontem? — Ele pergunta, olhando para o meu joelho arranhado.

Encolho os ombros.

— Nenhum lugar especial. Apenas tropecei em uma rocha.

Ele concorda.

— E havia teias de aranha ao redor?

— Eu acho que caí em uma teia de aranha.

— Certo.

Eu quero mudar de assunto.

— Quão longe da enseada?

— Não tão longe.

— Por que você não me disse, que Sebastian arrumou o celular para ligar para a minha irmã? Por que me testar?

— Você já considerou que ele estava testando? Talvez nos testando?

— Por que o faria?

— Porque ele pode.

— Vocês dois podem. Estou presa no meio e não é onde quero estar.

— Não? Porque tenho a sensação de que você gosta muito quando está entre nós.

Eu olho para longe. Sei que ele se refere ao sexo e não posso negar o que está dizendo, mas essa parte é diferente.

— Talvez tenha sido a maneira dele garantir que você não confiasse em mim. — Diz ele.

— Eu não confio em você.

Vejo uma mudança em seus olhos, um momento de quase vulnerabilidade. Embora tenha sido por um instante e talvez não estivesse lá. Talvez tenha sido minha imaginação.

Eu limpo a garganta.

— O que você disse a Sebastian naquela noite no escritório de Gallo? Disse algo em italiano que não consegui entender.

— Você deveria perguntar a ele.

— Eu fiz. Ele não me contou.

— Talvez haja uma razão para isso. Além disso, não é meu lugar para lhe dizer.

— Seu lugar?

— Você é *sua Mulher* Willow, lembra?

— Vocês dois continuam me lembrando disso. — Como se eu fosse esquecer.

Eu o observo, tento descobrir o que ele está pensando e o que está planejando.

— E de quem é a canoa?

— Sebastian.

Eu já sabia disso, não sabia?

— Ele não a usou desde o acidente. Ele falou sobre isso?

Eu concordo.

— Ele confia em você. Você é de confiança, Helena?

— O que você quer, Gregory? Isso é sobre o quê?

Ele encolhe os ombros e gesticula atrás de mim.

Eu me viro para descobrir que estamos nos aproximando de uma pequena ilha ou mais como uma grande rocha. Observo enquanto atraca e quando chegamos ao redor da parede de pedra, vejo a pequena e bonita praia de areia escondida ali.

Ele se aproxima o máximo, antes de sair e arrastar a canoa para a areia.

— Eu não sabia que havia algo assim aqui. — Digo.

Ele senta na areia e dá uma tapinha no espaço ao lado dele.

— Sebastian sabe que estamos aqui? — Pergunto novamente.

— Não se preocupe com meu irmão. —Mesma resposta.

— O que você quer? Por que me trouxe aqui?

— Você nunca respondeu a minha pergunta da outra noite.

— Você não responde nenhuma das minhas.

— Ok, uma por uma. Eu vou primeiro. Pergunte-me alguma coisa.

— Mesmo?

— Sim.

— O que você disse para Sebastian?

— Eu disse que ele sabia o caminho.

— O caminho para sair?

Ele concorda.

— Fora disso, você quer dizer?

— Isso são duas perguntas.

— Na verdade, não...

— Minha vez.

— Espere, isso não é realmente justo. Você não pode simplesmente...

— Eu disse na outra noite que a vida não é justa. Como ainda não percebeu isso? Você de todas as pessoas, *Mulher Willow*.

Eu olho para a água.

— Vou nadar. — Não espero pela permissão e tenho plena consciência de que ele não esquecerá de fazer a pergunta, mas pelo menos posso ganhar algum tempo.

Eu tiro meu short, suéter e vou para a água. Ele não segue, mas o sinto me observando enquanto mergulho sob a superfície e saio nadando para longe da ilha. Abro meus olhos embaixo da água. É cristalina aqui, mas o sal pica meus olhos, embora seja superficial, fica profundo rápido. Peixes brancos e prateados nadam para longe quando me aproximo, gostaria de ter óculos de proteção. Talvez peça a Sebastian para me trazer de volta para snorkel.[1]

[1] O snorkel é um tubo em formato de "J", acoplado à máscara de mergulho. Fabricado em plástico, silicone ou borracha, este dispositivo é indicado para atividades que podem ser feitas apenas com o ar dos pulmões, como mergulho em apneia e snorkeling (natação equipada).

Estou flutuando de costas na água, de olhos fechados. Meus ouvidos estão abaixo da superfície e é por isso que não o ouço até que ele esteja tão perto, está me tocando.

Eu começo a me assustar e afundar.

Ele envolve um braço em minha cintura e me traz à superfície. Respiro fundo, empurro o cabelo para trás do meu rosto.

— Estou bem! Posso nadar bem!

Mas ele não me deixa ir. Mantém o braço fechado ao meu redor.

— Minha pergunta. — Diz ele.

Eu olho para ele, vejo como o azul-turquesa do mar ilumina aqueles pontos em seus olhos.

— O que você sente por mim? — Ele pergunta.

Eu sei do que ele está falando. Foi exatamente quando me fez essa pergunta no Gallo, que fomos interrompidos.

Mas não quero responder, então o empurro e saio de debaixo do braço, nadando de volta para a praia, longe dele. Mas ele está ao meu lado em um momento e não há para onde ir, quando sento na areia ele se senta ao meu lado.

— Você fez um acordo. Respondi sua pergunta.

— Isso é discutível.

— Agora é sua vez.

Olho para ele, mas antes que possa falar, ele faz.

— Eu quero beijá-la, Helena. Ele me deixa lamber sua boceta. Deixa-me fodê-la. Mas não posso beijar e quero tanto beijá-la.

Eu balanço minha cabeça, puxo meus joelhos para cima.

— Apenas um beijo. Isso é tudo.

Balanço minha cabeça novamente e mantenho meu olhar sobre a água.

Ele coloca a mão na minha bochecha e me vira para olhá-lo.

— Porque você não quer ou porque está com medo dele?

— Eu não tenho medo dele.

— Então você não quer.

— Por que está fazendo isso? Outro teste?

— Nenhum teste, dou minha palavra. Responda a minha pergunta. O que você sente por mim?

— O que você esperava? Que você me traria aqui e eu... eu... o que? — Começo a me levantar, mas ele pega meu pulso me impedindo.

— Responda a minha pergunta, Helena.

— Por quê? Por que isso é importante?

— É importante. É importante para mim.

— Eu não te amo. — As palavras saem, antes que possa pensar sobre elas ou processar o que estou dizendo.

Elas o silencia. Elas nos silenciam, a ambos.

Ouço o que acabei de dizer.

Quando ele finalmente fala, seu tom é diferente. Duro.

— Você *o ama?* — Pergunta com os dentes apertados.

— Eu quero voltar.

— Responda.

— Você recebe uma resposta, como eu recebi.

Ele me observa e magoa guerreia com raiva, sei que o último está ganhando pela maneira como seus olhos escurecem.

— Quero voltar para a ilha. Agora— Estou de pé.

Ele fica de pé.

— Você sabe que ele quase matou nosso irmão, não é?

— Foi um acidente.

— Você não acredita nisso.

Eu paro e olho para o chão. Não, sei que não é verdade. Sei que não foi um acidente. Balanço minha cabeça e olho para ele.

— Eu sei o que realmente aconteceu, mas também sei que ele era criança.

— Dezesseis anos não é uma criança. Não em nossa família.

— Qual é o seu problema? Ele ama você. Eu o defendi para ele.

— Eu não preciso de você para me defender. Não é para isso que está na ilha. Mas não se preocupe, estará a salvo de mim se ele tiver coragem de passar por isso.

— Passar pelo o quê? — O diário de minha tia vem à mente, a cerimônia de marcação.

Ele se afasta.

— Eu a levarei de volta para a ilha como você quer, Helena.

— Passar pelo o quê, Gregory? — Pergunto novamente, recusando-me a me mexer.

Ele volta, pega meu braço e se aproxima.

— Talvez você não queira saber, *Mulher Willow*. — Ele me arrasta para a canoa, pegando nossas roupas descartadas no caminho e jogando-as nela.

— Entre.

— Eu não queria machucá-lo.

— Você não me machucou. Entre.

— Gregory...

— Entre na porra do barco antes que a deixe aqui!

Eu pulo em seu tom e subo na canoa, ele empurra, em seguida, sobe e começa a nos levar de volta para ilha, sem falar uma palavra e com seus olhos queimando um buraco em mim.

18

Sebastian

Eu estou deitado na cama de Helena lendo quando entra no quarto. Ela se assusta e para. Seu cabelo está molhado, ela está usando um biquíni e carregando suas roupas. Está sem fôlego.

— Onde você estava? — Pergunto.

Seus olhos caem no caderno que estou lendo.

— O que você está fazendo? — Ela vem para frente, para tira-lo das minhas mãos.

Eu puxo-o para longe e levanto-me.

— A empregada encontrou-o entre o colchão quando estava trocando os lençóis. Há quanto tempo você tem isso?

— Não importa. Não é da sua conta.

— Bem, na verdade, sim, é da minha conta.

Ela esfrega a mão sobre a testa.

— Não posso lidar com isso agora. — Ela vai ao banheiro e fecha a porta.

Eu abro. Está de pé na pia, as roupas que estava segurando no chão. Está olhando para seu reflexo, mas não tenho certeza se está vendo alguma coisa.

— Pode me dizer que porra está acontecendo?

Ela gira as torneiras e lava o rosto.

— Preciso de um banho.

— Por quê?

— Porque seu irmão acabou de me levar para uma ilha para um mergulho e estou salgada da água. Tudo bem?

— Que ilha?

— Uma enseada. Não é uma ilha.

Eu sinto meu maxilar flexionar.

— O que ele fez?

— Nada.

— Não parece que foi nada.

— Apenas deixe isso em paz.

Eu vou para a pia e fecho a torneira.

— Ele tocou em você?

Ela olha para mim.

— É sempre a mesma coisa. Você o deixou me tocar, Sebastian. Lembra? Mais de uma vez.

— E eu lembro de você gostar. — Digo, agarrando seus braços e sacudindo-a. — Eu me lembro de ouvi-la gozar. Não consigo tirar o som da minha cabeça, na verdade.

— Você sabe o quê? Eu gostei, gostei dele me fodendo. Eu gozei. E talvez devesse tê-lo deixado fazer o que queria...

— O que ele queria?

— Beijar-me. Apenas me beijar. Isso é tudo.

Eu a solto e quando ela volta para o quarto, a sigo.

— Beijar é diferente, é íntimo. — Eu digo.

— Como é mais íntimo do que foder? Quer dizer, entendo que ele está confuso. Você me coloca lá fora e depois me leva de volta. Pendura-me lá fora, então me pega de volta. Não posso dizer o que você quer e o que está

fazendo por obrigação — Ela senta na cama. — Eu não posso nem dizer o que quero.

Eu me afasto, observando-a.

— Eu controlo isto. Ele apenas pode tocá-la quando digo, apenas pode tocar como eu digo. Eu controlo isso.

— Mas você não pode controlar as emoções, Sebastian. Não funciona assim, nem mesmo para você. Pode tentar nos organizar da maneira que quiser em seu jogo estúpido e ainda não conseguir controlar o que sentimos. Ninguém pode!

— Tome banho, troque de roupa e fique no seu quarto. Preciso ter uma conversa com meu irmão.

Ela olha para mim.

— O que você fará?

— Isso será entre eu e ele.

— Você tem tantos segredos, muito *entre você e ele*. Então, como é que sou sempre a única no meio? Como é que sou sempre a única que rasga, ao ponto de quebrar?

Eu levo um minuto para responder. Conheço esse disco quebrado.

— É o que acontece. O que a *Mulher Willow* faz. — Ando até a porta, mas paro e volto. — Aqui também. — Digo, segurando o caderno. — Com

sua tia. Houve então consequências extremas que não deixarei acontecer com meu irmão e eu.

— Você quer tudo. Você me quer e quer a ele, não funcionará. Não vê isso? Alguém vai se machucar. Talvez todos nós.

Porra. Passo a mão pelo meu cabelo.

— Preciso encontrar meu irmão.

Ela balança a cabeça e se afasta.

Eu saio pela porta, descendo a escada. Deixo o caderno na minha escrivaninha antes de sair de casa e encontro meu irmão exatamente onde acho que vou encontrá-lo.

— Que porra você achou que estava fazendo? Levando-a nisso? — Pergunto.

Gregory está sentado em cima da canoa de cabeça para baixo, fumando um cigarro. Ele guardou de volta onde deixei naquele dia, anos atrás. A última vez que tirei.

Ele dá uma última tragada no cigarro antes de jogá-lo no chão, enterrando-o na areia. Fica de pé e olha para mim.

— Não se preocupe com isso. — Diz ele, caminhando em minha direção, depois passando por mim. — Ela está de volta, sã e salva. *Eu* não inclinei a canoa.

Eu agarro o braço dele, o parando.

— Que porra isso significa?

— Por favor, não sou burro. Ethan nunca foi um bom nadador e você sabia disso. Queria punir Lucinda. O que fez em vez disso? Destruiu qualquer chance de Ethan ter uma vida normal.

— Como se você desse a mínima para ele.

— Ele não merecia o que conseguiu.

Porra, ele tem razão.

— Eu não fiz ... não foi assim.

— Não? Como foi?

Eu o libero, olho para a água e passo a mão pelo meu cabelo.

— O que fiz para Ethan. — Começo com os dentes apertados. — Foi um erro. Um pelo qual eu paguei.

Então ele ri.

— Você pagou? Como pagou exatamente?

Eu o sigo com meus olhos enquanto ele gira em torno de mim.

— Porque pelo que entendo, apenas uma pessoa pagou o que você fez a Ethan. — Diz ele. — E ele sequer sabe disso.

— Você não sabe de nada. Não sabe como foi para mim.

— Ruim o suficiente que você quase matou seu irmão? Oh, sinto muito, não seu irmão. Acho que isso deixa tudo bem.

— Foda-se você.

— Não, foda-se você, filho primogênito Scafoni. Que piada, você não é nem isso. No entanto, consegue tudo, cada maldita coisa que quer, enquanto o resto de nós paga por isso.

— Como você paga, Gregory?

Ele apenas olha para mim por muito tempo e acho que vejo como ele paga. Eu vejo o que Helena vê. O que ela continua tentando me dizer. Essa solidão.

Talvez seja isso que a atrai para ele.

— Foda-se. Que porra está acontecendo? — Eu não pergunto a ninguém.

Sento-me na canoa e passo a mão pelo cabelo.

— Eu estraguei tudo, Greg. Não tenho desculpa e não estou dando uma. Estraguei tudo. Quando penso sobre o que aconteceu, o que queria fazer, o que fiz com Ethan, fico doente. Tenho nojo de mim mesmo.

— Sim, bem, isso não é bom o suficiente, é? Não quando você olha para Ethan.

Eu olho para o chão. Ele tem razão.

— Estou fodendo tudo agora. Com ela e com você.

— Eu simplesmente não entendo. Deus, karma ou algo deve lidar com você. Deve fazê-lo pagar. Mas aqui está, o rei do mundo. Ganha tudo e além disso, ela ama *você*. Você!

Eu olho para cima a tempo de vê-lo piscar, balançar a cabeça.

— Depois de tudo, ela ama você. Um verdadeiro trabalhão desse, masoquista de um lado para o outro. Vocês dois são perfeitos um para o outro.

Fico de pé.

— Sobre o que você está falando? — Pergunto.

Ele se vira para mim.

— Como você não sabe, porra.

— Helena.

— Pelo menos, chame-a de *Mulher Willow*. Pelo menos finja que é tudo o que ela é para você.

— Ela está ferida. O que Lucinda fez...

— Foda-se o que Lucinda fez. Apenas foda-se. Ela é a porra da *Mulher Willow*. É o que deveria acontecer. Nós não devemos nos apaixonar por ela. Você a toma e a quebra. É a regra. E será quando for a minha vez.

— Greg. — Mas tudo que ouço na minha cabeça é: *Não devemos nos apaixonar por ela.*

Helena está errada. Ele não é solitário. Ele está apaixonado. Pelo menos ele acha que está.

— Não. Foda-se Sebastian. Apenas foda-se, foda-se e foda-se tudo. Você me deixa ter pedaços dela enquanto assiste. Deixa-me tocá-la, mas quer seus olhos em você quando o faço. Você a pune quando olha para mim. Pune quando ela goza e não está no seu pau. Sabe o quê? Ela está certa. Não é justo.

— Eu a compartilhei com você.

— Para me manter sob controle. Você acha que não sei disso?

Caminho em direção a ele e ele para mim. Uma repetição da outra noite.

— Porque você a queria. — Eu digo.

— E talvez ela me quisesse? Um pouco pelo menos? É isso que o queima?

Bato meu punho nas mãos.

— Não aguenta ouvir isso, consegue? Bem, não me faça mais favores, *irmão*. Você fica com ela, por agora. É a regra. Mas quando chegar a minha vez, se não colocar a sua marca em sua pele e não me diga, porra, que o pensamento disso não deixa seu pau duro, porque com certeza o meu fica, bem, vamos apenas dizer que eu seguirei as regras também. Eu vou tomá-la e acabarei com ela, você sofrerá querendo ser o único a fazê-lo, porque quando eu terminar, não haverá mais nada. Nada.

19

Helena

Gregory se foi quando desço naquela noite. Seu lugar não está posto para o jantar e um dos barcos está faltando. Sebastian parece estar em sua segunda garrafa de uísque, apenas sentado ali, observando o fogo e enchendo seu copo.

Sento ao lado dele. O assento de Gregory.

— Onde ele está?

Ele não olha para longe do fogo, apenas encolhe os ombros.

— Vocês brigaram? — Pergunto.

— Sim.

— Sobre mim?

— Sobre muitas coisas. — Ele se vira para mim, me dá um sorriso que é o mais triste que já vi. — E ele estava certo.

— Certo sobre o quê?

— Tudo. Ethan. Você. Eu. — Ele balança a cabeça. — Ele deve me odiar e mereço o seu ódio.

— Não, você não merece. — Estendo a mão.

É como se sequer sentisse isso.

— Você também está certa, Helena. Essa coisa toda nos destrói, tanto quanto a destrói.

— Sebastian...

— A *Mulher Willow*, obtê-la. Esse pacto insano, leva à nossa destruição tanto quanto à sua. — Ele pega a garrafa de uísque para se servir um pouco mais e joga o líquido na mesa. — Você sabe que nós paramos uma vez.

— Talvez seja o suficiente. — Digo, tentando tirar a garrafa. Ele já teve muito. Ele puxa de volta.

— Eu direi quando for o suficiente.

— Sebastian...

— Duas gerações não fizeram isso. Foi quando começamos a morrer, quando os primogênitos começaram a morrer.

— Sobre o que você está falando?

— Éramos quatro. A *Mulher Willow* serviria quatro irmãos ao longo de quatro anos. Mas quando não pegaram uma garota, foi como se nós amaldiçoássemos nossa própria linhagem.

— Você não pode acreditar nisso.

Ele encolhe os ombros.

— Está gravado, na verdade. Desde o começo. E se os filhos Scafoni falharem em sustentar o fim do acordo, serão punidos. É para continuar e nunca esquecer o nosso dever.

— Sebastian, você sabe que não faz sentido.

— Timothy e eu sendo gêmeos, foi a primeira vez que isso aconteceu. Talvez, desde que começamos a escolher *Mulheres Willow*... talvez a maldição terminasse. Talvez tenhamos pago.

— Maldição? — Ele não ouvia o quão ridículo isso soa?

— Talvez meus filhos sobrevivam.

Eu bufo e balanço a cabeça.

— Para continuar essa tradição doentia? — Eu me levanto e me afasto. — Para destruir mais vidas?

— Vocês também nos destroem, lembre-se disso. — Ele coloca o copo na mesa e se levanta. — Caminhe comigo.

Ele não me dá uma escolha, mas pega minha mão, passa seus dedos por ela e nós caminhamos.

— Onde estamos indo? — Pergunto, recuando quando ele não responde, quando percebo onde está me levando. — Sebastian?

— Mausoléu.

Eu paro.

— Por quê?

— Você sabe porquê.

Eu tento me libertar.

— Não. Não quero ir para lá.

— Você já esteve lá. Mesmo que eu tenha dito que não era permitido.

Eu não respondo, ele não está esperando.

— Eu quero mostrar uma coisa. — Diz ele.

— Eu não gosto disso, Sebastian.

— Nada acontecerá com você, Helena.

O jeito que ele está olhando para mim, não sei se é a bebida ou o quê, mas é intenso e um pouco assustador, na verdade.

— Vamos amanhã, durante o dia.

Ele quase ri disso.

— Eles são fantasmas, Helena. Não podem tocá-la.

Nós caminhamos, porque não faz sentido discutir com ele. E se quer que eu esteja lá, estarei lá. Ele vai me levar chutando e gritando se for preciso.

Vejo o brilho da luz vermelha enquanto nos aproximamos da clareira e juro que o olho visível do anjo brilha ao luar. Passamos pela entrada da sala principal, como sei que faremos. Ele me leva para o lado do prédio e pega o telefone, ilumina no portão da entrada nos fundos.

A corrente está no chão. Pergunto se caiu depois que fugi daqui. E se acha que foi eu, não diz nada, mas puxa a corrente para fora e abre os dois portões totalmente. Ele ilumina sua lanterna para dentro.

— O que há lá embaixo?

— O que você leu no diário da sua tia Helena.

Ele pega minha mão, aquela com o anel.

— Isso não pertence a você.

Eu sinto aquela sensação estranha novamente, aquela queimação onde o osso de Cain Scafoni circunda meu dedo.

— Ele pertence ao chão. — Diz ele. — Aqui.

Eu puxo minha mão para longe.

— Ainda não.

Ainda não. Mais tarde, quando isso acabar. Quando esse legado não for mais assim, quando terminar de uma vez por todas. Quando eu terminar isso.

Porque serei a última *Mulher Willow*.

Eu sei disso.

Mesmo que isso me custe a vida, sei que serei a última.

Um arrepio percorre-me.

— Ainda não. — Repito calmamente.

Sebastian me observa e concorda, me pergunto se ele está pensando a mesma coisa. Que vamos enterrá-lo quando isso acabar. Realmente acabar.

— Sebastian? — Pergunto, parando-o quando ele dá um passo em direção à escada que levam para o subsolo e para aquele preto escuro.

Ele se vira para mim.

— Você quer que isso acabe? — Pergunto.

Sua testa está enrugada, como durante a noite toda. Como se estivesse imerso em pensamentos e talvez em luto. Ele acena com a cabeça uma vez, depois vira e acende a lanterna do telefone na boca dessa caverna escura antes de desaparecer.

— Venha. — Ele chama.

Eu dou um passo hesitante, meu coração acelerado, imaginando como fiz isso antes, como fui até lá. Estou com medo da energia que vem disso, como aquele cheiro úmido de uma boca podre.

— Helena. — Ele se volta e posso ver seu rosto e sua mão estendida. — Venha.

Pego a mão dele e estremeço, mas dou um passo à frente, depois outro e logo estamos caminhando para esse lugar abandonado, a cada passo a temperatura cai, até parecer um dia de inverno frio e úmido.

Eu conto os passos, treze deles.

Azar.

Algo corre pelo chão e grito, se não fosse por Sebastian me segurando, eu me viraria e correria de volta até à escada e fora daquele lugar condenado. Para a noite e para o santuário da casa.

— É um rato. Apenas um rato.

— Você já esteve aqui antes?

— Sim. — Diz ele e move a lanterna sobre o lugar. É maior que a do andar de cima e vejo ao longo das paredes mais ancestrais Scafoni. Nós caminhamos em direção a um e em um dos poucos onde ainda posso ler a inscrição, vejo que remonta a 1700.

— Precisamos adicionar um andar. — Diz ele e não tenho certeza se está brincando.

— Isso é assustador. Podemos ir?

— Ainda não.

Ele não solta minha mão e sou grata por isso, enquanto me conduz pela sala e vejo ao longo das paredes onde as tochas devem ter sido colocadas em um ponto para fornecer luz.

Mas não é isso que chama minha atenção. É a grande laje de pedra no outro extremo, a que fica diante do altar como se esperasse por seu sacrifício.

Nós vamos até lá e Sebastian me solta para limpar as teias de aranha, mas são muito grossas e alguns centímetros de poeira ou sujeira fica sobre cada superfície plana.

— Deve haver uma luz do santuário aqui também. Como no andar de cima.

Ele procura com a lanterna no chão enquanto tento não ouvir o som de ratos ou outros animais, passo meus braços ao redor do meu corpo.

— Nós terminamos? — Pergunto.

— Venha aqui. — Diz ele.

Eu vou até ele e segura o telefone para mim.

— Segure isto.

Ele se agacha e puxa o que parece ser um baú pesado, quase enterrado pela poeira.

— O que é isso? — Pergunto.

Seus músculos trabalham quando ele libera, então se levanta para olhar para ele.

— Sua tia, o que ela escreveu sobre a cerimônia de marcação. — Ele se abaixa e abre. — Eu não sabia que o irmão do meio a marcou como dele.

— Marcou?

Ele concorda. Levanta a pesada tampa aberta e dentro a vários objetos, nenhum dos quais posso distinguir ou dar um nome também. Sebastian, porém, se abaixa novamente e está olhando através disso, procurando algo.

— Ela foi culpada pelo assassinato de Cain, mas foram seus irmãos, segundo seu diário pelo menos. O que faz sentido. Não consigo imaginar que ela era forte o suficiente para sufocá-lo.

Ele encontra o que procura. Quatro coisas. Ele se endireita e coloca-os no altar.

— O que são? — Pergunto, mas acho que sei.

Ele pega o primeiro ferro. Tem cerca de trinta centímetros de comprimento. A alça é de metal trançado com alguns centímetros de madeira desgastada e tem três pontas que terminam em uma forma quase circular, mas não completamente. Há marcações, quatro compartimentos quase.

Ele coloca o primeiro para baixo e pega o segundo, descarta isso também e quando chega ao terceiro, pega aquele.

— Este é meu. — Ele segura para eu ver.

— O que é isso?

— O brasão de armas que você viu na porta da frente, você notou que havia três menores ao longo da base da porta?

Balanço a cabeça negando. Não olhei tão de perto.

— Veja isso aqui. — Ele aponta para uma marca de algum tipo, com uma forma crescente. Não significa nada para mim. — Segundo nascido, é meu. Este aqui. — Diz ele, apontando para outro. — Este é o de Ethan e este é o de Gregory. Dependendo do seu lugar na hierarquia, você tem um símbolo. — Ele pega o último. — Este seria o de Timothy.

— Por que você está me mostrando isso? Para que são usados?

— Eles são transmitidos de geração em geração, cada irmão tem o seu. Isso é o que Gregory me disse no escritório de Gallo, o que você estava perguntando.

— Eu não entendo.

— Você entende, mas explicarei de qualquer maneira. Veja, há uma saída. Sua tia a teve. Bem, se um dos irmãos quiser ficar com a mulher, ela precisa concordar em ser marcada como dele.

Isso é uma loucura. Coisas da idade das trevas.

Eu suportei a cerimônia de marcação.

— Deve ser sua escolha, não pode ser forçado. Esta seria a marca que meu tio-avô teria queimado na pele de sua tia Helena para reivindicá-la. Veja, de outra forma os Willow nos destroem. Destroem nossa família.

— Vocês nos sequestram. Nós não temos escolha.

— Eu estou lhe dando uma escolha, Helena.

— O que está dizendo?

— Você quer ele?

— O que?

— Você quer ele, meu irmão?

— Estamos de volta a isso?

— Porque ele a reivindicará. Ele me disse isso. É por isso que estava compartilhando-a, esperando que não chegasse a isso, esperando que ele ficasse feliz o suficiente para deixar acontecer. Deixá-la escolher.

— O quê?

— Ele vai tirá-la de mim quando chegar a hora.

— Eu não vou.

— Não será sua escolha. Não, naquele momento. Não mais. É por isso que estou dando a você agora.

— Ele não pode me obrigar.

Ele ri abertamente.

— Mesmo? Olhe a sua volta. Onde você está? Nós podemos fazer o que quisermos.

Eu não tenho uma resposta.

— Ele vai levá-la e quebrá-la. Ele jurou.

— Ele não me machucaria.

— Você não o conhece.

— Isso é o que ele diz sobre você.

— A menos que eu a marque como minha.

Eu o ouço e mesmo que tenha entendido o que era, é diferente ouvi-lo dizer. Ouvir em voz alta.

— Você me marcará?

Sebastian acena com a cabeça.

— Com isso?

Ele não acena e nem responde, mas vejo em seus olhos.

Balanço a cabeça, me afasto e subo a escada, tropeçando, segurando na pedra imunda e úmida. Quando estou fora, corro para casa. Penso no que vi no pescoço da minha tia Helena durante meu sonho. Foi a ponta da marca. Isso explica por quê, não importa o quão quente fosse, ela usava gola alta.

Por que sempre manteve o pescoço coberto.

Não queria mostrar sua vergonha. Que amava um monstro Scafoni. Amava-o o suficiente para deixá-lo queimar sua marca em sua pele.

20

Sebastian

Quando éramos pequenos, meus irmãos e eu gostávamos de ir para baixo para a parte mais antiga do mausoléu para jogar Chicken[2]. Nós assustávamos um do outro. Gregory em particular era bom nisso. Mesmo que Ethan fosse mais velho que ele, Greg ainda podia pegá-lo.

Lucinda nos pegou uma vez. Eu tinha dez ou onze anos, ainda me lembro claramente como foi aquele dia. Porra, essa é uma lembrança que gostaria de poder esquecer.

O mausoléu estava fora dos limites para nós. Uma das poucas coisas que nos foi proibida. No entanto, nós nunca deixamos isso atrapalhar, era um dos melhores lugares para jogar, especialmente depois de escurecer.

[2] O jogo da galinha é um jogo simétrico, baseado na história de dois rapazes que disputam o amor de uma garota. O nome do jogo tem relação com o fato de que, nos Estados Unidos, as pessoas consideradas fracas ou perdedoras são chamadas de "galinha".

Ela apenas nos encontrou, porque fomos estúpidos o suficiente para acender uma das tochas que achamos. Foi a primeira vez que demos uma boa olhada no local e me lembro do fedor do rato que estava se decompondo no canto. Nós encontramos alguns gravetos e cutucamos várias partes dele.

Nunca esquecerei o som de seus saltos enquanto ela descia a escada, passos lentos e calculados, nosso medo se acumulando em cada um deles.

Isso era parte de como as coisas funcionavam com ela. Gostava de nos assustar. Ela até fez isso com Ethan e Gregory, a partir do momento em que puderam andar.

Ela me culpou, claro, isso não era novidade. Pensei que apenas me bateria, como sempre fazia, iria doer como o inferno, mas conhecia os riscos até então e fui corajoso quando chegou a hora de aceitar meu castigo.

Eu não a deixaria me acertar, não iria deixá-la pensar que tinha a vantagem, nem mesmo quando ficava deitado depois de uma surra. Nunca chorei ou emiti qualquer som e isso provavelmente apenas piorou as coisas para mim.

Mas naquela noite, Lucinda foi criativa.

Ela levou meus irmãos até a escada, mas quando chegou a hora de eu atravessar o portão, parou e se virou para mim. Com apenas um sorriso em vez de palavras, fechou o portão lentamente e colocou a corrente, deliciando-se e saboreando o medo no meu rosto.

— Durma com os mortos esta noite, Sebastian. Veja como eles gostam quando você os perturba.

Nunca esquecerei as palavras dela. Ainda estremeço com lembrança e entendo Helena dormindo com as luzes acesas. Fiz isso por um longo tempo depois, porque aquela tocha que nós acendemos, durou cerca de uma hora e ainda tinha a longa e negra noite à minha frente.

Estava tão assustado, que em um ponto me enfureci.

Não sinto mais medo ou estou muito bêbado para me importar. Tomo meu tempo para recolher os ferros. Eles são mais pesados do que você imagina. Faço o meu caminho no escuro e subo a escada. Treze. Eu os memorizei, também sei que o cheiro de terra grudará em minhas roupas e encherá minhas narinas por horas ou dias.

Volto para casa, deixo os ferros na mesa do pátio e me sento. Eu não tiro os olhos deles enquanto bebo uísque direto da garrafa. Quero que esta noite acabe.

Hoje nunca aconteceu. Quero apagar isso.

Quando finalmente me levanto, bato meu joelho na perna da mesa. Murmurando uma maldição, entro, subo a escada para o quarto de Helena.

— Helena. — Eu me ouço, ouço como soo.

Ela não me responde ou finge que não ouviu, aposto no último. Eu ouço o chuveiro em seu banheiro.

Ela está querendo tirar o fedor do mausoléu. Eu também. Tiro minhas roupas e as jogo no chão. Sem bater, vou ao banheiro. Ela fica surpresa em me ver, o que acho que me surpreende porque agora sabe como eu atuo.

Abro a porta do chuveiro e passo para dentro, tiro a bucha de suas mãos e a jogo de lado.

— Por que você correu?

— Eu não gosto daquele lugar.

— Sim, bem, não é o meu favorito também. — Olho para ela, nua, sua pele brilhando enquanto a água desliza. Seguro seu peito, não consigo ter o suficiente dela.

— Você quer fazer isso comigo? — Ela pergunta.

Olho para o rosto dela e reconhecidamente, estou muito além de qualquer coisa que pareça remotamente sóbria. Minhas reações são lentas, para dizer o mínimo. Eu a empurro de volta para parede e desço minha mão até sua boceta.

— Eu quero marcá-la?

Estou duro. Meu irmão estava certo, o pensamento de marcá-la deixa meu pau duro.

Alcançando atrás dela, desligo a água e a olho enquanto esfrego sua boceta. Abaixo a cabeça para tomar um mamilo na minha boca.

— Você quer? — Pergunta novamente quando não respondo imediatamente.

— Eu não posso ter o suficiente de você, Helena. — Digo, beijando-a. — Quero tudo de você. Nunca quis algo ou alguém tanto quanto quero você e apenas... não consigo chegar perto o suficiente.

Ela engole, move as mãos sobre meus braços, para os meus ombros.

— Você quer me machucar assim?

— Ferir você me excita, mas também a excita. — Eu belisco seu clitóris e ela estremece, mas lambe os lábios e arqueia as costas. — Ponto.

Eu a levanto em meus braços para levá-la para o quarto. Deito na cama e fico sobre ela.

— Você disse que os Willow são doentes, bem, acho que nós Scafoni também somos.

Deslizo em sua boceta, observando-a enquanto faço. Gosto de ver o rosto dela assim, vendo-a me levar quando está muito apertada.

Eu a beijo.

— Qual é a sua doença? — Ela pergunta.

— Eu quero você. Não consigo parar de pensar em você. — Aperto o cabelo dela, puxo a cabeça para trás. — Está sob a porra da minha pele e estou destruindo minha família por você.

Ela me observa, olhos enormes fixos nos meus como se estivesse prendendo a respiração.

— Quem pensou que apenas as Willow que sofrem? — Balanço a cabeça e penso no ridículo de tudo isso. Pergunto-me se sempre foi assim entre a *Mulher Willow* e seu mestre Scafoni. — Eu sou humano e quero você. Quero que você me queira. Porra. Talvez até a ame de alguma maneira doente e distorcida.

Amor.

Aperto o cabelo dela e forço a cabeça para trás. Não quero que ela perca esta próxima parte.

— Você deveria correr, Helena, porque quando penso em você, suas costas nuas e prontas para pegar minha marca, isso deixa meu pau duro.

Ela empurra contra mim, obviamente chocada com o que acabei de dizer. Aperto seus pulsos, seguro os dois em uma das minhas mãos e empurro com força.

— Eu disse, estou doente. Retorcido.

— Sebastian, você está bêbado.

Concordo com a cabeça, empurro mais uma vez antes de sair, levantando da cama e tropeçando para trás. Eu não quero mais foder. Isso é mais que isso. Esta noite. Este dia. Tudo isso.

— Meu irmão está certo. Karma, Deus ou algo deveria me dar o meu castigo. Deus sabe que mereço pelas coisas que fiz.

Ela se senta, tira uma camisola debaixo do travesseiro e a coloca sobre a cabeça.

Olho para a pilha de roupas no chão.

— Esse cheiro nunca sairá, teremos que queimá-los. — Digo, caminhando até à porta que liga nossos quartos. São necessárias duas tentativas para colocar minha mão na maçaneta, para abri-la.

— Sebastian. — Helena está ao meu lado.

— Volte para sua própria cama, Helena.

— Não.

Eu não sei se é o álcool ou o dia, mas mal posso ficar de pé e me deitar na cama.

— Vá para cama. Estou dizendo a você, deixe-me em paz. — Digo.

Ela deita ao meu lado, envolve seus braços em mim.

— Não.

Eu consigo rolar de lado para encará-la.

— Estou tão cansado, sabe disso?

— Eu sei.

Eu toco seu rosto com apenas as pontas dos meus dedos.

— Vou machucá-la. Você deveria voltar para seu quarto. Para longe de mim.

Nós apenas olhamos um para o outro por um longo tempo e ela toca minha bochecha.

— Você não vai me machucar. — Diz ela, enterrando-se no meu peito. — E não consigo dormir sem você.



Minha cabeça lateja quando acordo. Helena se foi e o relógio na mesa de cabeceira me diz que é tarde. Demoro um minuto para me sentar.

Entro no banheiro, engulo dois ibuprofeno e decido por mais dois. Abro o chuveiro e entro sob o fluxo. Lembro o que aconteceu ontem à noite, o que disse e não sei se é uma benção ou uma maldição que nunca esqueço nada. Nunca.

Quando termino, visto um jeans e desço a escada de peito nu e descalço. Vejo Helena antes que ela me veja. Está acendendo um fogo e está segurando um dos ferros da marca.

Porra.

Eu os deixei do lado de fora. Por que porra sequer os levei para fora daquele túmulo? Deveria enterrá-los.

— O que você está fazendo? — Pergunto.

Ela se assusta e vira. Seus olhos me observam, pairando sobre meus ombros e estômago antes de voltar para o meu.

— Como você está se sentindo? — Ela pergunta com um sorrisinho presunçoso.

— Porra, é grosseiro responder a uma pergunta com uma pergunta. — Eu murmuro e caminho até à cozinha para tomar uma xícara de café, uma vez que já recolheram o café da manhã. Bebo um grande gole e peço bacon e ovos antes de retornar ao pátio para esperar a comida. Sento no meu lugar à mesa.

— Por que você tem isso?

— Estava aqui. Este é seu, certo? — Ela pergunta, puxando-o do fogo e apontando para o crescente. Está tão quente que brilha laranja.

— Deus, porra, Helena. — Digo ficando de pé, tirando isso dela. Saio para piscina, coloco a marca na água e ouço assobiando e fumegando.

Helena vem atrás de mim.

— Isso é o que você quer fazer comigo?

Olho para ela.

— Isso acabará com as coisas? Acabar com o legado da *Mulher Willow*?

— Não. Mesmo que isso a poupe, a tradição continuará.

Ela se vira e balança a cabeça.

— Mas ainda deixa seu pau duro pensar em queimar isso na minha pele.

Solto o ferro ainda fumegante no chão junto à piscina.

— Eu estava fodido ontem à noite. Disse merda estúpida.

— Você lembra?

— Sim.

— Eu não sei. Acho que foi a verdade, Sebastian.

— Estou com dor de cabeça, Helena. Deixe-me em paz.

Alguém limpa a garganta e coloca meu prato para baixo.

Helena senta na cadeira vazia do meu irmão. Não acho que eu realmente sentiria falta dele. Sento na minha e pego meu garfo.

— Por que você bebeu tanto?

— Porque ontem foi um dia de merda.

— Por causa do seu irmão?

— Não é culpa dele. É minha. É toda essa situação.

— Por que você me levou lá? Por que me mostrou esses ferros?

— Eu não sei, porra. Não faria isso com você, Helena. Mesmo se você quisesse.

— Mesmo que isso signifique me entregar ao seu irmão?

Minha mandíbula flexiona.

— E se eu dissesse sim?

— Não.

— Mas se eu dissesse...

— Eu disse porra não. Não está em discussão.

— Este não é o ponto? Em última análise, não se resume a isso?

Esfrego meus olhos, meu rosto.

— Bem. Responda-me outra pergunta e o deixarei em paz. — Ela diz.

Eu concordo.

— Por que você me testou? Com o telefonema?

Suspiro profundamente.

— Não foi um teste, Helena. Podia ver as coisas entre você e meu irmão e não gostei disso. É tudo.

— Sabia que eu ficaria com raiva dele por não me dizer que você sabia.

Concordo.

— E ele? Você o queria com raiva de você também?

— Eu acho que ele a ama. — Digo ao invés de responder a sua pergunta.

Ela está surpresa, posso ver isso.

— Isso não é possível. — Diz ela.

— Por que não? Não seria mais surpreendente se ele não o fizesse? Quer dizer, você é quem me diz o tempo todo que ele está solitário.

— Não solitário. Sozinho.

— Não importa. Essa coisa, toda essa situação, ele é como é, conosco o tempo todo, dividindo você com ele, teria que ser um robô para não se apaixonar por você ou pelo menos se achar apaixonado.

— Não, você está errado. Ele não me ama, isso é um concurso de posse. Ele me quer porque você me tem. Ele quer sua própria *Mulher Willow.*

— Eu tenho você? — Pergunto, minha mente de repente clara como o dia.

Ela me observa, mas não responde.

— Porque quero você, Helena. O que eu disse ontem à noite, lembro também. E ainda acho que você deveria correr de mim, de qualquer um de nós. Porque quando isso acabar. — Eu começo, balançando a cabeça enquanto penso, empurrando meu prato para longe antes de voltar meu olhar para o dela. — Quando isso acabar, ainda vou querer você. Eu te amo. E estou avisando para correr como o inferno, porque você está certa. Isso não acabará bem para você. Para mim. Para qualquer um de nós.

Ela estende a mão pequena para a minha.

— Você me tem, Sebastian. E como na noite passada, não pode me fazer ir a lugar nenhum. Preciso de você. Eu te amo.

Seus olhos se enchem de lágrimas e a observo.

— Isto é o que acontece. Isto é o que ninguém conta. Acho que minha tia Helena amou seu tio e que minha tia Libby, amava seu pai. Por mais fodida que seja, essa é a parte mais triste de tudo.

21

Sebastian

A próxima semana é a mais tranquila que já passei naquela ilha. Mesmo quando criança, sempre foi agridoce. Muita tragédia, muita dor, ódio e morte. Mas esta semana parece diferente.

O outono está chegando e o ar frio é bom depois do calor das últimas semanas. A mudança será boa. Precisamos da mudança, Helena e eu.

Mas sinto a perda do meu irmão mais agudamente do que pensei que faria. Acho que ela também, mas nenhum de nós fala sobre isso. Gregory não ligou e todas as mensagens que deixei ficaram sem resposta.

Também penso em Ethan. Durante anos, deixei o que aconteceu ficar no fundo da minha mente, sua presença uma lembrança constante do que fiz e de certa forma, foi punição suficiente. Mas não estou pensando em meu próprio castigo agora. Devo a Ethan. Devo-lhe uma vida melhor do que a que passei sob o polegar de Lucinda.

— Posso ligar para minha irmã novamente? — Helena pergunta enquanto tomo o café.

Aceno e entrego meu telefone.

Ela tem tentado ligar para Amy pela última semana, mas como minhas ligações para Gregory vão diretamente para o correio de voz. Um telefonema confirmou que Amy fez o que ameaçou fazer. Ela se foi. Ninguém sabe onde está e o telefone está desligado.

Depois de alguns instantes, Helena desliga, desapontada. Ela não deixa uma mensagem desta vez e coloca o telefone de volta na mesa.

— Ela provavelmente não quer que seus pais a rastreie. Tenho certeza que ela está bem. — Eu não sei disso embora. — Vamos sair daqui por um tempo, fazer uma viagem. Será bom ter uma mudança e ficar perto de outras pessoas.

— Uau. Eu nunca pensei que você diria essa última parte. — Diz ela.

— Onde você quer ir?

Antes que ela tenha a chance de responder, meu celular vibra na mesa entre nós. Nós dois olhamos para a tela.

É Joseph Gallo. Eu atendo.

— Joseph.

— Eu tenho notícias. — Diz ele sem uma saudação. Desde aquela noite em seu escritório, ele tem trabalhado duro tentando provar sua lealdade a mim e acho que talvez eu o tenha julgado com muita severidade.

— Lucinda?

— Sim. Recebi uma ligação dela. Parece que precisa de fundos.

Eu sorrio.

— Percebi que era o jeito dela atuar.

Congelei as contas dela e de Ethan quando desapareceram. Apenas então percebi que ela estava roubando dele, tirando dinheiro de sua conta e colocando na dela. Roubando de seu próprio filho.

— Você sempre pode contar com Lucinda sendo Lucinda. Onde ela está?

— Periferia da Filadélfia.

— O que ela está fazendo lá?

Mas lembro quando faço a pergunta.

Sua família tinha uma propriedade lá que foi condenada anos atrás, enquanto minha mãe ainda estava viva. Tenho algumas lembranças vagas de conversas sobre isso e meu pai dizendo a Lucinda para deixar de lado, que não colocaria dinheiro em uma casa dilapidada.

— Eu olhei seus extratos bancários, ela está reformando a casa Ayer há anos, Sebastian.

Ayer é seu nome de solteira.

— Como porra não ficamos sabemos disso? Reformar uma casa dessa escala requer capital significativo.

— Ela foi inteligente em como fazer isso, pequenos incrementos que você não notaria que os fundos saíram da conta de Ethan, especialmente se você não tem motivos para esperar que ela roube de seu próprio filho.

— Eu deveria ter notado. — Digo. Deveria ter prestado mais atenção aos detalhes.

— O que está feito está feito. E a boa notícia é que, mesmo que tenha uma bela casa, precisa de dinheiro para viver e está longe disso. Eu disse a ela que iria transferir fundos o mais rápido possível para que esperasse. O que você quer que eu faça?

— Ethan está com ela?

— Sim.

— OK. Bom, eu não quero que você faça nada. Estou indo para lá agora. Devo estar lá dentro de doze horas.

— Tudo certo.

— Alguma palavra sobre Gregory?

— Nada ainda.

— E Amélia Willow? — Olho para cima para encontrar os olhos de Helena em mim.

— Não. Nós continuaremos procurando. Ela aparecerá.

— Obrigado, Joseph. Você tem sido um bom amigo.

— Boa sorte.

— Eu nunca confiei em sorte. — Levanto-me e guardo o telefone no bolso. — Arrume uma mala. Iremos para a Filadélfia.

— Filadélfia?

Eu a acompanho para dentro.

— Não é o destino que eu tinha em mente também.



Com o jato particular, chegamos à Filadélfia no começo da noite. No momento em que dirigimos para casa, que fica a cerca de quarenta minutos fora da cidade, são quase sete e meia. A casa é uma enorme e antiga propriedade de pedra, uma mansão com quinze quartos e acres de

terra. Eu apenas a vi em fotografias e o que estou vendo agora é muito diferente do que estava naquelas fotos.

Estou surpreso ao encontrar os portões abertos e a casa iluminada, carros que deixariam qualquer colecionador com inveja ao longo do caminho.

— Acho que nós temos sorte que ela está dando uma festa. Não imagino que teria nos deixado passar pelo portão.

— A casa é enorme. — Diz Helena. Ela está sentada ao meu lado enquanto estaciono nosso carro e desligo o motor. Vira para mim. — Qual é o plano?

— Estamos indo a uma festa. — Eu digo, abrindo a porta e indo para o lado dela para ajudá-la.

É uma noite de outono e Helena abraça sua jaqueta. Estou de jeans e camiseta, o mesmo que vestia mais cedo.

Pego a mão de Helena e caminhamos em direção à grande entrada da casa, com sua escadaria larga que leva a duas enormes portas de madeira. Um homem está pronto para abri-las, apenas momentaneamente olhando para o nosso traje.

É uma festa chique, apenas o que eu esperaria de Lucinda.

Lucinda é fácil de detectar, a vejo antes que ela me veja. Ela está no último degrau da grande escadaria conversando com um grupo de homens

e mulheres. Está sorrindo e do jeito que move seus braços, acho que está mostrando a casa.

Sorrio abertamente, aperto a mão de Helena e vou em direção a ela.

A multidão se dispersa. Apenas os vejo de relance, meus olhos estão fixos em Lucinda, vestida de preto da cabeça aos pés, seu corpo muito magro, magro em vez de esbelto, dando uma qualidade quase de bruxa para ela. Não acho que o cabelo escuro e pesado ajuda. Seu natural é um marrom parvo pelo que lembro de antes.

Estamos quase próximos antes que ela nos perceba, estou realmente chocado quanto tempo levou. Mas no momento em que registra nossa presença, sua expressão muda para uma de incredulidade, então algo próximo ao horror.

— Lucinda. — Digo, parando a poucos metros dela. — Bem, se soubesse que você estava dando uma festa, teríamos nos vestidos para isso.

Leva um minuto inteiro para recuperar a compostura. Tempo suficiente para que os casais ao redor dela olhem interrogativamente uns para os outros.

— Sinto muito. — Diz Lucinda, passando por eles e vindo em nossa direção. — Meu enteado está aqui, com sua *namoradinha*.

Ela para a poucos centímetros de mim, os olhos firmes nos meus, mas depois se vira para Helena e toca sua bochecha na de Helena.

Vejo seus lábios se moverem e sinto Helena tensa, mas não ouço o que ela diz.

— Sebastian! — É Ethan. Ele se aproxima, vestido de smoking, sorrindo e segurando um Martini na mão.

E se você não o conhecesse, se não o ouvisse falar ou o visse interagir, pensaria que era como nós. Normal.

— Ethan. — Eu digo, sentindo algo diferente da minha irritação usual.

Pergunto-me quanto desse aborrecimento foi a influência de Lucinda todos esses anos. Ela estava sempre com ele onde quer que fosse. Eu não acho que foi por amor maternal, mas talvez esteja sendo crítico.

— É bom ver você, irmão. — Digo.

Ele estende a mão para me abraçar, mas para, algo como pânico cruzando suas feições quando vê Helena ao meu lado. Ele move o olhar dela para o meu.

— Está tudo bem, Ethan. — Olho para ele. — Eu sei.

— Você não está bravo?

— Não com você.

Eu volto para Lucinda.

— Nós precisamos conversar. Agora.

22

Helena

A casa é espetacular. Ela faz com que aquela na ilha pareça quase provinciana. Mas eu alegremente voltaria para a ilha. Mesmo vendo Ethan, mesmo sabendo que ele não é responsável pelo que fez, é difícil não me encolher.

Lucinda, Sebastian e eu nos reunimos na biblioteca que abrange o primeiro e segundo andar. Estamos no nível superior. Há pessoas suficientes aqui que não acho que alguém perceba que a anfitriã está faltando.

É uma biblioteca magnífica, mas posso dizer que não é usada, não é amada. A escala e a novidade dela, podem fazer com que a nossa na casa Willow pareça quase empoeirada, mas ainda a prefiro a esta.

O assento parece novo, novo demais para ser confortável e não é. É de couro, antiquado e masculino. Tenho a sensação de que tudo isso está aqui para ser mostrado.

— Eu vejo que você encontrou sua *Mulher Willow*. Toda curada, não é? — Lucinda me pergunta.

Sebastian não perde tempo depois de girar um círculo ao redor do lugar. Ele sorri, um que conheço, um que envia um arrepio ao longo da minha espinha. Ele pega Lucinda pelos braços e dá uma sacudida nela.

— Saiba que a única razão pela qual você não está morta, é Ethan.

— Como você se atreve a me ameaçar? Na minha própria casa.

— Sua casa? Acho que Ethan pagou pela reforma. — Ele a solta e se senta em uma das cadeiras. — Estou feliz em ver que você usou materiais de alta qualidade, pelo menos. Ficarei com ela.

— Como o inferno que irá.

— Você roubou do seu próprio filho.

Ela faz aquela coisa em que seu olho esquerdo se contorce, mas se senta e estranhamente, acende um cigarro que tira de uma caixa na mesinha lateral. Eu nunca a vi fumar ou o cheiro nela. Não sabia que fumava.

— Você não deveria fumar em casa. Não é bom para a pintura. — Diz Sebastian.

— O que você quer? —Lucinda pergunta. — Está aqui para me punir pelo que fiz a ela ou o que fiz com você?

— Não, as punições acabaram. Terminei com você.

— O que você quer então?

— Quero que você desapareça. Quero que você vá embora, fora da vida de Ethan, para sempre.

Ela bufa.

— Então, quando você ficar com ele, ele fica sem nada? Não sei como pode ser uma ameaça para você depois do que fez. Você cuidou disso, não foi?

Os olhos de Sebastian se estreitam, mas ele aceita, mesmo que demore um momento para responder.

— Eu não o deixarei sem nada. Esta é apenas uma variação do acordo que lhe ofereci antes. Apenas que desta vez, você aceitará e fará exatamente o que disse.

— Ou o quê?

— Ou *a matarei*, mesmo que machuque Ethan.

Lucinda olha para mim, depois para Sebastian, como se ela não acreditasse no que está ouvindo. Vejo como a mão dela treme quando leva o cigarro à boca e inspira.

— Ethan nunca saberá sobre sua paternidade. Eu, francamente, não me importo com quem é o pai dele. Terei certeza de seja cuidado

adequadamente. — *Terei certeza de que ele tenha o seu lugar de direito como filho Scafoni.*

— O que isso significa? — Ela pergunta, um olhar de lado para mim.

— Isso não tem nada a ver com a *Mulher Willow*. Isto ainda está fora da mesa e francamente, não é da sua conta.

— O que eu ganho?

— Dinheiro, a única coisa que você quer. Terá um subsídio mensal, um bem generoso. Mas nunca mais terá contato com meu irmão.

Ela bate as cinzas em um cinzeiro, em seguida, elimina o cigarro meio fumado por completo.

— Você não tem opções, Lucinda. Não é bem-vinda de volta à ilha ou em qualquer lar Scafoni. Estou fazendo esta oferta exatamente uma vez. Você decide aqui e agora. Aceita, se despede de Ethan, diz a ele o que quiser e amanhã você sai. Não aceita, bem, irá desaparecer de qualquer forma.

Sua ameaça me faz estremecer. Pergunto-me se ele é capaz disso. Queria saber até onde ele está disposto a ir.

— Ethan cuidará de mim.

— As contas dele são gerenciadas por mim agora. Não está em forma, como você sabe e está se aproveitando.

— Ele é meu filho, Sebastian.

— Então, Gregory também é e não a ouço chorar por ele.

Ela observa Sebastian, seus olhos parecendo lacrimosos pela primeira vez desde que a conheço, com medo.

Sebastian se levanta.

— Helena. — Diz ele, estendendo a mão para mim.

Eu a pego, fico de pé, mas paro alguns passos depois.

— Por que você fez isso? — Não posso deixar de perguntar. — Por que me sequestrar e me deixar naquele quarto daquele jeito? O que você ganhou ao me machucar?

Lucinda olha para mim.

— Eu vi a destruição que uma *Mulher Willow* deixou para trás. Você acha que gostaria de ver uma segunda vez? — Ela se levanta devagar, sem tirar os olhos de mim. — Eu a odeio, todas vocês. — Ela faz uma pausa. — Eu. Odeio. Você.

— Vamos. — Sebastian diz para mim, me arrastando para porta. — Vamos. Você não vai tirar nada de valor dela.

Estremeço quando saímos da biblioteca. É literalmente como se eu estivesse derramando uma pele fria e morta.

— Você está bem? — Ele pergunta.

— Ela é tão cheia de ódio. Nunca conheci ninguém assim. — Inclino contra o corrimão, não percebendo que estava segurando minha respiração. No térreo, um pianista toca música clássica e os convidados se misturam, bebem champanhe e comem canapés, alegremente inconscientes.

— Esqueça Lucinda. — Diz ele.

— Um pouco crua, não é?

Eu pulo quando me viro para encontrar Gregory de pé contra a parede. Pergunto quanto tempo ele esteve lá. Pergunto se estava ouvindo na porta da biblioteca.

Ele levanta o copo como se estivesse cumprimentando, depois bebe.

Sebastian dá um passo em direção a ele.

— Que porra você está fazendo aqui?

— Visitando a mamãe querida. — Ele responde a Sebastian, mas seus olhos pousam em mim.

— Você sabia que ela estava aqui o tempo todo?

Ele se vira para Sebastian.

— Não, acabei de descobrir. — Não posso dizer se ele está mentindo ou não. — Como está nossa *Mulher Willow*? Espero que você esteja cuidando bem dela.

Quase posso ouvir Sebastian fervilhar quando Gregory move seu olhar sobre mim lentamente, propositadamente antes de dar um passo em minha direção.

— Encontrou os ferros? — Ele pergunta, sua respiração um sussurro que me faz estremecer e me pergunto se é isso que ele está fazendo, procurando por uma marca.

— Eu quero ir embora. — Digo para Sebastian. — Não quero ficar aqui.

— Ficaremos, Helena. — Sebastian responde, com os olhos em Gregory. — Nós ficaremos até eu limpar a casa dos vermes.

— Ai. — Diz Gregory. — Isso significa que apenas irmãos retardados podem ficar?

Um instante depois, Sebastian e Gregory estão nariz a nariz e pego o braço de Sebastian para tentar puxá-lo.

— Parem com isso. Parem de lutar!

— Isto não é sobre você, *Mulher Willow*. Cuide do seu próprio assunto. — Diz Gregory.

Sebastian segura o colarinho da camisa de Gregory e o arrasta para o corrimão, empurrando-o para trás sobre ele. Suas costas estão inclinadas para o que deve ser um ângulo doloroso.

Gregory apenas sorri para ele, como se o desafiasse a fazer mais. Para machucá-lo. Para jogá-lo.

— Pare, Sebastian, você vai machucá-lo. Realmente vai machucá-lo!

Leva um longo minuto, mas vejo quando Sebastian observa as pessoas no andar de baixo e olha para o irmão. São mais alguns momentos antes de ele puxá-lo, soltá-lo e dar um passo para trás.

— Você está bem? — Pergunto a Gregory.

Ele endireita as mangas do terno e com os olhos em Sebastian, vira as costas.

— Como se você se importasse, Helena,. — Diz Gregory. Ele move o olhar para mim, termina sua bebida que de alguma forma conseguiu não derramar. — Como se você desse a mínima.

Novamente, me vejo expirando enquanto o observo desaparecer pela escada e sair pela porta da frente, depositando seu copo vazio na bandeja de um garçom que passa.

— Cristo. — Diz Sebastian.

— Por favor, vamos embora. Vamos sair daqui.

— Eu não posso Helena. Tenho que ter certeza que Lucinda fará o que disse. — Ele chama uma mulher vestida com um uniforme que sai de um dos quartos distantes. — Qual o seu nome? — Ele pergunta a ela.

— Marion, senhor.

— Marion, precisamos de um quarto. Helena precisa se deitar.

Ela olha para mim com preocupação.

— Claro. Por aqui, senhorita.

— Eu não preciso me deitar. — Digo a Sebastian.

— Vá com ela. — Seu olhar está descendo a escada. — Preciso cuidar de algumas coisas. Voltarei o mais breve possível.

— Não vá atrás dele, Sebastian.

Ele se vira para mim e cobre meu rosto com suas grandes mãos.

— Você estará segura, ninguém a machucará mais. Precisa descansar.

Não tenho escolha, mas entre a diferença de fuso horário, o voo, Lucinda e principalmente, Gregory, estou exausta e sigo Marion para um dos quartos.

23

Helena

Sebastian não está de volta quando acordo. Está quieto e uma olhada na janela me diz que ainda é noite.

Levanto, abraço meu corpo por causa do frio. O relógio na mesa de cabeceira diz que é um pouco depois das três da manhã. Vou para janela, que tem vista para o jardim dos fundos da casa. Mesmo na escuridão, posso ver que a propriedade é extensa.

No banheiro, lavo meu rosto imaginando onde Sebastian está. Perguntando-me como adormeci, como consegui. Quando abro a porta, a casa está em silêncio. É quase como se não houvesse ninguém ali.

Ando pelo corredor e caminho em direção à escada, parando nas portas da biblioteca, lembrando.

Está escuro agora, não vejo nenhuma luz debaixo da porta. Estou descalça, então não faço nenhum som, mas isso não importa, não há

ninguém por perto, apenas uma única lâmpada acesa na sala de estar e alguns copos deixados para trás como prova de que alguém esteve aqui.

Desço a escada e vou até a porta da frente. Ela não está trancada, abro e fico aliviada ao encontrar o carro no qual chegamos ainda estacionado no mesmo lugar.

Eu exalo, mas o que achava? Que Sebastian me deixaria aqui?

Há outra lâmpada acesa na grande sala de jantar. Ali, copos, taças e uma variedade de taças de vinho estão prontos para serem guardados de manhã. Suponho que a porta que leva para fora da sala de jantar é a cozinha e há um raio de luz sob a porta.

Eu sei que pode ser qualquer um deles. Ethan, Lucinda ou Gregory, mas vou de qualquer maneira e abro um pouco.

Mas esta sala também está vazia.

Há uma garrafa de uísque no balcão e dois copos na mesa, cada um com os restos do líquido âmbar dentro. O rótulo é familiar. É a marca que Sebastian e Gregory bebem.

Encontrando um copo limpo, sirvo dois dedos para mim. Eu não sei porquê, não é o que gosto, mas pego e sento em uma das cadeiras na mesa e tomo um gole.

Eu não sei onde Sebastian está. Não havia uma fechadura na porta para eu trancar, mas talvez ele não soubesse em qual quarto eu estava. Talvez tenha bebido tanto que desmaiou em um dos outros quartos.

A porta da cozinha se abre então e uma rajada de vento frio entra.

Meu coração pula na garganta quando Gregory entra.

Ele parece tão chocado ao me ver como estou por vê-lo e leva um minuto antes de fechar a porta e parece recuperar a compostura, o que faz mais rápido do que eu.

— Onde está seu guarda-costas? — Ele pergunta, mal olhando para trás enquanto vai até à pia e passa água sobre o cigarro antes de jogá-lo na lata de lixo.

— Por que você fuma?

— Por que não?

Ele se vira para mim e encosta as costas no balcão.

— Você está preocupada com a minha saúde? — Ele pergunta.

Ele olha meu uísque e traz a garrafa para se sentar na minha frente. Derrama em um dos dois copos lá e engole tudo antes de derramar outro.

— Você também bebe demais. — Digo.

— Muito julgamento?

— Você e seu irmão, ambos fazem.

Colocando um sorriso falso no rosto, ele toma outro gole saudável.

— Acha que deveria estar aqui, sozinha comigo? — Ele pergunta.

Eu o observo novamente, vejo aquele menino quebrado atrás da fachada dura e furiosa.

— Por que *você* está aqui, Gregory? Na casa de Lucinda?

— Não me senti exatamente bem-vindo na ilha.

— Você é bem-vindo aqui?

Ele encolhe os ombros.

Olho para o líquido âmbar, dou um trago e tomo um gole.

— Ajuda? —Eu pergunto.

— O que ajuda?

— Bem, se eu beber o suficiente, tudo acabará? Esquecerei? — Pergunto. Olho para seus olhos estranhos, tão escuros com as manchas de turquesa brilhante.

— Apenas por um tempo. — Diz ele.

Ele engole o conteúdo de seu copo e gesticula para eu fazer o mesmo.

Eu pego e faço, mesmo que arda como o inferno, ele me serve outro.

— Essa é uma boa *Mulher Willow*.

— Pare com isso. Simplesmente pare.

— Por quê?

— Porque não é você. Não é um idiota mesmo que saia do seu caminho para agir como um.

Ele bufa.

— É aí que você está errada, Helena. Sou um idiota e um imbecil, mas não mais do que meu irmão.

— Onde ele está?

Ele encolhe os ombros.

— Eu não sou babá de Sebastian.

Nós nos sentamos em silêncio por um longo minuto.

— Você está errado. — Digo.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Você não é nenhuma dessas coisas. Eu vejo você, Gregory. Vejo além da imagem idiota que gosta de colocar. É apenas um disfarce e vejo através disso.

— Mesmo? — Ele bebe.

Eu tomo outro gole, apesar sentir apenas o álcool.

— Sim, realmente. O que você disse quando estávamos naquela praia. Querendo aquele beijo idiota. O que Sebastian faz, eu sei que não é justo, não para você.

— Justo. — Ele bufa. — A vida não é justa, Helena.

— Não é. — Fico quieta, considerando minhas palavras.

— Você sabe que se ele a encontrar aqui comigo, ficará irritado. — Diz Gregory.

— Você não se importa com isso. — Digo.

— Você?

— Eu acho que às vezes é mais fácil para mim, porque ele me comanda. Com você. Quando ele me diz, é mais fácil.

Eu equilibro o copo na borda da mesa, focando nele em vez de olhar para ele.

— Mesmo quando me castiga depois. — Quando eu finalmente olho para cima, o vejo me observando.

— O que você quer, Helena?

Eu bebo do meu copo. Não respondo.

— O que você está fazendo aqui? — Ele continua. — Comigo?

— Eu me preocupo com você, Gregory.

— Besteira.

— Não é besteira. Eu preocupo.

Seus olhos se fixam nos meus.

— Mas você o ama.

Eu concordo.

Ele empurra a cadeira para trás, raspando os azulejos.

Eu me levanto também, pego o braço dele quando se vira para ir.

— Espere.

Ele olha para a minha mão em seu pulso, depois vira o olhar para o meu.

— Esperar pelo quê? — Ele pergunta.

A maneira como ele olha para mim, é como se estivesse procurando por algo. Como se estivesse procurando uma boia quando você está longe demais no mar e não tem forças para nadar mais um minuto. Outro segundo.

— Esperar pelo quê, Helena? — Ele pergunta novamente, mudando as mãos para que elas envolvam ambos meus pulsos e me levando de volta para a parede.

— Gregory...

— Não. — Ele se aproxima, então se aproxima de mim. — Responda. Esperar pelo quê?

Meu coração acelera.

— Eu não sei o quê. — Finalmente digo.

Ele exala, leva a boca ao meu ouvido, sinto a nuca na minha bochecha e ouço seu hálito quente no meu ouvido.

— E se você fosse minha eu não a compartilharia. — Ele sussurra, fazendo o cabelo na parte de trás do meu pescoço se levantar. Ele beija o lado da minha bochecha e aperto meus olhos fechados.

— Gregory, pare.

Quando tento me libertar, ele aperta meus pulsos. Recua apenas o suficiente para que possa ver seus olhos.

— Ele fez isso? — Ele pergunta, tocando sua testa na minha.

Eu lambo meus lábios secos.

— Fez o quê?

Ele dá o menor sorriso unilateral e transfere meus pulsos para uma das mãos nas minhas costas. Com o outro, ele alcança meu cabelo atrás do meu pescoço, procurando lá, procurando por algo.

Eu sei o que.

— A marca. Ele fez isso?

— Você quer que ele me marque?

Ele muda seu aperto para que cubra a parte de trás da minha cabeça, em seguida, aperta os dedos no meu cabelo.

— Você está me machucando, Gregory.

— Você gosta de se machucar, Helena.

— O que você quer? O que você quer comigo? Quer-me porque sente algo por mim ou porque sou dele?

Ele puxa minha cabeça para trás apenas um pouco, apenas o suficiente.

— O que eu quero?

Eu aperto meus dentes, sinto meus olhos endurecerem enquanto tento acenar com a cabeça. Ele me segura com tanta força, que não consigo me mexer e traz a boca para a minha.

Quando seus lábios tocam os meus, eu faço um som, selando-os até que ele puxa minha cabeça para trás, forçando-os a abrir.

— Pare.

Ele chupa meu lábio inferior em sua boca e ele é suave e eu gosto do gosto dele, do uísque, da sugestão de fumaça de cigarro e dele, lembro de como ele é bonito quando goza. Como seus olhos brilham quando goza.

Ele solta um pequeno e satisfeito gemido, depois pega meu lábio inferior entre os dentes e o tempo todo, está me observando. Observando

enquanto morde, apenas um pouco, apenas o suficiente para marcar a pele, para tirar um gosto de sangue antes de me afastar e olhar para mim. Sorrindo.

— Eu gosto de beijar você, Helena. Eu gosto muito disso.

— Ele vai matá-lo.

— Isso é o que eu queria. — Diz ele, ignorando o meu comentário. — Era *tudo que* eu queria. Mas você não pode me dar.

— Gregory...

— Você não pode me dar uma coisa.

— Por favor, não faça.

— Eu não peço muito. — Ele me beija novamente e desta vez consigo desviar meu rosto.

— Eu amo Sebastian!

A raiva flui em seus traços e me solta como se eu tivesse acabado de queimá-lo. Como se tivesse acabado de escaldar a pele dele.

— Então prove. — Diz ele. Afasta-se enquanto limpa o canto da boca. — Faça.

Eu sinto meus olhos se arregalarem.

Ele sorri, mas parece errado.

— Deixe-o marcá-la, então eu saberei que você quer dizer isso e a deixarei ir. Não o faça e tirarei tudo dele. A herança Scafoni. Você. Tudo.

— Eu odiarei você.

— Eu não me importo. Eu me importei, mas não faço mais.

— Você não pode fazer isso.

— Eu posso. Com Ethan fora do caminho, tudo pode ser meu.

A porta da cozinha se abre e nós dois viramos para encontrar Sebastian parado ali. Ele leva exatamente um milésimo de segundo para nos olhar assim antes de pular.

Gregory está pronto para ele.

Eu pressiono minhas costas na parede enquanto os irmãos vão para cima um do outro, dois gigantes lutando, copos quebrando e cadeiras caindo enquanto lutam impiedosamente.

Eu grito.

Observá-los é aterrorizante. Eles vão se matar.

— Parem! — Eu grito, querendo pará-los fisicamente e com medo de chegar perto deles. São grandes e fortes demais.

— Você sempre quer o que não é seu. — Diz Sebastian, sua voz de aço.

— Não. Nem sempre. Agora mesmo.

— Foda-se, irmão.

O punho de Sebastian quase envia Gregory para o chão, mas um momento depois, é Sebastian quem está levando um soco de Gregory, caindo de costas na mesa da cozinha.

— Parem com isso! Vocês matarão um ao outro!

Mas é como se eu não estivesse ali. Nenhum deles me ouve. Então pego a garrafa de uísque e a jogo contra a parede oposta.

Eu não sei se é a quebra do vidro ou o meu grito que finalmente os faz parar. Finalmente faz com que eles olhem para mim.

— Eu farei isso. Ele o fará. — Digo, minha voz mais alta, em pânico. Estou olhando de um para o outro.

— Silêncio, Helena. Isso é entre mim e meu irmão. — Diz Sebastian.

A maneira como Gregory olha para ele enquanto limpa o sangue de sua têmpora, acho que Sebastian está certo. Tudo isso sempre esteve entre eles.

Nada foi sobre mim.

— Eu o farei. — Digo novamente, mais calmamente desta vez. Caio de volta contra o balcão.

— Eu disse silêncio, Helena. — A voz de Sebastian também é mais baixa.

— Não. Não a acalme. — Diz Gregory.

Ele se afasta, solta uma risada pequena e estranha. Seu olhar queima no meu.

Sebastian se aproxima de mim, envolve um braço em minha cintura. Eu me inclino para ele, meus joelhos enfraquecendo com o que estou concordando.

A voz de Gregory é plana quando fala novamente.

— Deixe-a provar a si mesma. E se você fizer isso, renunciarei a minha reivindicação. Ela será sua.

Ele está falando com Sebastian, mas seus olhos sem piscar estão fixos nos meus.

— Você não pode pedir isso. — Sebastian começa, então para. — Peça algo de *mim.* Não para ela.

Gregory finalmente se vira para ele.

— Não é assim que isso funciona e você sabe disso. Existem regras e não há outra maneira. — Ele respira fundo. — Essa é a coisa, não é? Estamos todos presos e esse contrato garante nosso ódio.

Ele balança a cabeça, dá dois passos para longe.

— Eu me pergunto se sempre foi assim. — Diz ele. — Se nosso ódio sempre nos devorou por dentro. Porra, não precisamos de uma *Mulher Willow* para nos destruir. Nós administramos muito bem sozinhos.

— Irmão...

— Não. Não mais irmão. — Gregory caminha até à porta e eu nunca o vi assim. — Você a reivindica, coloca sua marca nela e isso acaba. Isso acaba para ela, pelo menos.

— Até a próxima colheita. — Eu digo, minha voz se quebrando.

Estou cansada.

Estou sem luta.

— Diga-me. — Começo, olhando para Gregory. — Serão seus filhos a escolher a próxima *Mulher Willow*? Será você quem os ensinará a nos odiar?

Com isso, Gregory quase se encolhe.

— Há regras. — Diz ele, movendo o olhar momentaneamente, passando a mão pelo cabelo novamente e por um único e fugaz momento, deixando-me vislumbrar a solidão, aquela parte dele que faz meu coração doer.

Eu não tento segurar as lágrimas enquanto o observo. Como ele me observa enquanto me inclino mais perto de Sebastian, em sua força.

Preciso disso agora, preciso dele e ele precisará de sua força para me machucar, porque é o único caminho.

A única maneira de me salvar.

Para nos salvar.

24

Sebastian

Helena e eu voltamos para a ilha já por uma semana inteira. Depois daquele episódio na cozinha, Gregory desapareceu. Deixou a casa de Lucinda e não o vi desde então, não tentei entrar em contato com ele.

Lucinda fez como foi dito. Ela conversou com Ethan, disse que precisava fazer uma viagem, sair de férias sozinha. Disse a ele que lhe enviaria cartões postais.

Ethan estava mais de acordo com isso do que pensei que estaria. Inferno, talvez estivesse aliviado por ela ter saído.

Quando falei com ele sobre isso, disse que ficaria na casa em Filadélfia, que era dele, uma parte de sua herança como um Scafoni e que eu voltaria para visitá-lo, ele pareceu empolgado, até. Não queria deixá-lo até que tivesse certeza, mas com a equipe médica e a ajuda que contratei, sei que será cuidado, mesmo que não seja uma solução a longo prazo para ele.

Durante todo o tempo em que estivemos de volta, estive debruçado sobre o *Willow Girl Covenant*[3], tentando encontrar uma saída. Não há uma, no entanto. Eu já sabia disso. Sempre soube disso.

Preciso machucá-la se quiser ficar com ela.

Helena está sentada à mesa, segurando um uísque. Ela tem bebido todas as noites desde que voltamos. Eu olho para ela e parece cansada.

— Você quer que peça ao cozinheiro para preparar outra coisa para você? — Ela está tão ansiosa que não conseguiu manter nada.

— Não, obrigada. Não estou com fome.

— Ligarei para um médico e ver se ele consegue fazer alguma coisa.

— O que um médico fará? — Ela pergunta, então abaixa o olhar, percebe. Seu tom é mais suave quando ela fala em seguida. — Apenas temos que terminar isso. Ficará mais difícil quanto mais esperarmos.

— Não faremos do jeito dele, Helena. Nós temos um ano e vamos encontrar outro caminho.

Ela balança a cabeça.

— Nós precisamos fazer. Que escolha temos? — Ela bebe seu uísque. — E realmente, não merecemos isso, você e eu? O que fizemos com ele... — Ela passa os dedos pelos cabelos. Sua testa está enrugada de preocupação. — O que fizemos com ele. — Ela repete, olhando para mim.

[3] O livro do Pacto sobre as Garotas Willow entre as famílias Scafoni e Willow.

— Eu nunca pretendi machucá-lo, sei que você também não, mas nós o machucamos. Juntos o fizemos. Ficar com ele... o que fizemos... ele é humano, Sebastian. E nós o machucamos.

— Você fala como se tivesse sentimentos por ele.

— Eu tenho. Eu me importo com ele e não quero que se machuque, mas isso é tudo o que significa.

Eu me esforço para entender isso. É egoísta, eu sei, mas a rivalidade e o ciúme estão me rasgando. Eles separaram minha família.

E sei que ela está certa.

Nós temos que fazer isso para o bem de todos. Esta marca, esta marcação cerimonial, a dor que ela sofrerá, selará a minha reivindicação a ela, que a libertará. E isso libertará meu irmão e eu.

Mas nunca vou perdoá-lo por exigir isso. E nunca vou me perdoar por fazer isso.

O som de um motor de barco nos faz virar para o cais.

— Filho da puta.

Eu me levanto enquanto vejo Gregory atracar seu barco, desligando o motor. Ele sai e para. E de longe, posso ver que ele está olhando para mim.

Helena também se levanta e observamos quando meu irmão se aproxima.

— Suba para o seu quarto, Helena.

— Não.

Eu sinto minha mão apertar em seu braço, apertando quando Greg se aproxima, enquanto vejo o sorriso se alargando em seu rosto.

— Eu disse para ir para seu quarto.

— Vocês vão se matar. — Diz ela.

Eu me volto para ela.

— Essa é uma maneira de acabar com isso, não é?

Mas Helena não tem chance de responder porque não estamos mais sozinhos.

— Olá irmão.

Eu levo meu olhar para o dele.

— Helena. — Eu não olho para ela. — Suba a escada. Agora.

— Ela responde melhor se você a chamar de *Mulher Willow*. Ensina-lhe o seu lugar. — Diz Gregory.

Ela está certa. Eu o matarei.

— Helena. — Digo uma última vez.

— Eu irei. — Eu a liberto, meu irmão e eu não tiramos nossos olhos um do outro enquanto ela desaparece na casa.

Gregory anda ao meu redor para pegar um copo, enche de uísque. Ele se senta na cadeira à mesa. Não me incomodei em acender o fogo hoje à noite, não estava de bom humor.

Eu me sento e bebo o ultimo gole do meu uísque. Ele serve mais para mim.

— Você se importa com ela? — Pergunto.

Seus olhos se estreitam.

— Ou você apenas quer machucá-la? Porque se a fizer passar por isso, ela o odiará.

— Ela já me odeia, irmão.

— Sim, essa é a coisa. Ela não o faz. — Balanço minha cabeça, pego o copo e me sirvo novamente, — Você é um fodido sádico, sabe disso?

— E você é um santo?

— O que conseguirá com isso?

— Você deveria me agradecer. Estou o salvando de si mesmo. Faz isso e consegue manter tudo, inclusive a garota.

— Eu não quero tudo porra. Não quero nada além dela.

Ele para nisso, depois balança a cabeça e esvazia o copo.

— Pense nisso como Karma vindo para coletar. Pela primeira vez na sua vida, você precisa pagar. Bem, ela paga por você, eu acho, pela história da sua vida. Mas me pergunto se será capaz de tirar o som de seus gritos da sua cabeça, quando colocar o ferro em brasa em sua pele.

— Terminamos depois disso. Você deixa de ser meu irmão.

— Tudo bem. — Ele diz com os dentes apertados. — Você e eu, Sebastian, terminamos no dia em que colocou os olhos nela. Você jogou tudo fora por ela, até eu. Então tudo bem. — Ele empurra a cadeira para trás e fica de pé. — Amanhã à noite nós faremos isso. Então vou embora e nenhum de vocês jamais terá que me ver novamente.

25

Helena

Eu não tenho conseguido manter nenhuma comida por dias. Estou aterrorizada, com muito medo da dor. Esta noite é a noite. Em menos de uma hora, na verdade. Não saí da minha cama o dia todo. Quando Sebastian veio me ver, o mandei embora.

Estou deitada lendo o diário da minha tia Helena pela centésima vez, tentando extrair força disso, tentando reunir coragem para passar por isso. O manto que usava na noite em que os irmãos Scafoni foram à casa Willow e Sebastian Scafoni me fez a *Mulher Willow*, está pendurado em um gancho na porta.

Estamos de volta ao começo. Nós temos um círculo completo.

Nunca pensei que isso fosse onde eu estaria quando ele me levasse. Eu o odiava e queria continuar odiando-o. Odiando-os. No entanto, mesmo agora, mesmo sabendo que Gregory está forçando isso, não consigo. Não odeio nenhum deles.

Minha porta se abre e Sebastian entra. Seu rosto é ilegível, como se fosse feito de pedra, sua mandíbula flexionada. Ele está lutando contra isso.

— Já está na hora? — Pergunto.

Ele dá um aceno curto.

— Não faça isso, Helena. — Finalmente diz. — Não me faça fazer isso com você.

Empurro as cobertas e saio da cama. Estou nua, mas dificilmente importa.

Passando por ele, puxo o odiado manto do cabide e a deslizo sobre a cabeça. Para a cerimônia, eu preciso usar essa coisa podre novamente. Olho para a mancha de sangue de porco na frente, isso era para me salvar.

Talvez de certa forma, aconteceu. Olho para ele e toco seu rosto.

— Eu te amo.

Ele segura meu pulso, mas não puxa a minha mão.

— Não sei como você pode.

— Onde será? — Eu começo a tremer.

Ele sabe o que estou perguntando. Chega por trás do meu pescoço e um pouco para o lado para tocar um ponto.

— Aqui.

Eu concordo.

— Tome isso. — Diz ele, segurando dois comprimidos.

— O que eles são?

— Eles vão derrubá-la. Você não sentirá, não quando estiver acontecendo.

— Como?

— Sedativo. As mesmas coisas que eles deram depois de Lucinda. Você precisa tomá-los agora e sair comigo. E se desmaiar no poste, Gregory pensará que você desmaiou de medo.

Aceno e tomo os comprimidos, engulo a seco.

— E quando eu acordar?

— Já tenho medicação para dor, coisas fortes. Você pode aguentar até cicatrizar. Até não sentir nenhuma dor.

Aceno novamente. O que posso dizer que não o fará se sentir pior do que ele já sente?

— Eu sinto muito, Helena. Sinto muito.

É preciso tudo o que tenho para forçar o menor sorriso.

— Vamos acabar com isso. — Já estou sentindo o efeito do remédio.

Sebastian me segura enquanto descemos a escada. O cheiro do fogo lá fora faz meu estômago revirar e acho que vomitaria se tivesse comido algo mais do que as duas bolachas que consegui antes. As portas do pátio estão abertas, como de costume e estremeço com o ar frio quando saímos.

— Você pode mudar de ideia. — Sebastian diz, enquanto caminhamos em direção ao poste onde uma segunda fogueira está queimando. Onde, à luz daquela segunda fogueira, Gregory espera.

— Não, eu não posso. — Meus joelhos se dobram uma vez e Sebastian me pega.

— Firme.

— Estou bem. — Paro antes de ouvirmos Gregory e nós viramos para ele. — Obrigada.

— Você não tem nada para me agradecer. Nenhuma maldita coisa.

Coloco minhas mãos em ambos os lados do seu rosto e ele tem que me segurar porque está tomando tudo o que tenho para não cair e não acho que sejam os comprimidos. É o medo.

— Por favor, não faça isso. — Ele tenta mais uma vez.

— Fico feliz que seja você a fazer isso, não ele.

— Isso vai me matar.

Balanço minha cabeça e beijo sua boca, então beijo novamente.

— Eu te amo. Eu te amo muito. — Digo.

Ele me puxa com força para ele e por um momento, não tenho certeza se não vai me levar para fora da ilha, fugir comigo, mas em vez disso, me levanta e me leva para o poste. Minha cabeça balança contra seu peito e meus olhos estão se fechando, então tenho que lutar para mantê-los abertos.

Gregory aparece alguns minutos depois. Ele está vestido de preto da cabeça aos pés e percebo que Sebastian também está. Atrás de Greg, o fogo brilha e assobia com raiva, viro minha cabeça no peito de Sebastian quando vejo o ferro em brasa dentro dele.

— Diga-me para parar. — Ele parece torturado, como se fosse o único a ser marcado. — Diga-me para parar com isso.

Eu balanço minha cabeça com não, tento me contorcer para fora de seus braços.

Mas ele não me deixa ir, nem mesmo quando estamos no poste, onde Gregory fica observando como aquele anjo sobre o mausoléu. Escuro, bonito, constante e assustador para caralho.

Ele não diz nada, nada arrogante, insolente ou qualquer coisa. Sua expressão é sombria e não para de me olhar.

— Tudo bem. — Digo para Sebastian, cujos olhos estão queimando em seu irmão, assassinando-o com apenas um olhar. — Eu aguento.

Ele olha para mim e nunca o vi assim. Seus olhos, assim. Cheio de ansiedade, ódio, pena, remorso e tudo de uma vez.

Gregory se move, segurando um dos meus braços enquanto Sebastian me coloca no chão. Ele levanta sobre a minha cabeça e acho que se soltar, cairá a meu lado. Acho que se Sebastian me soltar e se não estiver amarrada, cairei no chão.

Sebastian levanta meu outro braço e me segura e é preciso tudo o que tenho para endireitar minhas pernas, para ficar de pé sobre elas.

Descanso minha testa no poste. Mesmo que seja frio, estou suando e os ouço conversando atrás de mim, mas devo estar entrando e saindo da consciência, porque não posso seguir o que dizem. Apenas os ouço discutir antes de sentir algo envolver minha cintura e grito.

— Shh — É Sebastian. — Não é isso. Ainda não.

Ele empurra o cabelo do meu rosto para me fazer olhar para ele e estou tendo dificuldade em manter meus olhos abertos, mas não tenho certeza do porquê estou lutando contra o sedativo. Quero estar nocauteada quando eles fizerem isso. Quando ele queimar sua marca na minha pele.

Olho para baixo e o vejo ele amarrar o cinto ao meu redor e do poste, me abraçando.

— Então você não se move. Faremos de uma só vez.

Eu não entendo, mas não me importo.

— Você deu a ela alguma coisa? — Ouço Gregory perguntar. — Ela está fora.

— Ela está apavorada, seu idiota. Como você ficaria se estivesse amarrado ao maldito poste?

— Foda-se você.

Eu ouço a briga e viro a cabeça, descanso minha bochecha contra o poste.

— Estou com medo. — Sussurro, meus olhos se fechando novamente. A última imagem que vejo é o rosto de Gregory, seus olhos em mim, o olhar dentro deles que me diz que isso não é o que ele quer. Não como quer.

Mas então ele pisa atrás de mim e segura meu cabelo, coloca o comprimento sobre o meu ombro e grito quando o sinto rasgar o manto em dois, o som estridente quando descobre minhas costas, preparando para o ferro.

E então suas mãos que podem ser tão cruéis, tão impiedosas, são quentes e suaves em meu pescoço, ele cobre a parte de trás da minha cabeça e pouco antes de eu desmaiar, ele diz alguma coisa. Sinto o sussurro de sua respiração. Apenas algumas palavras antes que eu perca os sentidos, os comprimidos fazendo seu trabalho, me salvando do calor do ferro que se aproximava rapidamente.

26

Sebastian

Helena desmaiou. O cinto que a prende ao poste tira um pouco da pressão de seus pulsos, mas seus joelhos estão dobrados e Gregory segura a cabeça no poste ou ela cairia para o lado.

Eu olho para o meu irmão.

Seus olhos são escuros, ardendo tão intensamente quanto o fogo.

Eu não ouvi o que ele sussurrou para ela. Pergunto se ela ouviu ou se ela já desmaiou. Mas agora ele se vira para mim.

— Você deu algo a ela. — Ele diz novamente.

— Sim eu fiz. Ela estava apavorada. Você precisa dela acordada para que possa ouvi-la gritar? Isso não está em qualquer lugar nas regras.

Ele engole. Vejo sua garganta funcionar.

— Você ainda pode mudar de ideia. — Eu digo. — Não por mim, mas por ela.

Ele balança a cabeça uma vez.

Eu pego o ferro, até mesmo a alça de madeira está quente, mas eu aperto e seguro firme. Quero que isso me queime, me queime, não ela.

Porra.

Não ela.

Gregory empurra o manto rasgado de seu ombro, expondo a maior parte de suas costas e eu me aproximo.

Há um flash de luz à distância e um momento depois, o trovão quebra o silêncio da noite.

Choverá.

Derramará.

Eu me aproximo, toco sua pele, toco a carne lisa que marcarei.

Ela não se move, nem mesmo quando empurro minha unha em sua pele, testando. Eu levanto o ferro em brasa e seu brilho laranja me deixa doente.

Gregory desloca seu aperto nela e acho que por um minuto adoraria enfiar na cara dele. Adoraria queimá-lo, marcá-lo com isso e o destruir.

E quando penso que o farei, apenas quando estou a centímetros dela e dele, ele levanta o braço e fecha a mão sobre a parte mais quente do ferro, aperta seu punho e ouço sua dor, ouço através dos dentes enquanto o ferro abrasa a pele da mão.

O tempo para.

Eu não faço nada.

Eu não posso.

Demoro um minuto inteiro para registrar o que ele fez.

O que está fazendo.

Afasto o olhar de sua mão para seu rosto e vejo sua dor, vejo o tormento em seu rosto e finalmente, puxo a marca para longe e ele puxa sua mão tropeçando para trás, bate na cesta de fogo espalhando o fogo e enviando madeira flamejante para baixo.

Por um momento, acho que ele pegou fogo. Mas então ele olha para mim novamente e olha para ela, me pergunto se planejou isso o tempo todo. E se nunca pretendeu deixar-me marcá-la, se este era seu teste para mim. Eu me pergunto se ele planejou salvá-la no último segundo.

Como um perdão pouco antes do machado cair.

Eu solto o ferro no chão.

— Irmão.

Mas ele não responde. Está segurando seu braço, fumaça saindo da mão machucada. Apenas vejo por um segundo, apenas vislumbro o dano por um segundo antes que ele se afaste e ande de volta para casa.

Eu não vou atrás dele.

Eu o deixo ir.

E o vejo desaparecer antes de voltar minha atenção para Helena e desfazer os laços em seus pulsos, apoiando-a enquanto solto o cinto, o cinto de Gregory e a levanto em meus braços.

Ela está inconsciente, a droga vai mantê-la fora por um tempo. Eu a levo de volta para a casa, subo para o meu quarto e a coloco na minha cama. Rasgo o manto dela e acho que quero queimá-lo nesse fogo também. Quero que isso acabe, quero tudo que tenha alguma coisa a ver com as *Mulheres Willow* fora da minha vida. Longe da dela. Fora da vida do meu irmão.

E quando olho para ela deitada nua na cama, deito-me ao seu lado e a seguro, não acho que a deixarei ir novamente.

27

Helena

Espero dor quando começo a acordar. Antecipo, mesmo através da névoa negra da droga, mas o que sinto quando abro os olhos é enjoo. Tropeço para fora da cama e estou nua, mas mal presto atenção enquanto corro para o banheiro.

Sebastian está atrás de mim em um piscar de olhos, mas quando eu chego lá, nada acontece. Não comi nada por muito tempo para que houvesse algo para vomitar.

Quando a onda passa, caio no chão, de costas para parede.

Sebastian parece um fantasma. Seu rosto está branco, seus olhos rodeados de sombras como se ele não tivesse dormido em semanas. Ainda está usando as mesmas roupas da noite passada e posso sentir o cheiro da fumaça do fogo nele.

E eu não sinto nada. Sem dor.

Ergo a mão para trás, toco o espaço onde deveria ter sido marcada, mas não há nada lá. Sebastian se inclina para trás e coloca a mão na testa.

Eu toco nele. Afasto a mão dele. Ele parece quebrado.

— O que aconteceu?

Ele não responde. Nunca o vi assim.

— Onde está Gregory?

Oh Deus. Ele o machucou? Matou? Porque não importa no que ele acredita, não sobreviverá ferindo outro irmão. Não a este irmão. Isso irá destruí-lo.

— Sebastian?

— Ele se foi.

— Foi para onde?

— Ele saiu, algumas horas depois.

— O que aconteceu?

Ele está olhando ao longe e tem a mão cobrindo a boca, depois a garganta.

— Ele fechou a mão sobre a marca.

— Oh meu Deus.

— Porra. Helena, ele...

Eu vou até ele, envolvo meus braços ao seu redor, abraço-o.

— Eu dei a ele todas as chances de parar, mas ele recusou. E quando estava segurando o ferro a poucos centímetros de você, estendeu a mão e agarrou-o.

— Ele se queimou de propósito?

Sebastian acena com a cabeça.

— Ele não precisava, se quisesse parar, tudo o que tinha que fazer era dizer a palavra.

— Jesus.

— O que eu fiz? — Ele tem o rosto dele nas mãos. — Como porra chegamos a isto?

Eu tiro as mãos dele, coloco a minha em cada bochecha para fazê-lo olhar para mim.

— Você não fez nada. — Eu digo. — Ele fez isso, ele queria e escolheu fazer. Isso não é sua culpa.

Ele me observa e encosta a cabeça na parede.

— Eu não o conhecia. — Ele se levanta, vai até às pia e abre a torneira, espirra um pouco no rosto, depois fecha e olha para o seu reflexo. — Nem um pouco. — Diz ele.

Eu fico de pé e vou até ele, colocando minha mão em seu ombro.

Mas ele me empurra para longe e no instante seguinte, esmaga seu punho no espelho, quebrando-o, xingando, amaldiçoando Deus, sua família e a minha.

Eu pulo para trás, pedaços afiados do espelho caindo quase em câmera lenta ao redor dos meus pés descalços, o som quase musical como lascas cortadas em minhas pernas.

A mão de Sebastian está sangrando quando vou até ele, pisando em pedaços como facas. Pego a mão dele em ambas as minhas e retiro os pedaços.

Eu sinto sua outra mão perto na minha nuca acariciando meu cabelo.

— Não é sua culpa. — Digo a ele, enquanto limpo sua mão.

Quando olho para ele, está me observando e seu rosto parece de um garotinho. Como Gregory às vezes fazia.

Perdido.

Ele cobre a parte de trás da minha cabeça, me puxa para ele e me beija forte. Não é erótico, é algo completamente diferente e não para quando me levanta e me leva para o quarto.

Ele tira a camisa enquanto deita na cama. Os cortes de sua mão deixam manchas de sangue na minha pele. Ele me beija novamente e isso,

o que estamos fazendo, não é sensual, lascivo ou qualquer uma dessas coisas. É preciso. Necessidade pura.

O peso de Sebastian em mim faz com que seja difícil respirar. Ele se desloca sobre um cotovelo, ainda me beijando, ainda me observando enquanto abre a calça jeans e empurra minhas pernas mais amplas. Eu me seguro nele e não estou pronta quando empurra para dentro de mim, mas ele não se importa e nem eu. Uma vez que está totalmente dentro de mim, cobre o topo da minha cabeça e empurra sem afastar os olhos.

Ele não me beija novamente e não diz uma palavra. Apenas me fode duro e profundo, talvez seja ele me reclamando ou me reivindicando totalmente pela primeira vez. Fazendo-me dele, apenas dele. Mais do que qualquer marca teria feito.

Eu não gozo e sei que esse não é o ponto, mas o aceito, tomo suas investidas dolorosas, seu peso, sua mão ensanguentada segurando meu cabelo, as unhas cravando em meu couro cabeludo. Eu o recebo e o sinto gozar, ouço sua liberação e o sinto me encher, tudo que posso pensar é que quero tudo dele, completamente. Quero mantê-lo dentro de mim, sempre. Por mais retorcido e errado que seja, como tem sido desde o primeiro dia, eu o quero.

Quando ele termina e se afasta, sinto o calor de seu sêmen na minha coxa.

Ele não se move embora. Fica sobre mim, acariciando meu cabelo, sua expressão tão intensa como sempre.

— Está feito. — Diz ele. — Acabou. Mas ele merecia mais do que isso.

Ele se senta e me olha uma vez. Eu também me sento, puxo meus joelhos e os abraço. Seu olhar pousa na minha mão e seus olhos se estreitam.

Eu sei o que ele está olhando.

— Hora de enterrar isso, Helena.

Eu olho para o anel de crânio e ele está certo. Já passou da hora de enterrá-lo, não aguento mais ter isso no meu dedo. Não suporto a sensação disso e quero isso. Preciso disso.

Sebastian pega minha mão e o puxa, acho que quero limpar minha pele, esfregar quaisquer vestígios dele, como se isso fosse limpar o passado. Como se isso fosse purificá-lo.

Purificar-nos.

Ele sai do quarto sem uma palavra. Eu o vejo ir e deito minha cabeça na cabeceira da cama, penso em Gregory, sobre o que ele fez. Acho que me odeio um pouco por isso.

O que aconteceu com ele, é pelo menos em parte minha culpa. Eu sabia o que estávamos fazendo, nós três, era errado para ele. Isso o machucou. Eu sabia que iria. Por dentro, sempre soube que iria.

Não acho que ele soubesse o que exigia de nós, que isso o quebraria. Eu não sabia.

Mas aconteceu.

Ontem à noite o quebrou.

28

Sebastian

Eu enterrei esse maldito anel. Coloquei-o no chão onde estava os restos de Cain Scafoni.

Já faz duas semanas desde aquela noite, desde que Gregory saiu. Não ouvi nada dele. Tenho Gallo procurando por ele, mas conheço meu irmão bem o suficiente para saber, que não será encontrado até que queira ser.

O que ele fez, não consigo tirar a lembrança da minha cabeça. Não posso parar de senti o cheiro, não consigo parar de ouvir o som da dor dele.

E suporto a responsabilidade disso.

Não era minha intenção machucá-lo. Compartilhar Helena foi minha maneira de controlá-lo. Pergunto se algum de nós percebeu a extensão do dano que estávamos causando o tempo todo.

Eu respiro fundo, bebo um gole do café fumegante e olho para a água, vendo o barco se aproximar. O vento está tempestuoso hoje e a areia como grânulos de gelo sob meus pés descalços.

Amélia Willow ainda está desaparecida, o que é preocupante. Uma jovem desaparecida é diferente de um homem. Estou de olho em Lucinda, mas não estou preocupado com ela. Controlo o dinheiro, o que significa que a controlo.

Ethan ainda está na Filadélfia. Helena não está pronta para tê-lo aqui conosco e francamente nem eu. Mas ela ainda não está mantendo a comida no estômago, embora estivesse chateada, verá um médico hoje.

Engulo o último gole do meu café enquanto o barco atraca e subo para ajudar a médica a sair. Dra. Price foi a médica de minha mãe e também sua amiga, é a única que quero cuidando de Helena.

— Dra. Price, obrigado por vir em tão rapidamente. — Digo, apertando sua mão.

— Não é problema, Sebastian.

Conversamos por alguns minutos, ela perguntando sobre minha família, sobre a qual eu minto, enquanto nos dirigimos para casa.

Helena ainda está aborrecida por eu insistir nisso, mas não me importo. Ela está esperando do lado de fora, seus olhos traem sua falta de confiança.

— Dra. Price, esta é Helena. Helena, Dra. Carol Price. Ela era a médica da minha mãe.

Helena estende a mão.

— Prazer em conhecê-la, mas Sebastian e eu não estamos totalmente de acordo sobre eu precisar de um médico.

— Tenho certeza de que ele está apenas sendo cauteloso. — Diz Price. — Prometo tornar o mais fácil e indolor possível.

Helena abre a boca e vou até ela, fecho minha mão ao redor de sua nuca e a viro para me encarar.

— Eu preciso que faça isso, Helena.

Ela fará um exame mesmo se eu tiver que segurá-la para fazer isso, mas espero evitar esse caminho.

— Tudo bem. — Diz ela. — Mas da próxima vez, você fala comigo antes de tomar as providências.

— Certo.

Eu as levo até o meu quarto e por mais que queira ficar, sei que deveria lhes dar privacidade, então quando meu celular toca, me desculpo e desço para o escritório.

— Olá? — Respondo, não reconhecendo o número, mas sabendo que é da Pensilvânia pelo código de área.

— Um oi. Helena está aí?

É uma garota e ela parece familiar.

— Quem é? — Eu pergunto, mas acho que sei.

— Sua irmã, Amélia. Amy.

Eu sento.

— Onde porra você está, Amélia? Helena está muito preocupada.

— Sinto muito por isso. Não podia ligar até estar resolvida e segura. Não queria que ela tentasse me mandar de volta.

— Onde você está?

— Filadélfia.

— O que está fazendo na Filadélfia?

— Você vai deixá-la falar comigo ou vai me intimidar pelo telefone?

Eu rio.

— É Sebastian? — Ela pergunta com cautela. Ela deve ter guardado meu número quando Gregory deu a Helena meu telefone para ligar para naquela noite. Eu tive certeza que ele usasse meu telefone e não o dele.

— Sim.

Ela fica em silêncio.

— Este é o seu novo número, Amélia?

— Sim.

— Diga-me onde você está exatamente. — Digo, pegando uma caneta e encontrando um pedaço de papel em branco. — Eu preciso de um endereço.

Ela hesita.

— Não se preocupe, não entrarei em um avião para a Filadélfia e não vou forçá-la de volta à casa dos Willow.

— OK. — Ela me dá o endereço de um dos hotéis mais chiques da cidade, o que imediatamente envia bandeiras de alerta.

— Isso é um hotel.

— É um apartamento no hotel.

— Como conseguiu isto?

— Isso não é da sua conta.

— Acabou de fazer ser da minha conta.

— Olha, apenas queria ligar para deixar a mente de Helena em paz, não fazer o jogo de vinte perguntas com você. E além disso, tenho um emprego.

— Um trabalho? Deve ser um inferno de trabalho para pagar por esse lugar.

— Estou modelando. Conheci esse homem e ele achou que eu tinha a aparência certa...

— Que homem?

Ela fica em silêncio. Eu espero.

— Minha irmã está aí? — Ela pergunta, soando de repente anos mais jovem que Helena.

— Que homem, Amélia?

— Ninguém. Apenas um novo amigo que conheci na cidade. Não é como o que você está pensando.

— O que eu estou pensando?

— Posso falar com a minha irmã, por favor?

— O que eu estou pensando? — Pergunto novamente.

Sem resposta.

— Espero que você não esteja fazendo algo estúpido, Amélia. E se precisar de dinheiro, enviarei antes de chegarmos aí...

— Eu não quero que você venha e não preciso do seu dinheiro. Eu não preciso de nada de você, somente falar com a minha irmã. Ela está trancada em algum lugar? É por isso que não posso falar com ela?

Há uma batida na minha porta e Remy a abre. A Dra. Price está de pé ao lado dele.

— Espere. — Digo a Amélia.

— Acho que você deveria subir. — Diz Price.

— Ela está bem?

— Ela está bem. Está esperando por você.

Eu aceno, levanto-me.

— Eu estarei lá. — Digo a médica.

Ela acena e sai do quarto.

— Helena está sã e salva, não preciso mantê-la trancada. Você ficará nesse número?

— Sim, estarei aqui. Olha, não diga a ela... deixe-me contar tudo a ela, ok?

— Você apenas fique aí, entendeu?

— Sim.

Eu desligo o telefone e subo a escada para o quarto de Helena. Ela está sentada em sua cama e a cor sumiu do rosto dela. Guardo o telefone no bolso e vou até ela.

— O que está acontecendo?

Ela olha para mim.

— Estou grávida.

29

Helena

— Grávida?

Grávida. Ouvir a palavra em voz alta é estranho. Muito estranho.

— Como? — Ele pergunta.

— Como?

— Você teve a injeção.

— Eu não sei. Acho que estou entre o um por cento.

— Porra.

Ele se senta na beirada da cama. Posso adivinhar o que está pensando, pois estou pensando a mesma coisa.

— Eles podem fazer um teste de paternidade em algumas semanas.

Sebastian acena com a cabeça.

Eu cubro meu rosto, respiro fundo e exalo.

— Podemos falar sobre outra coisa, por favor? Não posso fazer isso agora. Eu tenho que envolver meu cérebro ao redor disso.

— Sim. — Ele olha para mim. — Podemos conversar sobre sua irmã.

— Amy?

— Esse foi o seu telefonema.

— Como ela conseguiu o seu número de telefone?

— Foi do meu telefone que você ligou para ela, não de Gregory. Era meu.

— Como... ela está bem?

— Ela soa bem. — Ele coloca a mão no bolso para pegar o celular. — Aqui, ligue de volta. Eu salvei o número. Vou tomar um pouco de ar.

Concordo com a cabeça, seguro o telefone e o vejo sair, depois ligo o número de volta e um momento depois, Amy está na linha e estou muito aliviada para estar com raiva. Eu não lhe digo as novidades, mas isso é apenas porque estou tendo dificuldade em acreditar ainda. E preciso ter certeza de que ela está bem.

Ela está aparentemente na Filadélfia, Sebastian tem o endereço e ela encontrou um emprego em uma agência de modelos.

— Mas como você conseguiu um apartamento? Um telefone? Precisa de dinheiro para essas coisas.

— Oh, a agência liderou isso. — Diz ela, mas diz isso rápido demais, quase tropeçando nas palavras e acho que está mentindo.

— Amy?

— Olha, preciso ir. Tudo bem, Helena. Estou bem. Tenho tudo sob controle.

— Você tem certeza? Essa coisa toda parece boa demais para ser verdade. Quer dizer, o apartamento, um telefone e roupas?

— Sim eu tenho certeza. Trabalharei para pagar de volta. Mas você está bem? Sebastian parece muito mandão, Helena.

— Mandão? — Eu quase rio.

— Sim. Apenas falei com ele por dois minutos e posso dizer.

— Mandão é um eufemismo. Mas ele está bem. As coisas estão... diferentes agora. — Eu coloco uma mão na minha barriga.

— Você parece diferente da última vez. Melhor.

— Eu estou melhor.

— Você acha que ele a deixará me visitar?

— Acho que posso convencê-lo de que precisamos fazer uma viagem à Filadélfia. Já falou com mamãe e papai? Disse a eles onde você está?

— Eu não quero falar com eles. Eles não me deixarão ir.

— Você tem vinte e um anos de idade, já é uma adulta. Não é mais com eles.

— Você sabe como eles são.

— Sim, eu sei. Talvez pelo menos mande dizer que você está segura.

— Como se eles se preocupassem com a nossa segurança.

— Apenas faça isso, ok? — Às vezes me sinto como uma irmã mais velha, como se fosse anos mais velha que ela. Sempre foi assim conosco.

— Você ligou para eles, Helena? Disse a eles? Disse a eles para irem para o inferno pelo que fizeram com você?

— Não.

— Você os odeia?

— Não. Eu não sei. As coisas acabaram sendo diferentes do que eu pensava. Sebastian... eu o amo.

— Helena!

— Eu sei. É louco. Mas, bem, tudo isso é uma loucura.

— Você está apaixonada. Por ele. Um Scafoni. Oh meu Deus.

— Estou preocupada com você, Amy.

— Eu sei e sinto muito por fazer você se preocupar, mas preciso fazer isso do meu jeito. Eu preciso aceitar tudo. OK?

Aceno, mesmo que ela não possa me ver.

— OK. Compreendo.

— Obrigada, Helena. Você pode me ligar a qualquer momento agora, ok?

— Eu o farei. Tome cuidado e eu te amo, irmã. — Sinto as lágrimas aquecerem meus olhos.

— Eu te amo e tenha cuidado.

Nós desligamos o telefone e vou ao banheiro lavar o meu rosto. Olho no espelho e levanto um pouco a minha camisa para olhar minha barriga. Ainda é plana, mas é cedo. Apenas quatro a seis semanas, a médica disse. Meus seios já estão um pouco mais cheios e suaves, mas sequer notei. Mas novamente, muita aconteceu,

Eu não estou pronta para ter um bebê. Eu não estou pronta para ter um com ele. E depois há a outra coisa.

E se não for dele? E se for de Gregory?

30

Sebastian

As próximas semanas são tensas. Helena ainda está tendo problemas para manter a comida e o estresse de tudo isso, está pesando nela. Porra, está pesando em mim como uma tonelada de tijolos.

Um bebê.

Ela está grávida. Isso não deveria acontecer, não fazia parte do plano.

Embora qual era o plano? Que porra já foi?

Pegar a *Mulher Willow*.

Quebrá-la.

Esse era o plano.

Destruir uma vida como nós, os homens Scafoni, fazemos.

Destruir as nossas no processo. Eu nunca deveria ter me apaixonado por ela.

Nem sei quando isso aconteceu ou como aconteceu, mas me apaixonei e agora ela está carregando meu bebê.

Ou o bebê do meu irmão.

Que porra faremos se for dele? O que ela irá querer fazer?

Eu simplesmente não consigo pensar sobre isso ainda. Não até obtermos os resultados do teste de paternidade que sairá hoje. Eles

tiraram sangue de Helena e limparam minha bochecha no começo da semana. A Dra. Price recebeu os resultados do teste esta manhã.

Helena está mais quieta do que o normal e não falamos sobre o que faremos. Eu não tenho ideia do que ela está pensando ou onde está sua cabeça.

Quando chegamos, a enfermeira nos leva imediatamente ao consultório da médica. Eu não sei o que a Dra. Price pensa sobre esse teste de paternidade e francamente, não poderia dar a mínima, mas uma vez que nos acomodamos, ela abre uma pasta e pega o envelope que contém os resultados. Sorri para nós um pouco desajeitada e percebo que estou sentado na beirada do meu assento quando Helena desliza a mão para me tocar.

Nós trocamos um olhar e deslizo sua mão entre as minhas enquanto médica ajusta seus óculos e lê os resultados.

— Bem? — Eu pergunto ansiosamente.

Ela sorri, vira e empurra em nossa direção.

— Você é o pai, Sebastian.

Helena solta um suspiro audível. Eu me viro para ela, sorrio, sem perceber o quanto estava tenso e estou surpreso com a emoção que sinto.

— Agora Helena, seu sangue também mostrou níveis mais altos que o normal de HCG...

— O que é isso? — Pergunto. — É um problema?

— Um hormônio produzido durante a gravidez e não, não é um problema. — Ela responde com um sorriso e se volta para Helena. — Dada a história de múltiplos em sua família, me sentiria melhor se fizéssemos um ultrassom.

— Múltiplos? — Helena pergunta, parecendo perdida.

— Pode não ser nada. Algumas mulheres têm níveis mais elevados desse hormônio e carregam um único filho. Precisamos fazer o ultrassom para ter certeza.

Helena perdeu um pouco de cor. Eu me volto para a médica.

— Por que você não nos dá alguns minutos. — Digo.

A médica acena e desocupa a sala.

Uma lágrima cai do olho de Helena e ela a limpa.

— Porque você está chorando?

— Estou aliviada que é seu, mas...

— Você está feliz?

Ela olha para mim.

— É muito rápido, não é normal.

— Sim. Bem, o que tem sido normal em tudo isso?

— Nada. — Ela olha para o colo e se preocupa enrugando a testa.

— Helena?

Ela move o olhar para o meu.

— Eu não estou pronta para isso.

Eu sinto meu queixo tenso.

— Podemos conversar sobre isso.

— E se… e se forem quatro? Quatro meninas?

Eu limpo as lágrimas do rosto com os polegares e a levanto no meu colo.

— E se isso acontecer novamente. — Ela pergunta no meu peito. — O ciclo já começou.

— Não. Acabou.

Ela dá uma pequena sacudida de cabeça.

— Acabou, Helena. Não haverá outra colheita de *Mulher Willow*. — Eu inclino o rosto dela para que ela olhe para mim. — Eu juro. Nós terminamos. Com este nascimento, seja um ou quatro, está terminado. *O Legado da Mulher Willow*, acabou. E o que isso fez ao longo dos séculos? Destruiu ambas as famílias. Virou irmão contra irmão, filha contra mãe e causou muita dor e sofrimento.

Ela descansa a cabeça no meu peito e toca meu rosto com as pontas dos dedos.

— As famílias serão unidas novamente, mas desta vez, será por amor, não ganância. — Eu digo. — Eu te amo e terei um bebê com você, quatro bebês ou uma dúzia. Não me importo. Eu te amo. E seja o que for, faremos isso juntos, você e eu.

Ela acena com a cabeça.

— Pronta?

Seu sorriso hesita, mas a levanto e aperto seus braços. Serei forte o suficiente para nós dois.

— Doutora. — Eu chamo.

A Dra. Price volta a entrar e alguns instantes depois, Helena está deitada na mesa e todos nós estamos olhando para o monitor e ouvindo o eco, um som agudo, enquanto a médico encontra o bebê.

Os bebês.

Todos os quatro.

Epílogo 1

Helena

Um mês depois

Sebastian está certo. Minha tia Helena estava certa.

Terminamos isso, ele e eu.

Eu serei a última *Mulher Willow.*

Estamos sentados no escritório de Joseph Gallo enquanto ele fala sobre o contrato em sua mesa. É um novo que Sebastian redigiu para assinar, a escritura da propriedade Willow e a passa para mim. Também marca um final simbólico da colheita das *Mulheres Willow.*

Conversei com meus pais alguns dias depois da visita do médico. Eu não contei a eles sobre a gravidez e não contei sobre Sebastian e eu. Depois da minha conversa com Amy, quando ela me perguntou se eu os odiava, não consegui tirar a questão da cabeça.

Eles sabem que a casa está sendo transferida para o meu nome. Também sabem que planejo demoli-la antes de vender a terra.

É a casa que Marius Willow deu para sua noiva, Anabelle Scafoni. É onde tudo isso começou e estou terminando.

Uma vez que a terra seja vendida, eu lhes darei o dinheiro, será dividido entre meus pais e irmãs, porque não quero um centavo dele. Não quero nada com isso ou com eles, porque estou com raiva. Estou com raiva de todos eles.

Meus pais me venderam, teriam vendido qualquer uma de nós e minhas irmãs viveriam desse dinheiro. Não posso perdoá-los, ainda não. Talvez nunca.

Mas não acho que os odeie.

Sebastian se oferece para destruir o pesado volume que contém os registros das *Mulheres Willow*, mas não aceito. Quero ficar com isso, uma Willow deve mantê-lo. Devemos nos lembrar delas, porque foram deixadas de lado por suas famílias também. Foram vendidas e tiveram suas vidas destruídas.

E tê-lo debaixo do meu braço enquanto saímos daquele prédio, é quase como uma irmandade, é o certo. Tão certo quanto aquele anel de osso estava errado.

— Almoço? — Sebastian pergunta.

— Estou morrendo de fome. — Digo. Parece que estou sempre morrendo de fome desde que descobri que estava grávida.

Grávida de quadrigêmeos.

Podemos descobrir o sexo dos bebês daqui a alguns meses, mas já sei e acho que ele também. Nós teremos quatro meninas.

Ele pega minha mão e nós caminhamos para o mesmo restaurante que viemos a última vez que estivemos aqui. Sentamos na mesma mesa, exceto que hoje, parecemos ser os únicos clientes. Uma vez que ele tem uma taça de vinho e estou tomando água, ele se inclina em minha direção.

— Como você está se sentindo sobre as coisas? Os bebês?

— O que você quer dizer?

— Você quer mantê-los?

Eu olho para ele.

— Isso nunca foi uma dúvida para mim.

— Bom, me sinto da mesma forma. — Ele toma um gole do vinho e coloca a mão no bolso, tira uma pequena caixa de veludo preto e a coloca na mesa entre nós.

Eu olho para ele e meu cérebro leva um minuto para processar, embora meu coração saiba.

— O que você está fazendo? — Pergunto a ele quando abre a caixa.

Eu levo meu olhar para o dele e está sorrindo, mas é um tipo diferente de sorriso do que costumo ver. Este aqui é feliz e um pouco inseguro, talvez.

— No pouco tempo que a conheço, você ficou sob a minha pele, Helena Willow. Você virou minha vida de cabeça para baixo e estou... feliz. Apesar de toda a merda que passamos, estou feliz. Não sei se mereço ser, mas sou. Eu te amo e quero me casar com você. Então, este sou eu dizendo que planejo ficar com você para sempre. Case comigo, Helena.

— Sebastian...

— Agora, se case comigo agora.

Epílogo 2

Sebastian

— E se eu tivesse dito não? — Ela pergunta, enquanto a levo para o meu quarto, nosso quarto, uma vez que estamos de volta à ilha depois da cerimônia civil. Organizei a cerimônia antes de irmos ao escritório de Gallo para assinar aquela papelada e nenhuma vez me ocorreu que ela poderia dizer não.

— Você não iria.

— Você é arrogante, Sebastian Scafoni.

— E você é linda, Sra. Scafoni.

Levanto-a em meus braços quando abro a porta e a carrego para dentro, chutando a porta e colocando-a de pé ao lado da cama.

— Além disso, sou antiquado quando se trata de trazer bebês ao mundo. Quero um casamento primeiro. — Digo.

— Ainda acho que você é arrogante para assumir que eu diria sim.

— Você disse sim.

Eu a beijo, abrindo o zíper do vestido dela, como faço, tirando-o de seus ombros e deixando-o cair no chão. Eu me afasto e olhá-la. Seus seios estão inchados até o dobro do tamanho, dando-me um bom punhado e embora ela diga que vê um inchaço, vejo um pequeno aumento de volume. Talvez.

— Você é linda, sabe disso? — Eu digo.

— Vou engordar.

— Acredito que sim, gorda com meus bebês. E sobre isso, menti mais cedo. Isto é importante. Quero dezenas. Dezenas de meninos e meninas para correr por aqui e trazer alegria de volta para esta ilha. Para esta casa.

Ela ri enquanto eu tiro o sutiã. Ela pega a barra do meu suéter e o tira pela minha cabeça.

Envolvo um braço ao redor dela e a puxo, beijando-a enquanto deslizo a outra em sua calcinha e provocando sua boceta molhada. Eu recuo, olho para ela enquanto passo meus dedos sobre um dos seios antes de girá-la, empurrando-a sobre suas mãos e joelhos na cama e puxando sua calcinha até o meio da coxa.

Abrindo-a, sinto-me voraz repentinamente e abaixo a cabeça para deleitar-me em sua boceta, saboreando-a, lambendo a excitação dela antes

de envolver uma mão em seu cabelo e puxá-la para se levantar para beijar sua boca novamente, com a minha boca pegajosa dela.

As pontas dos dedos dela tocam os músculos da minha barriga, depois descem abrindo meu jeans. Ela desliza a mão para dentro e olha para mim.

— Eu quero provar você, Sebastian.

Porra.

Sim.

Torço minha mão em seu cabelo e a empurro de joelhos. Ela abre a calça jeans e empurra-as para baixo e a vejo me tomar, vê-la de joelhos me engolindo e sei que tomará tudo, preciso me segurar para não explodir em sua garganta.

A luz bate no anel de diamante em sua faixa de platina em seu dedo e sorrio, empurrando-a para trás até que sua cabeça está contra a cama, inclinando-me para ela, observando seu rosto e seus olhos, enquanto ela me toma, enquanto eu fodo sua boca.

Minha esposa.

Ela é minha esposa agora.

Solto um gemido e saio de sua boca, puxando-a para ficar em pé, e quando a beijo, sinto o meu gosto em seus lábios.

Eu a deito na cama e, ainda de pé, deslizo em sua boceta gotejante.

— Porra. Você está sempre tão molhada para mim.

Eu vejo quando ela se estica para me tomar, os sons molhados de sua boceta me deixando mais duro. Não durarei muito e me afasto, a viro. Eu puxo sua bunda e deslizo para dentro dela por trás, meu polegar em seu traseiro, esfregando-o, ouvindo como ela geme.

Eu me inclino sobre ela, aperto suas mãos, entrelaço nossos dedos e sinto meu anel em sua mão esquerda.

— Você é toda minha, Helena. Para sempre. — Digo, minha boca no ouvido dela, na sua bochecha. — Toda minha.

— Eu sempre fui sua, Sebastian. — Diz ela, sua voz ofegante enquanto me beija. — Sempre.

FIM